# MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
# DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

CADERNOS DE CULTURA N.º XV - NOVEMBRO 2001

# MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
## DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XX

**CADERNOS DE CULTURA**

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director
António Lourenço Marques

Editor
António Salvado

**N.º 15 - Novembro 2001**

Secretário
Urb. Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000 Castelo Branco
Telef. 272 342 042

■

Capa:
Mondino de Luzzi (1270-1326)

■

Composição, Impressão e Acabamento:

SEMEDO - Soc. Tipográfica, Lda.
Apartado 18 - 6000-909 Castelo Branco
Telef. 272 324 243 - Fax 272 325 400
Email: semedo.lda@netvisao.pt

■

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo, da inteira responsabilidade dos respectivos autores.

# SUMÁRIO

MEDICINA E ENSINO ..... 3

OS CADERNOS DE CULTURA "MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XX" (1989 -2000). UM CASO ÚNICO NO PERIODISMO PORTUGUÊS
João Rui Pitta e Ana Leonor Pereira ..... 4

CULTURA CLÁSSICA, BARBARISMOS E ARCAÍSMOS EM AMATO LUSITANO (1511-1568).
Alfredo Rasteiro ..... 11

A HISTÓRIA NATURAL DE PLÍNIO, O VELHO, NO OLHAR DE AMATO LUSITANO
Maria Adelaide Neto Salvado ..... 16

A EPILEPSIA NAS CENTÚRIAS DE CURAS MEDICINAIS.
José Morgado Pereira ..... 22

AMATO LUSITANO E O USO DA PALAVRA MÉDICA NA TRADIÇÃO HIPOCRÁTICA.
António Lourenço Marques ..... 25

A CULTURA CLÁSSICA NAS OBRAS DE DOIS GRANDES AUTORES MÉDICOS NATURAIS DA BEIRA INTERIOR:
AMATO LUSITANO E RIBEIRO SANCHES.
Fanny A. Font Xavier da Cunha ..... 30

EGAS MONIZ "...SEGUI IMPERTURBÁVEL O MEU CAMINHO..."
João Nabais ..... 37

EGAS MONIZ E O CONCELHO DE CASTELO BRANCO - PÔR A MEMÓRIA À LUZ.
Pedro Salvado ..... 42

MEDICINA E INQUISIÇÃO NA BEIRA INTERIOR: ESTUDO DE CASOS - DISTRITO DE CASTELO BRANCO.
Joaquim Candeias da Silva ..... 46

ANTÓNIO VAZ, FÍSICO DA GUARDA E MESSIANISTA.
Maria Antonieta Garcia ..... 59

OS QUATRO ELEMENTOS NA ALDEIA DA MINHA MOCIDADE.
Ribeiro Farinha ..... 67

"DIVERTIMENTO" - FANTASIA SOBRE A LENDA DA "CORTIÇADA".
Ribeiro Farinha ..... 71

OS DOZE ANOS DAS JORNADAS DE MEDICINA.
Maria de Lurdes Gouveia Barata ..... 77

LA BEIRA - 2002 - SALAMANCA
José Miguel Santolaya Silva ..... 81

XII JORNADAS DE ESTUDO ..... 82

XII JORNADAS DE ESTUDO - CONCLUSÕES ..... 84

RELAÇÃO DE TÍTULOS DE COMUNICAÇÕES AINDA NÃO PUBLICADAS ..... 85

# Medicina e Ensino

O ensino médico através dos tempos é um capítulo do maior interesse da história da medicina. A preocupação pela transmissão dos conhecimentos desta área e pela aprendizagem das práticas e técnicas ligadas ao exercício da medicina é uma característica perceptível em todo o decurso da história, desde o mundo antigo até à actualidade. As primeiras Escolas médicas apareceram na Grécia antiga, por volta do século VI a. C. Segundo a informação de Platão, no Protágoras, os discípulos ofereciam a Hipócrates um salário "por ele ser médico" e "para se tornarem médicos". Tratando-se, embora, de um ensino livre e individual, a relação estabelecida, vinculada por um salário, indica que este ensino pressupunha alguma norma na sociedade de então. A evolução posterior foi, claramente, no sentido do aparecimento de modelos mais organizados, com a imposição de regulamentos próprios como os que foram introduzidos no Império Romano e nos centros de ensino do Islão. Continuando o fio deste magistério, vamos encontrar as Universidades medievais já bem organizadas - Bolonha, Paris, Oxford, Montpellier - mas a administrar um ensino essencialmente teórico e livresco, embora a aprendizagem da anatomia, faça o seu aparecimento nesta época. No Século XVI, assiste-se a um salto qualitativo. Pádua, Salamanca, Alcalá de Henares são grandes centros universitários onde o ensino médico adquire uma fama a todos os títulos merecida. A anatomia, através da prática da dissecção, a clínica, a cirurgia, a botânica, a farmacopeia, etc., passam a fazer parte do corpus da matéria médica, ensinada por vultos marcantes da história da medicina. É assim que o saber médico e científico entra num processo de desenvolvimento fulgurante. Os séculos posteriores assistem a uma enorme expansão dos conhecimentos e o ensino, cada vez mais aperfeiçoado e exigente, reflecte o êxito da ciência e da medicina triunfantes. A componente teórica e livresca cede parte do seu palco ao ensino da clínica e das disciplinas científicas conexas com o saber médico. Para além dos conhecimentos das ciências básicas e da prática da investigação experimental, entram em cena as especialidades médicas, a partir do século XIX. E a passagem a um movimento acelerado do progresso dos conhecimentos, no qual as universidades são, em grande medida, o seu cadinho e a sua chama.

E, no início do terceiro milénio, o ensino médico regista novos avanços decisivos. Para isso contribui a acumulação imensa de conhecimentos e a possibilidade de acesso, em todos os locais, a um acervo inesgotável de saberes disponíveis nas estradas em rede da comunicação. Também os métodos de ensino evoluiram, incorporando esta impressionante capacidade e estimulando a formação, através da troca e da análise de experiências, dos estudiosos envolvidos. A nova apresentação das matérias, em particular, a visão multidimensional da saúde, da doença e do sofrimento, e porque não também da morte, arrastando definitivamente a interdisciplinaridade para a cena, é um dos dados mais interessantes no novo figurino do ensino. A abordagem das dimensões biomédica, social, económica, cultural e ética da saúde e das doenças, que implica o contributo de muitos profissionais, com preparação diversificada, constitui uma das maiores riquezas da medicina actual e, consequentemente, uma das forças mais poderosas para determinar a melhor organização do respectivo ensino.

A direcção

# OS CADERNOS DE CULTURA "MEDICINA NA BEIRA INTERIOR - DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XX" (1989-2000). Um caso único no periodismo português

**João Rui Pita***
**Ana Leonor Pereira****

Em 1999 iniciou-se, sob orientação científica de João Rui Pita e de Ana Leonor Pereira, o projecto de investigação *Repertório Bibliográfico da Historiografia Sanitária Portuguesa. Problemáticas e Fontes Especializadas (Sécs. XVIII-XX)*[1], tendo como sigla SANISTÓRIA. Este projecto visa localizar, identificar e tratar as fontes à semelhança do que há muito se fez e se tem feito noutros países como a Espanha[2]. Para além da publicação de artigos parciais sobre especificidades da história da medicina e da história da farmácia em Portugal, o resultado final deste projecto em curso será um inventário dos periódicos médicos e farmacêuticos publicados em Portugal (ponto de partida para um posterior dicionário dos periódicos médicos e farmacêuticos portugueses) bem como um repertório bibliográfico, compreendendo livros, capítulos de livros e artigos de revistas médicas, farmacêuticas, veterinárias e de enfermagem, e ainda publicações em actas de congressos e monografias diversas. Na fase de ordenamento e classificação dos materiais iremos adoptar os critérios historiográficos convencionais. Neste artigo, limitamo-nos a trazer para primeiro plano os periódicos que se dedicam exclusivamente a temas e objectos da história da medicina e da farmácia. São apenas quatro publicações, uma fracção mínima do vasto conjunto de centenas de jornais e revistas que, por vezes a par de matérias de actualidade científica também abordam temas de história da medicina e ciências afins.

As quatro publicações inteiramente de história da medicina e da farmácia são: os *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* (Porto), a revista *Kalliope - De Medicina* (Coimbra), o boletim *Medicamento, História e Sociedade* (Lisboa) e, ainda, os *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior-da Pré-História ao século XX* (Castelo Branco).

## O trabalho pioneiro dos *Archivos de Historia da Medicina Portugueza*

Os *Archivos de Historia da Medicina Portugueza* são obra de referência no panorama histórico-médico português. Fundados pelo historiador da medicina e professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Maximiano Lemos (1860-1923), os *Archivos* traduziam a preocupação do seu fundador de dar um

ARCHIVOS DE HISTORIA

DA

MEDICINA PORTUGUEZA

REDACTOR PRINCIPAL

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR

PORTO

LEMOS & C.ª — EDITORES

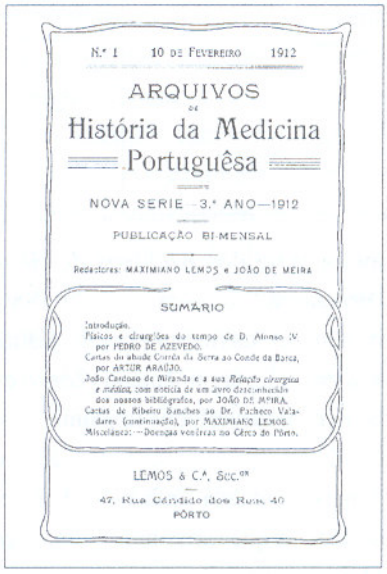
1907

**Primeiro número dos *Archivos de História da Medicina Portugueza***

corpo sistemático e rigoroso à história da medicina em Portugal. Por isso, Maximiano Lemos deu prioridade à publicação de fontes.

A primeira série dos *Archivos de Historia da Medicina Portugueza* publicaram-se entre 1886 e 1889. No primeiro número Maximiano Lemos justifica o interesse do seu projecto, argumentando com o estado de absoluta carência destes estudos fundamentais:

"A decadência em que vão entre nós os estudos históricos é mais acentuada ainda no que diz respeito à história das ciências que raríssimos cultores conta em Portugal. Mais do que isso ainda, os raros trabalhos que aparecem no nosso país sobre esta especialidade vêm geralmente eivados de erros grosseiros e tão mal estamos educados nesses estudos que nem habilitados nos achamos para lhes fazer a crítica conscienciosa".[3] Assim sendo, Maximiano Lemos argumenta a favor da publicação de fontes com o intuito de colocar à disposição de todos os textos capitais da história da medicina portuguesa e de estimular o gosto pelo seu estudo. Conforme se lê, "o programa da nossa publicação em


N.º 1 10 DE FEVEREIRO 1912

ARQUIVOS
DE
História da Medicina
Portuguêsa

NOVA SERIE - 3.º ANO—1912

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

Redactores: MAXIMIANO LEMOS e JOÃO DE MEIRA

SUMÁRIO

Introdução.
Físicos e cirurgiões do tempo de D. Afonso IV por PEDRO DE AZEVEDO.
Cartas do abade Corrêa da Serra ao Conde da Barca, por ARTUR ARAÚJO.
João Cardoso de Miranda e a sua *Relação cirurgica e médica*, com noticia de um livro desconhecido dos nossos bibliógrafos, por JOÃO DE MEIRA.
Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares (continuação), por MAXIMIANO LEMOS.
Miscelânea: — Doenças venéreas no Cêrco do Pôrto.

LEMOS & C.ª, Suc.ºs

47, Rua Cândido dos Reis, 40
PÔRTO

A "Nova série" dos Arquivos de História da Medicina Portuguêsa

poucas palavras pode ser traduzido. Acarretar os materiais para uma história completa da medicina nacional, quer pela publicação de novos documentos quer pela coordenação de outros dispersos por várias obras de difícil consulta, sobretudo para aqueles que vivem longe dos centros intelectuais do país, é a tarefa que cumprirá religiosamente este periódico".[4]

Interrompida em 1889, a publicação dos Arquivos foi retomada numa segunda série, que veio a público entre 1910 e 1923, justamente até ao ano do falecimento do seu fundador. Nesta "Nova série" manteve-se a periodicidade de "bi-mensal" sendo a redacção da responsabilidade de Maximiano Lemos e de João de Meira.

Suspensa a publicação em 1923, os *Arquivos de História da Medicina Portuguêsa* surgem novamente em 1973, desta vez sob a direcção do historiador da medicina, também da escola portuense, Luís de Pina, um dos mais destacados obreiros da história da medicina portuguesa.[5]

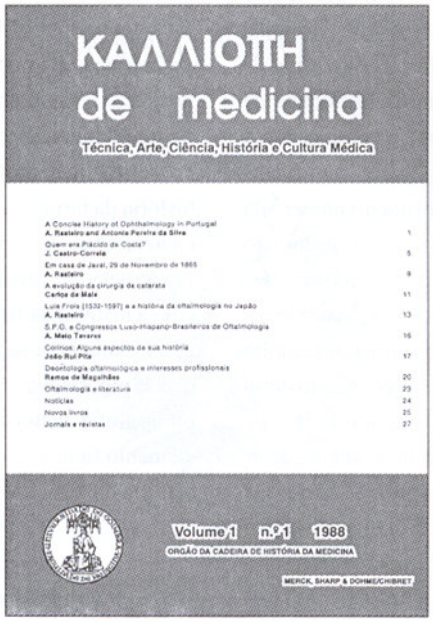
Nas páginas dos *Archivos* foram publicados documentos e estudos sobre aspectos capitais da história da medicina portuguesa, assinados pelo redactor principal Maximiano Lemos e por outros investigadores como F.A. Rodrigues de Gusmão, Ricardo Jorge, Sousa Viterbo, Teófilo Braga, Pedro A. Dias, João de Meira, Pires de Lima, Costa Santos, Pedro Vitorino, etc., autores que Maximiano Lemos considerou como "os mais distintos dos bibliógrafos e historiadores médicos do nosso país".[6] Figuras fundamentais da história da medicina foram abordadas como, por exemplo, Amato Lusitano, Ambrósio Nunes, Estevão Rodrigues de Castro, Francisco Sanches, Ribeiro Sanches, Manuel Constâncio e José Bento Lopes. Do mesmo modo foram publicados estudos e fontes sobre temas importantes da história da medicina portuguesa como, por exemplo, a Real Academia de Cirurgia do Porto, o Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa, as Caldas do Gerez, Médicos Cristãos Novos, a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Camilo Castelo Branco e a medicina, os alienados em Portugal, para além de estudos e documentos sobre doenças, doentes e terapêuticas respeitantes à realidade portuguesa. Sob a direcção de Luís de Pina a revista conservou o mesmo perfil de rigor.

### A importância da revista *Kalliope, De Medicina*

Em 1988 iniciou a sua publicação a revista *Kalliope, De Medicina.* Tratava-se de uma revista editada pela disciplina de História da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e, de acordo com o editor, o docente da disciplina, Prof. Alfredo Rasteiro, destinava-se "à publicação de estudos de história e filosofia da medicina e do medicamento, técnica, arte, ciência, cultura e saber médico".[7] Estabelecia-se no primeiro número a periodicidade semestral e como público preferencial "actuais e futuros médicos, farmacêuticos e biólogos".[8] Infelizmente para o panorama historiográfico nacional, *Kalliope, De Medicina* teve uma vida efémera: foram publicados três volumes o que corresponde a um total de seis números sendo dois deles duplos. Na apresentação do periódico, Alfredo Rasteiro justifica o título da revista: "associação do nome de musa grega de bonitos olhos a título de obra atribuída a Aulus Cornelius Celsus (25 a.C.- 50), figura na primeira estância do canto terceiro de OS LUSÍADAS, 1572, LUIS VAZ DE CAMÕES (1524-1580), escolhido para patrono do órgão da Cadeira de História da Medicina

da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra".[9] Mais acrescentava Alfredo Rasteiro que *Kalliope, De Medicina* se destinava "a dar cumprimento a obrigações resultantes do disposto no artigo n° 63 do Estatuto da Carreira Docente Universitária (Lei n° 19/80)".[10] Lançada aquando da realização em Portugal do VIII Congresso da Sociedade Europeia de Oftalmologia, a revista obteve sempre o apoio do laboratório Merck, Sharp & Dhome/Chibret que possibilitou a sua edição material e distribuição.

Entre os colaboradores da *Kalliope, De Medicina,* para além de Alfredo Rasteiro, constam os nomes de J. Castro-Correia, Melo Tavares, Carlos da Maia, João Rui Pita, Rui Proença. J.J. Carvalhão Santos, Adelino Marques, Ana Maria Bandeira, etc. O primeiro número é inteiramente dedicado à história da oftalmologia, havendo nos números seguintes uma incidência de temas de história da medicina na época da expansão portuguesa. Suspensa em 1990, a revista *Kalliope, De Medicina* não voltou a ser publicada deixando em aberto um espaço importante pois tratava-se, justamente, de uma publicação destinada à abordagem de temas histórico-médicos pertencente a uma instituição universitária, a Faculdade de Medicina de Coimbra.



Primeiro número da revista Kalliope - De Medicina

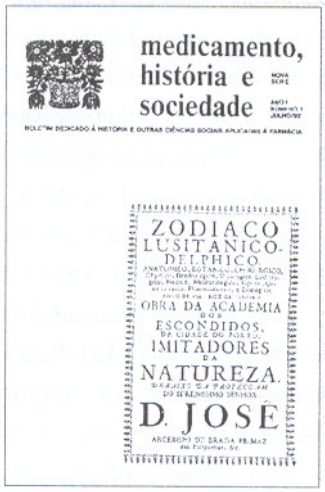
**O primeiro periódico de história da farmácia: o boletim *Medicamento, História e Sociedade***

Em 1985 é publicado o periódico *Medicamento, História e Sociedade,* tendo como sub-título *Boletim dedicado à História e outras ciências sociais aplicadas à farmácia.* Esta publicação foi fundada e coordenada desde o início por J.P. Sousa Dias, investigador e professor de história da farmácia da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa. A publicação deste boletim resultava do entendimento havido entre a Associação Nacional das Farmácias (A.N.F.) e a disciplina de História da Farmácia da referida Faculdade, garantindo-se assim a edição da obra e a sua distribuição como parte da revista *Farmácia Portuguesa.*

No editorial do primeiro número, justifica-se o aparecimento do boletim e as condições da sua publicação. Refere o coordenador J.P. Sousa Dias, que "trata-se, antes de mais, de um projecto que pretende criar um espaço, com carácter simultaneamente científico e didáctico, para esta área das ciências farmacêuticas, partindo da História da Farmácia para todo um conjunto de disciplinas afins, a que é dada a denominação de Sociofarmácia".[11] Por outro lado, o coordenador de *Medicamento, História e Sociedade justifica a sua distribuição com* a revista *Farmácia Portuguesa* como "consequência lógica do facto de esta revista ter tomado há já dois anos a iniciativa de incluir nas suas páginas uma secção dedicada à História da Farmácia e também de ser a única publicação para farmacêuticos, a sair regularmente".[12]

*Medicamento, História e Sociedade* tem duas séries. A primeira publicada entre 1985 e 1991. A segunda ou ''nova série" publicada desde 1992 até ao presente.[13] Nesta nova série o boletim deixou de ser publicado como "separata" da revista *Farmácia Portuguesa,* e passou a vir a público como publicação autónoma, embora editada pela Associação Nacional das Farmácias, tendo a sua redacção na disciplina de História e Sociologia da Farmácia da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa e continuando a ser dirigido por J.P. Sousa Dias.

De acordo com o Editorial do primeiro número da nova série, as modificações operadas no boletim não foram apenas de forma ou administrativas. Introduziram-se critérios mais rigorosos, assumindo-se como um "boletim de carácter científico no âmbito da Sócio-farmácia"[14], e tendo como objectivo a história da farmácia, embora podendo incluir alguns artigos de disciplinas afins. No Editorial salienta-se ainda que as modificações introduzidas na nova série de *Medicamento, História e Sociedade* prendem-se com a revalorização da história da farmácia enquanto disciplina do plano de estudos em farmácia e, simultaneamente, enquanto disciplina científica, sobretudo na Faculdades de Farmácia das Universidades de Lisboa e de Coimbra. Por outro lado, salienta-se no referido editorial, que a nova série do boletim se prende com a revalorização do



Primeiro nº da nova série do boletim *Medicamento, História e Sociedade*

património histórico-farmacêutico, particularmente do Museu da Farmácia pertencente à Associação Nacional das Farmácias.

Com 29 números publicados, *Medicamento, História e Sociedade* tem contado com uma colaboração variada de autores, tendo sido abordados diferentes aspectos da história da farmácia e da história da medicina portuguesas. No que respeita especificamente à história da farmácia e da medicina e temas afins, para além do próprio J.P. Sousa Dias, pode referir-se a presença de autores como A. Correia Alves, Carlos da Silveira, Alberto Fragoso, Aluísio Marques Leal, João Rui Pita, Maria de Lourdes Rebelo, A. Pinho de Brojo, Martins da Silva, João Neto, João Frada, Maria de Fátima Nunes, Ana Luís Janeira, Maria Benedita Araújo, António Leal, Ângela Papa, Maria Paula Basso, e alguns autores estrangeiros como Eugenia Mazuecos Jiménez (Espanha), F. J. Puerto Sarmiento (Espanha), Márcia Ferraz (Brasil), Vera Regina Beltrão Marques (Brasil).

Em *Medicamento, História e Sociedade* encontramos artigos que abordam a história do ensino da farmácia e das instituições farmacêuticas, a indústria farmacêutica portuguesa, a farmácia hospitalar, a problemática dos droguistas, o exercício profissional farmacêutico em Portugal, a matéria médica, os cosméticos, a imprensa farmacêutica, biografias de farmacêuticos portugueses, museus de farmácia e património histórico-farmacêutico, hidrologia médica e farmacêutica, problemas teóricos sobre o ensino da história da farmácia e da história da farmácia enquanto ciência. Deve indicar-se, também, as informações que são fornecidas nalguns números sobre *sites* relacionados com a história da farmácia e a história das ciências em geral. Salientem-se também alguns textos publicados que se reportam ao estudo e publicação de fontes ou de bibliografía histórico-farmacêutica, sem dúvida um elemento fundamental para o progresso consistente da história da farmácia enquanto disciplina científica.

**O caso único dos *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior-da Pré-História ao século XX* em honra de Amato Lusitano**

Em 1989 iniciou-se na cidade de Castelo Branco a publicação dos *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior-da Pré-História ao século XX,* sob a direcção de António Lourenço Marques e edição de António Salvado. Os trabalhos insertos no primeiro número resultam da adaptação das comunicações apresentadas nas I Jornadas de História da Medicina da Beira Interior realizadas na Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco em 31 de Março, 1 e 2 de Abril de 1989. Começava, assim, um processo editorial regular que até hoje tem preenchido um espaço importante no panorama dos periódicos portugueses nesta área.

Merecem ser sublinhados, também, dois aspectos *sui generis* que dizem respeito a esta publicação. Ela surge por iniciativa dos investigadores provenientes de duas áreas distintas: A. Lourenço Marques, da medicina e António Salvado das humanidades; ambos também suportam a organização das referidas Jornadas. É de notar que a publicação desta revista surge numa cidade - Castelo Branco - onde não existe uma Faculdade de Medicina e além disso, encontra-se distante dos meios institucionais que deveriam levar a bom termo publicações nesta área.

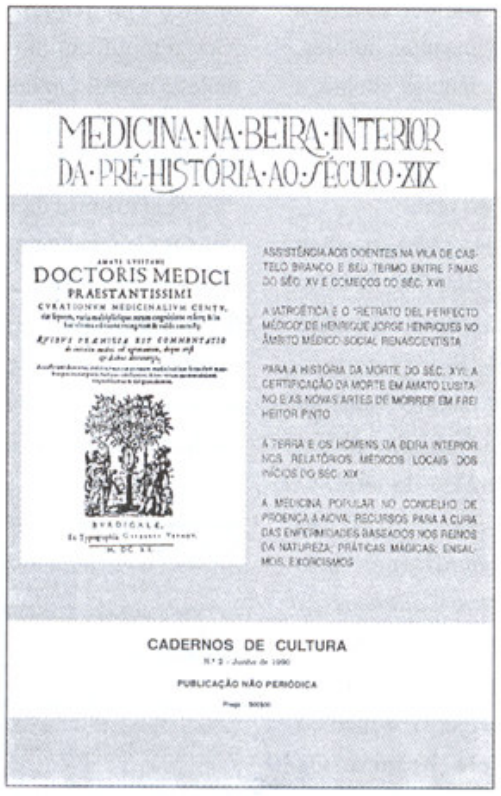
É igualmente motivo de consideração o facto de existir nesta cidade uma tradição de estudos sobre Amato Lusitano, designadamente os trabalhos de José Lopes Dias. Sabe-se que, entre outros, três grandes vultos da história da medicina portuguesa são originários desta região, Amato Lusitano de Castelo Branco, Garcia de Orta de Castelo de Vide e Ribeiro Sanches de Penamacor. Sem dúvida, Castelo Branco tem fortes razões para investir na história da medicina. Mas do motivo ao acto vai uma grande distância e por isso os *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XX,* pela sua regularidade, originalidade e qualidade dignificam a história da medicina portuguesa e testemunham a perseverança, inteligência e os dotes organizativos de A. Lourenço Marques e de António Salvado.

*Os Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior-da Pré-História ao século XX* continuam a publicar as conferências e as comunicações apresentadas nas jornadas anuais. Sob o título, "Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XX", as jornadas têm reunido especialistas portugueses e estrangeiros de diversas áreas científicas "com especial incidência da área das Ciências Humanas"[15], com o objectivo de "em primeiro lugar, enriquecer o conhecimento desse personagem ímpar da Renascença europeia, nascido em Castelo Branco, que foi Amato Lusitano".[16] Em segundo lugar, as jornadas visam abordar "outras realidades da história cultural da Beira Interior, concretamente os aspectos relacionados com a história da medicina naquela região interior do país".[17] Entre 1989 e 2000 foram publicados 14 números. Um número por ano, com excepção de 1990 e de 1991 em que saíram dois números por ano.

Os *Cadernos de Cultura* são um bom exemplo da convergência de esforços interdisciplinares enquanto caminho renovador da história da medicina, processo que tem sido defendido e aconselhado por autoridades como Mirko Grmek.[18] Nos *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior-da Pré-História ao século XX,* as diferentes leituras construídas sobre Amato Lusitano testemunham o valor historiográfico da prática interdisciplinar resultante do diálogo entre o olhar médico, antropológico, sociológico, etnológico, etc. O tratamento de outros temas da história da medicina

denota as mesmas preocupações de rigor, de contextualização e objectivação interdisciplinar.

Percorrendo a revista do n.° 1 ao n.º 14, ou seja, de Novembro de 1989 a Novembro de 2000, encontramos um total de 683 páginas de artigos, para além de algumas páginas de editoriais, de noticiários e de índices. Foram publicados, no total, 139 artigos da responsabilidade de 48 autores diferentes. Predominam os trabalhos individuais havendo apenas quatro trabalhos de colaboração. Dos diversos autores que publicaram nos *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XX,* 14 são médicos (86% do sexo masculino) e 30 são investigadores de outras áreas (53% do sexo masculino e 47% do sexo feminino).[19] Os autores das áreas distintas da medicina repartem-se do seguinte modo: 20 são investigadores e docentes do ensino superior, 2 engenheiros, 2 jornalistas, 2 antropólogos e 4 provenientes de outros ramos. Ou seja, em termos percentuais, cerca de 42% são docentes e investigadores, cerca de 29% são médicos, 21% são provenientes de outras actividades, não estando identificada a actividade de 8%. No seu conjunto, os médicos, e os docentes representam cerca de 70% do total dos autores. Esta simples diversidade de formação dos autores faz dos *Cadernos de Cultura* uma publicação original e fecunda de história da medicina. Quanto à produção científica dos grupos de autores referidos, os 14 médicos produziram 42 artigos, ou seja, cerca de 30% do total, o que dá, em média, cerca de 3 artigos por autor, valor um pouco falso pois quatro deles, Alfredo Rasteiro, António Lourenço Marques, José Morgado Pereira e Romero Bandeira, têm a responsabilidade de 34 artigos. Os restantes autores, em grande parte provenientes das ciências sociais e humanas, são responsáveis pela publicação de 97 artigos, ou seja em média três artigos por autor, o que corresponde praticamente à repartição real.




Os dois primeiros números dos *Cadernos de Cultura*

No total de 139 artigos, 44 deles (32%) abordam temas relacionados com Amato Lusitano que, de resto tem sido o núcleo duro das Jornadas, bem como dos *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XX.* Por outro lado, 38 dos 139 artigos tratam temas de história da medicina na Beira Interior, ou seja, cerca de 27% do total.

Amato Lusitano como figura central das *Jornadas* de história da medicina tem necessariamente larga presença nos *Cadernos de Cultura.* Amato Lusitano tem sido abordado em diversas vertentes o que faz da revista, desde logo, um valioso repertório bibliográfico histórico-médico sobre João Rodrigues de Castelo Branco. Os *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XX* são paragem obrigatória para o estudioso de Amato Lusitano e das leituras sobre ele produzidas na última década. Vejamos, quais os temas relacionados com Amato publicados na revista: questões biográficas[20], a solidariedade médica[21], a morte[22], o nascimento[23] o doente moribundo e incurável[24], espaço geográfico[25], plantas aromáticas e medicinais[26], a dor [27], o cancro[28], as catástrofes naturais[29], a melancolia[30], a oftalmologia[31], estudos sistematizados das centúrias[32], a velhice[33], a mulher[34], a alimentação[35], terapêutica[36], saúde oral[37], a água[38], a ironia[39], os quatro elementos[40]. Na verdade, Amato Lusitano e a sua época são uma fonte

inesgotável de temas e problemáticas para a história da medicina, seja a internalista seja a história socio-cultural da medicina.

**Conclusão**

Em Portugal os *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XX,* juntamente com o boletim *Medicamento, História e Sociedade* são as duas únicas publicações devotadas actualmente à história da medicina e à história da farmácia.

Os 14 números dos *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século* XX exemplificam a possibilidade e a fecundidade do diálogo interdisciplinar também na história da medicina. Ilustram a riqueza desta área de estudos e simultaneamente deixam entender o quanto há a fazer na e pela história da medicina.

Os *Cadernos de Cultura* constituem, sem dúvida, um marco singular na historiografia médica portuguesa, do mesmo modo que a realização das *Jornadas* constituem o raro, senão único caso com calendário regular anual, de reuniões científicas de história da medicina em Portugal.

** Professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Investigador e Coordenador do Grupo de História e Sociologia da Ciência do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra /CEIS 20.*

*** Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigadora e Coordenadora do Grupo de História e Sociologia da Ciência do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra /CEIS 20.*

## Notas

1 Projecto de investigação PRAXIS/P/HAR/13.114/1998 financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Ciência e da Tecnologia). O presente artigo foi elaborado no âmbito do referido projecto de investigação.

2 Vide Josep Lluis Barona. *Ciencia e Historia,* Valencia, Seminari d'Estudis Sobre la Ciencia, 1994. Vide também, para a história da farmácia, os trabalhos, já clássicos, desenvolvidos por Jose Luis Valverde e que foram suporte imprescindível para o progresso da história da farmácia em Espanha: *Bibliografia Española de Historia de la Farmacia,* Granada, Universidad de Granada, 1971: "Hacia un estudio metodológico del alcance y contenido de Historia de la Farmacià"*, Boletin de la Sociedad Española de Historia de la Farmacia*, 26(102)1975. pp. 112-123; "Orientación bibliografica basica para la Historia de la Farmacia", *Ars Pharmaceutica*, Granada, 17(1)1976, pp. 117-148; "La Historia de la Farmacia que se ha escrito", *Ars Pharmaceutica*, Granada. 17(2-3)1976, pp. 325-357; "Analisis de las implicaciones fundamentales de la Historia de la Ciencia", *Boletin de la Universidad de Granada*, 36(111)1975-1976. pp. 5-41. Para a história da medicina em Espanha devem sublinhar-se os estudos que têm sido desenvolvidos por J.M. Lopez Piñero e seus colaboradores, fortemente preocupados com a actualização bibliográfica e com a inventariação de fontes. Vejam-se referências a alguns roteiros, repertórios ou bases de dados internacionais sobre história da medicina na obra de J.M. Lopez Piñero, *La información científica en medicina y sus fuentes*, Valencia, Instituto de Estudios Documentales e Históricos sobre la Ciencia, 1993.

3 Cf. "Introducção", *Archivos de Historia da Medicina Portugueza*, 1, 1887, p. 1.

4 Cf. Idem, pp. 1-2.

5 Sobre o fundador dos *Archivos* ver, por exemplo, a brevíssima síntese de Barbosa Sueiro intitulada *O Grande Historiador da Medicina Professor Maximiano Lemos*, Lisboa, 1966 e o estudo de Hernâni Monteiro, *Biografia de Maximiano Lemos*, publicado em suplemento à *História do Ensino Médico no Pôrto* (1925) e mais recentemente em apêndice ao segundo volume da 2ª edição da obra de Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal. Doutrinas e Instituições*, Lisboa, Publicações Dom Quixote/ Ordem dos Médicos, 1991. Sobre Luís de Pina, veja-se, por exemplo, Mário Cardoso, Prof. Doutor Luís de Pina, *Revista de Guimarães*, 82:1-2 (1972) 109-114.

6 Cf. "Introducção" , *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa*, 1, 1887, p. 2.

7 Cf. primeira página do primeiro número da revista *Kalliope, De Medicina*.

8 Cf. primeira página do primeiro número da revista *Kalliope, De Medicina*.

9 Idem.

10 Idem.

11 "Editorial - O que é Medicamento, História e Sociedade?", *Medicamento, História e Sociedade*, 1 (1) 1985, p. 1.

12 Idem.

13 Há um certo atraso na sua publicação. O último número publicado corresponde ao nº 15. Set/Dez. de 1999.

14 "Editorial", *Medicamento, História e Sociedade*. nova série 1(1) 1992, p. 1.

15 "Medicina e Transdisciplinaridade", *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XXI*, 14. 2000, p. 4.

16 Idem, p. 4.

17 Idem. p. 4.

18 Sobre este assunto e concretamente sobre a medicina, veja-se a introdução do primeiro volume da

obra dirigida por Mirko Grmek, *Histoire de la pensée médicale en Occident*, vol. 1, Paris, Seuil, 1995, sobretudo a partir da página 18; vide também o artigo de Ana Leonor Pereira e João Rui Pita. "Histórias da medicina e da farmácia na oficina do profissional da história", Revista Portuguesa de Farmácia. 51 (1) 2001, pp. 17-25.

19 Não há indicação de actividade para 4 autores, todos do sexo masculino.

20 Cf. Alfredo Rasteiro, "Memória de Amato", *Cadernos de Cultura - Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XX*, 5, 1992, pp. 3-8; Alfredo Rasteiro, "Amato, Vesálio, Paré", 6, 1993, pp. 20-21; Firmino Crespo, "Alguns aspectos da vida e obra de Amato Lusitano", 8, 1994. pp. 3-4: Alfredo Rasteiro, "Amato e os Nasci", 9, 1995, pp. 3-10.

21 Cf. Alfredo Rasteiro, "João Rodrigues Castelo Branco e a solidariedade médica na luta contra a doença e a morte", 1, 1989, pp. 16-18.

22 Cf. António Lourenço Marques, "Para a história da morte no século XVI. A certificação da morte em Amato Lusitano e as novas artes de morrer em Frei Heitor Pinto", 2, 1990. pp. 26-30.

23 Cf. António Lourenço Marques, "Amarguras do nascimento e o génio de Amato Lusitano", 10, 1996. pp. 21-24.

24 Cf. António Lourenço Marques, "A medicina e o médico perante o doente moribundo e incurável, no séc. XVI - testemunho de Amato Lusitano", 4, 1991, pp. 13-15.

25 Cf. Maria Adelaide Neto Salvado, "Espaço geográfico nas centúrias de Amato", 5, 1992, pp. 9-15; Alfredo Rasteiro, "As Índias de Castela e Índias de Portugal na obra de Amato Lusitano", 12, 1998, pp. 8-12.

26 Cf. A M. Lopes Dias, "Algumas plantas aromáticas em Amato Lusitano", 5, 1992, pp, 16- 18; A. M. Lopes Dias, "Plantas usadas por Amato", 6, 1993, pp. 24-28; A. M. Lopes Dias, "A botânica da bacia mediterrânica em Amato Lusitano", 11, 1997, pp. 32-36.

27 Cf. António Lourenço Marques, "A realidade da dor nas curas de Amato Lusitano", 5, 1992, pp. 19-22.

28 Cf. António Lourenço Marques, "A procura da idade do cancro nas centúrias de Amato Lusitano", 9, 1995. pp. 21-24.

29 Cf. Maria Adelaide Neto Salvado, "Catástrofes naturais na visão de Amato Lusitano", 6, 1993, pp. 15-19.

30 Cf. José Morgado Pereira, "A melancolia nas centúrias de Amato", 7, 1993. pp. 3-6.

31 Cf. Alfredo Rasteiro, "Amato, Montalto e a arte dos olhos nos séculos XVI e XVII", 8, 1994, pp. 5-10.

32 Cf. A. M. Lopes Dias. "Estudo da Primeira Centúria de Amato Lusitano", 8, 1994, pp. 11-16; Fanny Andrée Font Xavier da Cunha, "A arte de curar em Amato Lusitano (1511-1568) e o quotidiano terapêutico português no século XVIII. Panaceias nossas de cada dia. "ontem e hoje", 9, 1995, pp.11-20.

33 Cf. António Lourenço Marques. "A velhice no tempo de Amato Lusitano", 8, 1994, pp. 17-20.

34 Cf. Maria Adelaide Neto Salvado. "O mundo feminino do século XVI no olhar de Amato Lusitano", 10, 1996, pp. 3-8; Albano Mendes Matos, "A mulher e as suas doenças em Amato Lusitano", 10, 1996. pp. 9-12; Alfredo Rasteiro, "A mulher, o sofrimento e a compaixão na obra de Amato Lusitano", 10, 1996, pp. 13-20.

35 Cf. Alfredo Rasteiro, "A receita do "manjar dos fígados" do doutor Amato lusitano", 11, 1997, pp. 3-8; Fanny A. Font Xavier da Cunha, "A alimentação na obra de Amato Lusitano (1511-1568)", 11, 1997, pp. 9-14; Adelaide Neto Salvado. "Os frutos e as leguminosas nas curas de Amato Lusitano", 11, 1997. pp. 15-22; António Lourenço Marques, "O vinho na época de Amato Lusitano", 11, 1997, pp. 23-26; José Morgado Pereira. "Os comportamentos alimentares nas centúrias de curas medicinais", 12, 1998, pp. 4-7; José Morgado Pereira, "A doença e a condição feminina em Amato", 11, 1998, pp. 21-24.

36 Cf. Albano Mendes de Matos, "Os produtos de origem animal na terapêutica de Amato Lusitano", 12, 1998, pp. 13-20.

37 Cf. Manuel Lourenço Nunes, "A saúde oral em Amato Lusitano", 12, 1998, pp. 25-26.

38 Cf. Alfredo Rasteiro. "A água em 'De Materia Medica' Dioscórides. Segundo Amato Lusitano e Andres Laguna", 13, 1999, pp. 5-9: Fanny André Font Xavier da Cunha, "A água. medicina universal e Amato Lusitano (1511-1568). 13. 1999. pp. 10-18; António Lourenço Marques, "A água e a vida quotidiana à luz das IV e V centúrias de curas medicinais de Amato Lusitano", 13, 1999, pp. 19-22; Maria Adelaide Neto Salvado, "As Águas Santas - das velhas crenças à voz de Amato Lusitano", 13, 1999, pp. 23-29.

39 Cf. José Morgado Pereira, "A ironia em Amato Lusitano", 13, 1999, pp. 30-34.

40 Cf. Alfredo Rasteiro, "Quatro elementos, reacção hipocrática peninsular, Amato Lusitano e 'O Múmia'", 14, 2000, pp. 13-18; Maria Adelaide Neto Salvado, "Os quatro elementos, os astros, as doenças e o homem - a visão de Amato Lusitano", 14, 2000. pp. 21-28; Fanny A. Font Xavier da Cunha, "O 'fogo' na obra de Amato Lusitano", 14, 2000, pp. 30-33; António Lourenço Marques, "Os quatro elementos e a vida quotidiana dos doentes na obra de Amato Lusitano", 14, 2000, pp. 34-37.

# CULTURA CLÁSSICA, BARBARISMOS E ARCAÍSMOS EM AMATO LUSITANO (1511-1568)

**Alfredo Rasteiro***

Ao longo do século XX muitas portuguesas e muitos portugueses receberam educação em escolas para «lusitos» e «lusitas», hipertrofiaram o mito dos lusitanos, esqueceram Celtas e Iberos e não cuidaram a herança.

Amato Lusitano (1511-1568) recordou a pátria mítica Lusitânia no nome que escolheu e criou o neologismo *«Lusitanice»* para designar vocábulos portugueses.

Américo da Costa Ramalho em «Estudos Camonianos», INIC, 1980 e em «Estudos sobre o século XVI», INIC, 1983 mostrou que os termos Lusitania e Lusitano tinham sido utilizados por D.Garcia de Meneses, em 31 de Agosto de 1481, num discurso ao papa Xisto IV; que Elio António de Nebrija foi buscar «Lusum» e «Lysam» a um texto de Marco Varrão («Elegia de patria antiquitate et parentibus authoris»): que o italo-castelhano Pedro Martir d'Anghiera, em 27 de Maio de 1488 declarou este tema sem conteúdo: «Lusitanum te uis appellem, possum et Hispanum largius»; e que Lucio André de Resende **Lusitano** utilizou o epónimo Lusitano num poema de 1531 e lançou o epónimo na «Oratio pro rostris» de 1 de Outubro de 1534.

Porém, em Julho de 1551 André de Resende esquece esta moda na «Oratio habita» pronunciada em Coimbra, no «gymnasio regio», ao contrário de Amato que, por essa época, divulgou a expressão LUSITANO por toda a Europa, com crescente orgulho. Natália Correia, no fim do terceiro quartel do século XX, dirá que «Todos somos Hispanos».

Toda a Obra de Amato é de sabor clássico (J.Firmino Crespo: MEDICINA NA BEIRA INTERIOR, 1994, 8, 3-4) e as CVRATIONVM MEDICINALIVM CENTVRIAE SEPTEM traduzidas por Firmino Crespo, sob os auspícios da Universidade Nova e de Luis Nuno Ferraz de Oliveira, começam com recomendações hipocráticas: - Que o médico seja instruído, dedicado, agradável e sério, tenha apresentação, conversa, ar, vestuário, penteado, unhas e cheiro convenientes, cure com determinação e eficácia, ajude e não prejudique, não empate e procure ajudar o doente. Depois, Amato lança-se na poesia:

«Sunt bis quinque tibi humores ut noveris omnes,
Et valeas aegro removere e corpore morbos,
Nempe color, casusque, vocant simptomata Graeci,
Et regio, et tempus, morbusque his additur aetas,
Natura, et victus, mutatio temporis, arsque.»

Vamos encontrar tradução portuguesa destes versos na *«NOVA PRATICA E THEORICA DE CIRURGIA que trata de todos os accidentes, causas, sinais, pronosticos, e cura delles, que podem sobrevir a todas as feridas composta pelo mesmo Author»* que foi acrescentada muito postumamente, em 1705, à «LUZ VERDADEIRA, E RECOPILADO EXAME DE TODA A CIRURGIA, 1670,1683,1693,1705,1757», de António Ferreira (1616-1679) e sabemos, por uma nota de rodapé da «História da Medicina em Portugal», 1899 de Maximiano Lemos (1860-1923), que a 3ª edição da LUZ VERDADEIRA, 1693 fora custeada pelo Doutor Ignácio Lopes de Moura, filho do autor. Consultei um exemplar da edição de 1757, publicado numa época de grande confusão, no período do grande Terramoto (1755-1780), da conspiração de 1756, do atentado de 1758, dos motins contra a Companhia Geral da Agricultura e Vinho do Alto Douro (1757), anterior à abolição das diferenças legais entre cristãos velhos e cristãos novos e anterior à apresentação do projecto para a nova cidade de Lisboa (1769). A confusão reinante, o desabamento do Hospital de Todos os Santos, a existência de uma Universidade que não formava os médicos de que o País carecia e os ventos de mudança trazidos por Pombal, explicam a reimpressão do livrinho de António Ferreira e a inclusão de referências a autores proibidos, como João Bravo (1596?-1637?), afastado na devassa de 1619-1624 e recordado, entre outras, com a frase: «... o ofício do Médico não é sarar, porém fazer todo o possível para sarar...» ou Amato Lusitano, que ninguém

menciona no COMPENDIO HISTÓRICO DO ESTADO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 1771.

Pouco sabemos da política cultural do santo ofício, das suas artimanhas e das formas utilizadas para as contornar. A atribuição de textos a quem já não é deste mundo dilui responsabilidades, branqueia atrasos culturais e facilita a difusão de ensinamentos *proibidos.* O *Aditamento* atribuido a António Ferreira, por seu filho, vinte e seis anos após a morte do Autor, recorda Amato numa nota marginal (14) relativa à apresentação das CENTÚRIAS e no texto seguinte: *«Convém pois, segundo Amato Lusitano, (14) ao cirurgião, para que perfeitamente exercite sua arte, trazer sempre dez cousas no entendimento:*

Dez cousas deveis trazer
Sempre frescas na memoria,
Para que com muita gloria
Possais os males vencer:
Tempo, modo de viver,
A cor, e enfermidade,
A natureza, a idade,
A arte, e a região,
Os accidentes que dão,
*E dos tempos a variedade.»*

Estes versos, numa Obra atribuida ao grande cirurgião do século XVII, homónimo do humanista António Ferreira (1528-1569), transmitem o sentido *«Sunt bis quinque...»* destacado por Amato e conservam a graça do *«Cito, tuto, & iucundè», «alegria, eficácia e desembaraço»* das regras de vida dos Asklepiadas, ausente na tradução sensaborona de Firmino Crespo, que se segue: *«São duas vezes cinco, ao todo, as circunstâncias a atender para conseguir afastar as doenças do corpo doente, a saber: a aparência (color), a enfermidade (causas) - os gregos chamam-lhe sintomas- o sítio (regio), o tempo, a evolução, a idade, a natureza, a alimentação, a mudança de tempo (mutatio temporis) e a profissão (ars).»*

Caetano José Pinto de Almeida (1783-1798) na «HISTORIAE CHIRURGICAE EPITOME», 1790 louvou a «Luz Verdadeira, e recopilado exame de toda a Cirurgia», a que se segue *«A nova pratica, e theoria da mesma Cirurgia».* Na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Coimbra não existe *LUZ VERDADEIRA.* O MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA possui um exemplar da 5.ª edição da LUZ VERDADEIRA, 1757, sem folha de rosto nem menção de Autor, 526 páginas vistas pelo santo ofício, com autorização do Paço emitida em 25 de Agosto de 1757, que incluem uma NOVA PRÁTICA E THEORICA DE CIRURGIA, com referências a Amato (página 426).

Enquadrada em dez temas, exaustiva e bem ordenada, a feitura de uma História Clínica obedece a uma metodologia que exige rigor e se renova, no dia a dia. Já era assim nos templos de Asclepio. Foi assim com Hipócrates, em Cós. Era assim em Pérgamo e, com Galeno, passou a Roma: *«Se quizeres afastar a doença de um corpo doente/ há dez coisas que deverás inquirir/ aspecto, queixas, sintomas,/ localização no espaço, localização no tempo e outras doenças,/ constituição fisica, hábitos alimentares, estado de espírito, ocupações». Foi* assim para Amato. É assim.

Os doentes necessitam confiar no médico e o médico deve agir atempadamente, com alegria, segurança e eficácia.

Da mesma forma que não é possível dizer, em relação a Garcia d'Orta (1500-1568) e aos COLOQUIOS, 1563 se o soneto «*Do autor,falando cõ ho seu libro»* é, ou não, o primeiro soneto impresso de Luis de Camões, não é possível comentar a influência de poetas, como Diogo Pires, na escrita de Amato.

Diogo Pires (1517-1607) sabia de medicina e não a exercia, como o seu contemporâneo Luis Vaz de Camões (1524-1580), ambos bebiam uns «copos» com os amigos e Pires tornou-se, «*sem sombra de dúvida, um dos maiores poetas novilatinos do Renascimento português»,* no dizer de Américo da Costa Ramalho e de Carlos Ascenso André: «Diogo Pires», INIC, 1983.

Depois da História clínica, vem o acompanhamento do doente, a teoria dos números e o elogio do número 7. E hoje, na alvorada do século XXI, recordo Pitigrilli e uma sua fabulação relativa aos poetas que se reuniram no Olímpo e inventaram a Prosa, a mais nobre de todas as Artes e volto novamente ao sete e a uma afirmação de Cícero, cotado em Amato: «*O número sete é o nó de todas as coisas».*

Antes da Era da Penicilina, substância descoberta por Alexander Fleming (1881-1955) em 1928, comercializada após a guerra de 1939-45, «sabia-se» que a pneumonia lobar típica evoluia em **sete** dias. O magnífico livrinho de cabeceira de Gregório Marañon: MANUAL DE DIAGNÓSTICO ETIOLÓGICO, 9ª edição, 1956 mantém a crença no número sete, quando descreve os «Síndromes NEUMÓNICOS»: «*Los síntomas se acentúan hasta el final de la primera semana; entre el séptimo y el octavo dias, generalmente, la fiebre desciende bruscamente o por escalera rápida, con sensación de bienestar; ...».* Eram as etapas seguidas na evolução de uma pneumonia lobar típica, até à cura em crise, antes da Era dos Antibióticos.

A importância do número *sete* passa ao lado da série de Fibonacci: 1-2-3-5-8-13-21-34-55-... («Liber Abaci», 1202), respeita os ciclos da Natureza e as suas simetrias. Amato rejeitava a superstição e aceitava os números, tinha exigências estéticas, amava a harmonia e respeitava o equilíbrio. Escreveu sete vezes cem notas clínicas, mais uma, supranumerária. Contabilizou 700. Na verdade, a

primeira Centúria repete o número LIII, que é um número primo, apenas divisível por si próprio e inclui um caso pessoal, a Memória 29, múltiplo de sete, que poderia ter dispensado. A repetição do número LIII, pode ter surgido por razões de simetria. Cincoenta e três, um cinco e um três, somados dá oito, a remeter para o octacórdio e o heptacórdio das «harmonias» pitagóricas, presente na série Fibonacci.

As Memórias XLIII e LIII ocupam três linhas, na tradução Firmino Crespo. Referem-se, respectivamente, a um frade cozinheiro, suado e gordo e a uma mulher da vida, que tossia e escarrava. A PRIMEIRA CENTÚRIA contém 43 Notas clínicas que dizem respeito a mulheres, 43, quatro e três são sete e regista 57 Casos clínicos relativos a homens. Estes números, 43 e 57, cada um está afastado 7 unidades da meia centena e ambos são *Números Primos,* apenas divisíveis por si próprios. Pode tratar-se de um acaso, pode ser um jogo ou um simples gracejo, como o é este apontamento.

Questões estéticas, de equilíbrio e de harmonia estão presentes em todas as notas clínicas de Amato, desde a «Curatio Prima», «*in qua agitar de viperae morsus curatione»,* em que o *pé* da *virgem* foi mordido pela cobra, até à preocupação com a mulher do sifilítico, de bonita presença, que não merecia ser marcada pela doença do marido (SEXTA CENTÚRIA, XLVIII).

Amato Lusitano 1511-1568
(Des. de Alfredo Rasteiro).

Amato era um Humanista da Renascença, escrevia fluentemente em latim e acrescentava-o com neologismos, utilizava termos gregos, hebreus, árabes, ladinos, castelhanos, toscanos, portugueses, germânicos, ingleses e outros. No final do século XX, em tempos de *«bigbródio»,* lembro que foi este Lusitano quem primeiro utilizou o prefixo «big», em «**biguorda**», *salsaparrilha* nos nossos dicionários, uma planta que os «nossos portugueses» viram em *sarçal* e que, por isto mesmo, continua *sarsaparilla* para os ingleses, verdadeira-mente uma «big word».

Firmino Crespo traduziu as Centúrias com elevado profissionalismo e cada vez haverá menos latinistas que lhe assinalem as qualidades, e até os defeitos. O acesso a Amato continua muito complicado. Firmino Crespo traduziu Amato Lusitano a partir de uma edição póstuma editada em 1620, em Bordeus, por Gilberti Vernoy e aqui começam as dificuldades e a exigência de uma edição crítica, a partir de edições feitas em vida do Autor. Tenha-se presente o que aconteceu ao IUSURANDUM, uma das peças maiores de toda a Obra, censurado na edição de Bordeus, onde foi amputado da invocação aos «sanctissima eius decem oracula», que consta na primeira versão. Crespo foi mais longe, não traduziu o Juramento e dispensou os comentários do doutor José Lopes Dias, por serem *«trabalho de erudição e compilação»,* decisão que apenas se justificaria por razões economicistas do Editor, atendendo às *«variedades de vocabulário, incluindo neologismos cuja identificação significance não é fácil de interpretar»,* credoras de interesse *«no campo da filologia e da linguística».*

Na primeira CURA, Crespo tropeçou em «**panatella**». Traduziu *«panatela».* Que cousa é *«panatellam allijs concinnatam»?,* «panatella» cozinhada com alhos? «Panis», pão e «tellus, telluris», terra: - «bolo feito na telha»?

O «Bolo do caco», com alhos e manteiga, que é um «ex-libris» da gastronomia madeirense, preenche os requisitos exigidos por esta «panatela». «Panatella», marca de charutos toscanos, é outra coisa.

Na «CURATIO PRIMA, habita apud Lusitanos», há referência a uma fonte de água fresca que curava mordeduras de víbora *«uiperae morsus curatione».* Amato classificou-a *«saluberrimus fons est»,* «é uma fonte salubérrima», tal como as águas do Aqueduto das Águas Livres de Lisboa na inscrição, datada de 1748, que o marquês de Pombal mandou *regravar* em lápide, no Arco da rua das Amoreiras. O professor Firmino Crespo optou por *«fonte maravilhosa»* e fonte maravilhosa é outra coisa. As águas tinham qualidades salutíferas, eram salubérrimas, não eram sobrenaturais. Salutar e salutífero são qualidades daquilo que é bom para a saúde. «Salubérrimo» é onomatopaico, condiz com mergulhos em águas frigérrimas e exclue «Saludar», referente a rezas e benzelhices.

Termos mal compreendidos e mal traduzidos, subvertem textos. Exemplos como estes são numerosos. Exigem conhecimentos linguísticos que

não possuo, sensibilidade poética que desejaria ter e formação médica que procuro.

A abordagem da Obra de Amato terá que ser, necessariamente, multidisciplinar, como se tem feito em Castelo Branco, desde o tempo do Doutor José Lopes Dias (1900-1976) e se tem tentado desde 1989, nas Jornadas da Medicina na Beira Interior, sob a batuta criativa e empolgante de António Salvado e António Lourenço Marques.

Com Amato Lusitano a Medicina judaica portuguesa do século XVI atingiu grande projecção no Mundo e os portugueses sempre o souberam. A «Atalaya da vida contra as hostilidades da morte», 1720 *de João Curvo Semmedo, insere um* «Manifesto que o Doutor Joam Curvo Semmedo médico, morador em Lisboa, faz aos amantes da saúde, & attentos às suas consciencias,» onde afirma que: *«Amato Lusitano, 8 que não só foy grande Médico em Portugal, mas foy muyto estimado entre os Cardeaes, & Pontífices Romanos»* e a LUZ VERDADEIRA, do grande cirurgião António Ferreira foi acrescentada, postumamente, com citações de Amato. Pena é que tão pouco se saiba da Medicina Portuguesa anterior a Pombal e que a Obra de Amato continue pouco estudada, mal divulgada e que não exista em traduções acessíveis, fidedignas, bilingues, críticas, que respeitem edições compostas em vida do Autor.

Até ao século XVIII a Medicina correspondeu à caricatura de Molière (1622-1673): «Clysterium donare, Postea seignare, Ensuita purgare» e a Cirurgia resumia-se a «madurar, modificar, encarnar, encourar e abrandar e metigar a dor», lançando mão de Unguentos de Basalicão, Apostolorum, Áureo, Branco e de Alther, como em António Ferreira: LUZ VERDADEIRA..., 5.ª edição, 1757.

No século XVI a Medicina Judaica procurou libertar-se da sua herança Árabe.

Por exemplo Amato, Garcia d'Orta e outros condenaram os «maumetistas barbaros» (Garcia d'Orta: COLOQUIOS, 1563) que utilizavam mistelas inqualificáveis, como o *múmia,* introduzido na terapêutica pelos árabes, divulgado na Europa pela Escola de Salerno, aceite por Pedro Julião Rebolo (1215-1277), Pedro Hispano, Papa João XXI no TESAURUS PAUPERUM, presente no «Regimento dos preços dos medicamentos», 1589, da responsabilidade de Fernão Rodrigues Cardoso, «cristão-velho», Físico-mor e Lente de Prima na Universidade de Coimbra, natural da Guarda, homónimo do judeu assumido Fernão Cardoso, natural de Celorico, professor em Valhadolid.

*O múmia* era o «liquor» que escorria dos defuntos e era a *carne* dos próprios defuntos. Divulgado na Europa desde o século XII, a partir de Salerno, o *múmia* continuou presente na composição de mistelas características do obscurantismo peninsular-jesuítico dos séculos XVII e XVIII, como o *«Emplastro Apostulorum»,* a *«Água divina», ou* a *«Água chalybeata»* (Maria Benedita Araújo: «O conhecimento empírico dos fármacos nos séculos XVII e XVIII», Cosmos, 1992).

Uma via possível para a pesquisa de especificidades próprias na Arte de curar em «cristãos-velhos», «cristãos-novos», judeus, árabes e europeus, Homens e Mulheres poderá ser a presença ou a ausência do *múmia* nos Regimentos dos preços dos medicamentos e nas prescrições dos médicos.

Aparentemente, a medicina judaica peninsular poderá ter-se libertado do *múmia,* graças a algum tipo de deriva semântica, mercê da qual saiu do *múmia* para os produtos utilizados na mumificação, associando-os sem passarem pelo cadáver, nas pílulas dos «maumetistas bárbaros», detestadas por Garcia d'Orta.

Amato, tanto quanto li, nunca prescreveu o *múmia* e é com alguma perplexidade que deparo com a nota de rodapé «Por mumia. (N. do T.)», sobeja para o meu gosto, acrescentada por Firmino Crespo à CURA IX da SEXTA CENTÚRIA:

«*O filho de Nicolau Boni, patrício de Ragusa, caiu de uma janela (com o estômago vazio, afortunadamente), ficando com contusões no corpo, mas sem ter feito qualquer fractura ou disrupção. Como não admitisse nem escarificações das pernas nem a aplicação de ventosas, após a escarificação da pele, pois tinha apenas quatro anos, mandámos que o envolvessem em pele de carneiro, aquecida há pouco, ou num pano fino de linho embebido de vinho cozido com rosas e cabeças de murta, como já dissemos nestas Centúrias. Depois de envolvido com o pano embebido do referido vinho,* ***bebeu a poção de munia descrita por Mesues****, transpirou e sentiu-se melhor.*»

Amato sabia da existência do *múmia* e, salvo melhor opinião, nunca o prescreveu. Nos comentários à MATÉRIA MÉDICA de Dioscoridis. 1553 dedicou-lhe três curtos períodos marginais, a propósito do *aloes, do asfalto e do açafrão.*

O filho de Nicolau Boni, um garotito de quatro anos, dorido e assustado, joãozinho-baptista em pele de cordeiro, pedia carinhos. Amato tratou este menino como um «Príncipe», como fazemos às crianças. Prescreveu a poção que Mesué (777-857) recomendava para «pessoas importantes», talvez uma «colher de mel dissolvido em água», que é doce e «amacia a voz».

*Munia* tem a ver com cargos e funções. Elegemos assembleias de *munícipes* e execramos *múmias.* Todos os médicos procuram tratar muito bem todas as crianças. Às vezes não têm sorte, como aquele infeliz Calafurra, que administrou um clister de «camomila, arruda e endro» a uma neta de Leão Hebreu, Judas Abravanel, e a menina morreu. Eram plantas inofensivas, utilizadas na culinária e não houve remédio para a doentinha, quem sabe se a *«Menina e*

*moça me levaram de casa de minha mãe para longes terras»* que foi recordada por Bernardim Ribeiro em 1554, em Ferrara, na casa de Abraão Usque. Amato elaborou um parecer sobre este caso em 17 de Maio de 1550 (SEGUNDA CENTÚRIA, XX).

Amato cuidava crianças como o José Maria de Eça de Queirós, OS MAIAS, 1888: «... os *seus dois olhos grandes, de um azul profundo e líquido, pareciam nesse instante maiores, muito sérios, e muito abertos para ele. Estava encostada a um grande travesseiro, toda quieta, com o susto ainda da dor, perdida naquele vasto leito, apertando nos braços uma enorme boneca paramentada, de pêlo riçado, de olhos também azuis e arregalados também. Carlos tomou-lhe a mãozinha e beijou-lha - PERGUNTANDO SE A BONECA TAMBÉM ESTAVA DOENTE. - CRICRI TAMBÉM TEVE DÔR-respondeu ela muito séria, sem tirar dele os seus magníficos olhos».* CRICRI não recusaria uma colher de mel saboreada pela dona e mostraria onde estava o doi-doi.

Amato sabe que *«só os aflitos é que se lembram do médico»* e a sua consciência profissional exige que toda a criança tenha um tratamento de *Príncipe,* «**MUNIA**». Na SEGUNDA CENTÚRIA, LIII a propósito da morte de uma criança, filha de pais avarentos que não quiseram pagar a melhor assistência, lembrou o discurso de Hipócrates, em Abdera. Vai em Latim, para não fugir ao tema:

*«Exige dum dolor est; nam, postquam poena recessit, audebit sanus dicere: multa dedi. Medicis is morbis totus promittitur orbis; mox,fugit a mente medicus, morbo recedente».* Ou seja, «as dores valem dinheiro. Recebe e pisga-te».

---

** Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.*

# A *HISTÓRIA NATURAL* DE PLÍNIO, O VELHO, NO OLHAR DE AMATO LUSITANO

**Maria Adelaide Neto Salvado***

> Este vento (o favonio) fecunda tudo o que vive sobre a terra, porque na Hispânia emprenha até as éguas (...)
>
> Plínio, *História Natural*, Livro XVI

Entre os escritores da Antiguidade Clássica citados por Amato Lusitano encontra-se Plínio, Segundo, o Velho. Nasceu Plínio em Estábias no norte da Itália, no ano 23 ou 24 d. C.. Muito jovem, ingressou nas campanhas militares da Germânia, onde foi companheiro de tenda do imperador Tito.

Uma estreita amizade o uniu também ao imperador Vespasiano, que o nomeou para diversas missões administrativas e militares. Esteve no Egipto, na Síria, no norte de África, na Bélgica e, na Península Ibérica como procurador na Hispânia Citerior.

Em 79, comandava a frota com base em Misenium, perto de Nápoles, quando o Vesúvio entrou em erupção, submergindo Pompeia e Herculano. Para lá se dirigiu em missão de salvamento e lá encontrou a morte.

In *Historia Plantarum Universalis*, Johanne Bauhino

Não são muitas as referências a Plínio nas *Centúrias.* O número de citações varia de *Centúria* para *Centúria:* três citações na 1.ª. 5.ª e 6.ª *Centúrias,* seis citações na 2.ª *Centúria* e, apenas, uma nas 3.ª, 4.ª e 7.ª *Centúrias.* Todas as citações são retiradas da sua obra máxima a *História Natural,* considerada uma verdadeira enciclopédia do saber humano do século I da nossa Era. Composta por trinta e sete volumes, abarca esta obra assuntos variados que vão da cosmografia à geografia física, da etnografia à etnologia, da fisiologia humana à botânica, da agricultura à zoologia e mineralogia.

Uma assombrosa quantidade de dados e notícias sobre todas estes multifacetados aspectos da Natureza foi recolhida e compilada por Plínio, por vezes, de uma forma assistemática, sem ponderação, nem reflexão crítica. Plínio, dizem os seus críticos, não fez mais do que acumular dados colhidos nas suas leituras, sem avaliar a fidedignidade das fontes, sem confrontar autores, sem reflectir sobre opiniões divergentes.

Raras são as vezes em que, na *História Natural,* Plínio acrescenta aos dados colhidos nas suas leituras o fruto do seu estudo e da sua observação pessoal.

"O seu mundo - diz-se - são os livros mortos e não a Natureza viva".[1]

Parodoxalmente, no entanto, foi ao tentar realizar uma observação directa, ao tentar penetrar nos segredos da Natureza em fúria, que Plínio encontrou a morte. Morreu durante a erupção do Vesúvio, asfixiado ou de ataque cardíaco, envolvido pela espessa nuvem de cinzas e gazes, quando, num barco, se aproximou perigosamente da margem onde se erguia o vulcão em chamas.

Seu sobrinho, Plínio. o Jovem, numa carta escrita a Tácito em 104 (*Cartas,* VI, 16), relata deste modo a causa da morte de seu tio:

"Suponho que o fumo demasiado expesso lhe impediu a respiração, cerrando-lhe a laringe, que no seu caso, já era debil. Quando amanheceu, o seu corpo foi encontrado entacto, em perfeito estado e vestido com a roupa que havia posto ao partir. O seu aspecto recordava mais de um homem que descansa que o de um morto".

Apesar das suas fragilidades, a *História Natural* rompeu séculos. Obra muito divulgada, é grande o seu valor, em particular aqui nesta finisterra ocidental, onde as fontes escritas são escassas e fragmentárias.

Certas passagens da *História Natural* acerca de hábitos, costumes, visões sobre aspectos da Natureza e arte de curar permitem reconstituir o quadro das vivências peninsulares no século I da nossa Era.

Em 1529, Martinho de Figueiredo publicou o *Commentum in Plini Naturalis Historiae prologum,* que teve entre os seus leitores Luís de Camões e o cronista navegador Duarte Pacheco Pereira.

No prefácio da IV Centúria, ressalta de forma evidente a prova de que a *História Natural* de Plínio constituía leitura de grande divulgação na Europa culta do século XVI. Escolheu Amato para prefácio desta Centúria uma carta escrita por Ambrósio de Nicandro a um seu amigo italiano, António de Barberini.

Datada de Ancona de 13 de Fevereiro de 1553, traça Ambrósio de Nicandro um retrato de Amato onde releva, a par do seu desprendimento em relação aos bens materiais, o seu imenso saber. Ora Nicandro, ao referir as inovadoras terapias usadas por Amato (uma decocção de raiz da China), cita Plínio a propósito da região de origem dessa raiz, trazida de uma misteriosa e ainda pouco conhecida região do Oriente. Escreveu ele:

"Ouve agora em poucas palavras, meu caríssimo António o que é esta tal raiz da China e como foi encontrada (...). Com as navegações do novo mundo foi há pouco descoberta a região dos chinas, embora em tempos conhecida, pois Ptolomeu lembra-a no Cap. III do 7.º livro e até Plínio se não estou em erro".[2]

Buscar-se-iam na *História Natural* e noutras obras da Antiguidade referências e informações acerca desses maravilhosos e estranhos mundos descobertos?

**A *História Natural* e a medicina - o olhar crítico de Amato**

Mas, no caso concreto do seu interesse para a história da Medicina em aspecto a relevar na *História Natural,* são as referências de Plínio à farmácia e à medicina. Cinco livros são dedicados a informações sobre «Animais de utilidade médica» (Livros XXVIII-XXXI) e oito ocupam-se de «Medicinas derivadas de Plantas» (Livros XX-XXVIII). Não será de admirar, então, que a *História Natural* despertasse em Amato uma atenta curiosidade. Mas a ambivalência da avaliação crítica desta obra de Plínio feita por alguns autores encontra-se igualmente em Amato Lusitano. Também ele, nas citações que faz ao longo das sete Centúrias, ora destaca aspectos que enaltecem a acuidade do olhar de Plínio sobre a Natureza e os Homens, ora alerta para as incorrecções dos seus relatos, corrigindo ou aperfeiçoando, algumas vezes, certas passagens da *História Natural.* Assim, uma informação precisa encontrada por Amato em Plínio está documentada na Cura XLV da 4.ª Centúria: «De artrite». Descreve Amato nesta Cura o modo como realizou o tratamento de uma artrite que atacou, no início do Outono, um homem chamado Gabriel Fanense. Entre as terapias prescritas por Amato é de relevar a utilização de uma decocção de "rubens viticosus", designação dada à salsaparilha, planta que havia sido recentemente introduzida na Europa. Considera Amato a artrite uma doença das articulações e é a propósito desta sua opinião, designação e especificidade da doença de que sofria o seu paciente que Amato cita Plínio . Escreveu Amato:

"A doença articular que os incultos, ao escreverem tratados incorrectos denominam *arthetica,* é pelos gregos chamada artrite. Plínio, no livro *História Natural* chama-lhe *morbus articularis,* por ser a doença das articulações e das junturas".[3]

É precisa o conceito de articulação tal como Plínio o entendeu:

"Para Galeno articulação é a junção natural dos ossos. Hipócrates designa por articulação, frequentemente a parte externa do osso, entre os ossos que se ligam, isto é, a parte que é arredondada e se insere na cavidade próxima (...) Por isso Plínio, no livro 1º da *História Natural,* chama articulação a todos os nós do corpo, entendendo que a extremidade da juntura é uma articulação.

Igual concordância com Plínio manifesta Amato na Cura XXXIV da 2.ª Centúria, «De Elephantia de Avicena». Refere-se esta Cura a uma dolorosa e desfeante doença chamada elephantia por Avicena e que Amato diagnosticou em dois frades do convento de Santo Agostinho, onde exercia clínica como médico contratado.

Referida e descrita, esta doença por dois conhecidos médicos, Paulo Egineta e Celso, longamente transcreve Amato a descrição de Celso. No entanto, é a descrição feita por Plínio, que mereceu a Amato o seguinte comentário:

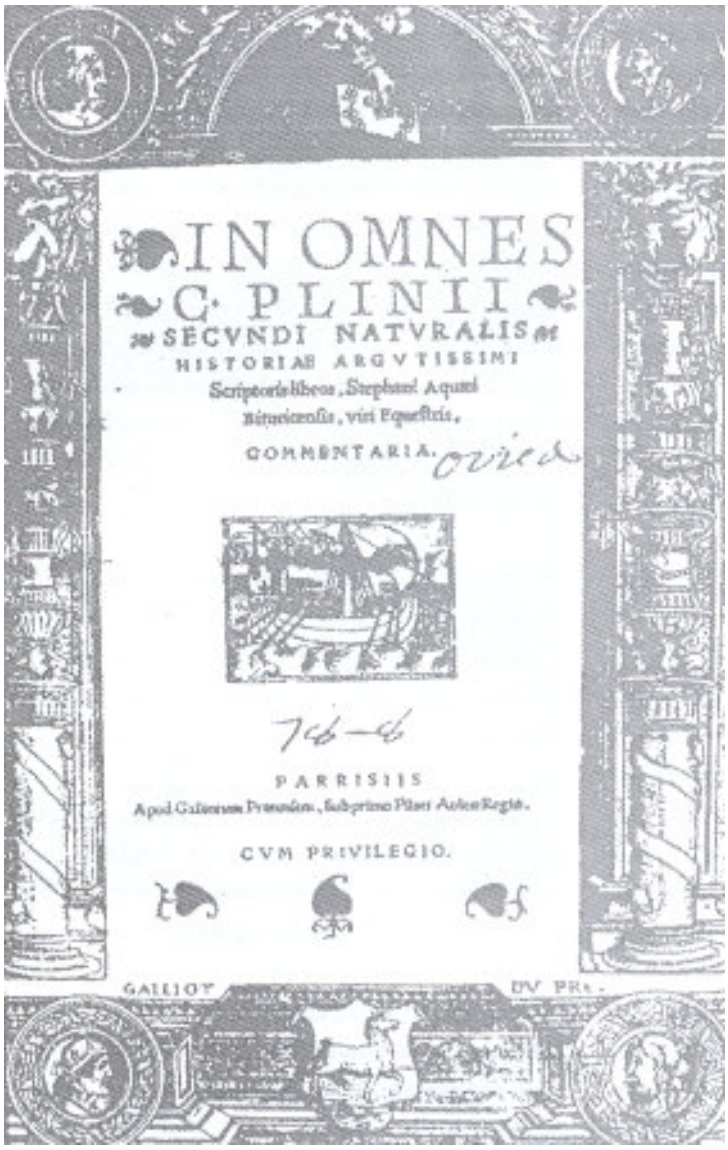
"Plínio, em nada se afasta desta descrição, e até em minha opinião, descreve muito melhor o mal elephantíase em comparação com os os outros gregos e latinos, ao dizer que tem origem quase sempre na cara e no nariz. Que isto é verdade, tanto eu como outros, muito temos observado em longa experiência."[4]

Louva, pois, Amato a precisa descrição de Plínio e a sua superioridade relativamente a outros conceituados autores. Seria este um dos casos em que Plínio

não se limitou apenas a transcrever os testemunhos que colheu noutros autores (como era quase sempre a norma na sua obra), postura que alicerça a mais comum crítica que lhe é apontada.

No caso da elephantíase, Plínio acrescentou dados da sua observação pessoal, dados que contribuiram, na opinião de Amato, para uma descrição perfeita da sintomatologia da doença relativamente à realizada por outros abalizados autores.

Uma outra opinião favorável a Plínio encontra-se na Cura LXXXVII da 6.ª *Centúria:* «De uma certa impostura, isto é, de como uma mulher com encantamentos tornou surdo um rapaz».




Conta Amato um estranho caso acontecido com uma mulher da Ilíria, que foi presa e acusada de ter, por meio de encantamentos, tornado surdo um jovem.

Amato é chamado a depor e opinar acerca da veracidade ou impossibilidade das acusações. Longo é o relato e a fundamentação de Amato, citando por duas vezes Plínio. Depois de ter referido que a prática e a crença no poder das feitiçarias remonta muito longinquamente, a ponto de ser já referida na própria Lei de Moisés, Amato discorre acerca da impossibilidade dos malefícios sobre a saúde se produzirem apenas com o poder maléfico de palavras e de rezas. Acredita, sim, no poder pernicioso de determinadas beberagens e produtos que, usados com maldade, são capazes de produzir destruidores efeitos. Depois de provar que a doença do jovem resultou não de feitiços mas sim da dissoluta vida que este levava, Amato consegue a libertação da mulher e termina citando Plínio nestes termos:

"Para o restante posso apresentar Séneca, no Livro IV das *Naturalis Questiones* e Plínio, zombador de todas estas vaidades no Livro 30.º capítulos I e II".[5]

O olhar crítico de Amato Lusitano sobre a *História Natural* manifesta-se em duas curas da 2.ª *Centúria*: Cura XXIX "De líquen ou impingen" e na Cura LV "De um preparado de trociscos para condimentar teriaga de víbora".

Nos comentários à primeira das curas, Amato relata o caso de um rapazinho de 12 anos, noviço do convento de S. Domingos, que sofria de uma descomunal que se estendia do dedo indicador até ao rosto.

Na sua avaliação da doença, transcreve Amato Lusitano as vantagens da aplicação terapêutica do pepino de S. Gregório (pepino bravo) tal como são indicadas por Plínio no cap.I do livro XX da *História Natural* onde se lê:

«A sua raiz seca, com resina cura a impengem e a sarna, que chamam psora e os lichenes».[6]

Interpretando a nomenclatura usada por Plínio para distinguir as afecções cutâneas, esclarece Amato Lusitano que, para este autor, líquenes são impengens e psora é a sarna. Adverte, no entanto, que a descrição de liquenen feita por Plínio no cap. 1.º do livro XVI não deve ser entendida como impingen como aí se lê. Trata-se, no entender de Amato, de uma outra afecção cutânea a que os latinos chamavam *mentagra,* nome que deriva, segundo Amato, da especificidade do seu contágio, pois a propagação desta doença pode fazer-se ou através de um beijo, ou do local onde se manifesta: a parte inferior do rosto.

Se a correcção feita por Amato a esta passagem da *História Natural* diz respeito a temática do âmbito da medicina, já a correcção que surge na Cura LV se

refere a assuntos de zoologia.

Nos comentários a esta Cura, que trata da confecção de pastilhas a partir de víboras, utilizadas no século XVI no tratamento de variadas doenças, Amato cita Plínio a propósito da distinção feita por este autor entre *víbora* e *tyron.* Esclarece Amato que *tyro* é a palavra usada pelos árabes para víbora; e que *thérion,* para os gregos, é o mesmo que *féra* para os romanos, termos que se referem a toda a espécie de répteis. E, a este esclarecimento, acrescenta Amato uma pertinente observação: acentua que, por vezes, o nome dado a um mesmo animal varia consoante as regiões do mundo e a área cultural.

**A etnografia de Plínio no olhar de Amato Lusitano**

A faceta etnográfica da *História Natural* está documentada por Amato Lusitano na Cura LV da 6.ª *Centúria* «Da preservação de dores nos quadris». Trata Amato do caso de um tintureiro de panos que trabalhava nos arrabaldes da cidade de Ragusa e que o consultou, atormentado com fortes dores nos quadris. Depois de longamente descrever toda a terapia que utilizou para libertar o tintureiro da dolorosa dor, Amato cita igualmente as terapias usadas pelas práticas tradicionais, em circunstâncias semelhantes: o recurso a urina. E é neste contexto que surge a referência a Plínio. Escreveu Amato:

"Julga-se que o lavar assiduamente os membros com urina viril é defesa da doença articular. Plínio apresenta um exemplo no livro 28.° da História Natural, Cap. VI, «Pisoadores e tratadores de lã».Estes por causa de lançarem urina, nunca vêm a incorrer em podagra e quiragra".[7]

É, pois, esta referência, como tantas outras que surgem ao longo das *Centúrias,* exemplo de quanto Amato Lusitano é um homem do seu tempo, entre a modernidade e a tradição, numa postura ética cuja finalidade primeira era a de minimizar o sofrimento e a dor. Racionalmente, com os dados que a Ciência e ao alargamento dos conhecimentos médicos da época em clara progressão, pelos contactos com novas culturas, novas plantas e novos métodos de curar, Amato referencia as práticas ancestrais da medicina tradicional. Qual a razão?

Acolheria ele essas práticas quando as cita (sem as reprovar, como acontece neste caso) como um caminho a seguir depois de esgotados os procedimentos recomendados pela medicina científica?

Mas é na Cura LXX da 4.ª *Centúria* que Amato destaca mais marcadamente o pendor etnográfico de Plínio e o valor da *História Natural* como repositório de velhos mitos que corriam na Península Ibérica, no século I d. C.. Recorda-se Amato, ao tratar do assunto desta Cura, de um caso semelhante por ele vivido na sua juventude em Santarém. Ora, é a propósito da riqueza e esplendor que Santarém possuía na época, que

Santarém - Igreja de Santa Cruz. Ao fundo as férteis lezírias.

Amato classifica de "cidade portuguesa notável capaz de ser comparada com qualquer cidade opulenta".

E é mergulhado na recordação dos férteis campos que rodeiam a cidade, que Amato transcreve uma passagem da *História Natural.* Escreveu Amato:

"Entre elas passa o aurífero Tejo que banha Santarém e rega os seus férteis campos. Deles fala Plínio, em virtude da amenidade da terra e da benignidade dos ares, no livro 8º da sua *História Natural*, capítulo XLII, onde discorre sobre a natureza dos cavalos: «É fama que na Lusitânia, à volta da cidade de Lisboa e do rio Tejo, as éguas voltadas para o vento que sopra, concebiam um ser vivo (animal). Depois dava-se o parto e nascia um ser muito veloz, a ponto de não exceder um triénio de vida».[8]

Foi através deste registo de Plínio que chegou até nós o mito lusitano que corria entre os povos pré-romanos no século I d. C. . Considerado um dos mais curiosos mitos lusitanos, ao qual se refere André de Resende e outros renascentistas, a força do mistério do seu conteúdo encantou autores através dos séculos. Já noutra ocasião levantei a questão acerca desta

citação de Plínio. Porque razão o recorda Amato Lusitano?

Saudades dos vastos campos da sua Lusitânia? Recordação de momentos felizes vividos nas belas lezírias do Tejo? Ou teria este velho mito da Lusitânia, recolhido e fixado por Plínio e transmitido através dos séculos, colocado a Amato Lusitano alguma questão acerca da origem da vida?

Encontraria Amato neste velho mito acerca do sopro vivificador dos ares lavados e puros das lezírias do Tejo, possuidores de força e poder para levar as éguas a conceber potros de vida efémera mas tão ágeis e velozes como o vento, a ressonância da crença da sua religião judaica, a crença no poder vivificador do sopro de Deus e da força do seu Espírito pairando sobre as águas?

Mas outras passagens da *História Natural* são usadas por Amato para corroborar casos insólitos com ele acontecidos e com significativo paralelismo em registos feitos por Plínio. Um diz respeito ao caso de uma rapariga fidalga, natural de Esgueira, de nome Maria Pacheca, que virou homem, e que partiu para a Índia como soldado. Trata-se, pois, de um caso de transsexualidade. Ora, entre os autores da Antiguidade que relatam casos semelhantes. Amato cita o seguinte testemunho de Plínio:

«Lemos nos anais que durante o consulado de P. Licínio Crasso e C. Cássio Longino, um filho de Casino tinha sido primeiro rapariga e fora desterrado por ordem dos pais para uma ilha deserta, por mandado dos Aruspices. Licínio Mutiano conta que vira em Argos, um tal ARESCONTE, que fora antes ARESCUSSA, casado; seguidamente lhe apareceu barba e virilidade e casara com uma mulher. Igualmente conhecera em Esmirna um rapaz e eu próprio vi em África um cidadão tisdritano, L. Cossício, desnudado ao sexo masculino no dia das bodas».[9]

O outro insólito caso vivido por Amato encontrâmo-lo na Cura XV da 5.ª *Centúria:* "De duas pessoas que tinham o mesmo rosto e sofriam do mesmo mal simultaneamente".

Nesta Cura conta Amato um estranho caso acontecido com dois homens, ambos frades, mas que embora, como diz Amato, fossem "ambos diferentes na procedência, pátria e nos hábitos", possuiam temperamento e fisionomias semelhantes. Estranhamente adoeceram no mesmo dia e vítimas de igual doença: a pleurite. Amato prescreveu a ambos igual tratamento e alimentação. Nos comentários a esta Cura e como suporte da veracidade deste estranho caso, Amato cita vários autores da Antiguidade que relatam casos similares. Neste contexto surge a referência a Plínio. Diz Amato:

"Plínio e Valerio Maximo deixaram escrita muita coisa neste género de semelhanças."[10]

**Plínio e a ética médica no tempo de Amato**

É, no entanto, em duas Curas, a 2.ª *Centúria* (Cura XXIV) e 7.ª *Centúria* (Cura XXIV) que certas citações retiradas da *História Natural* servem a Amato como prova e base para exprimir e alicerçar as suas próprias e originais ideias sobre a sociedade e os problemas da medicina do seu tempo.

Assim, na Cura XXIV da 2.ª Centúria "Duma erisipela flegmonosa" conta Amato o caso de um padeiro que, atacado por uma erisipela, acreditou que havia sido mordido por um escorpião, *diagnóstico* feito por um homem que se gabava de curar todas as doenças com certos óleos. A aplicação desses óleos agravou a doença e, apesar de posteriormente ter sido tratado por médicos sabedores, acabou por morrer ao fim de seis dias.

No balanço do acontecido nesta Cura, Amato faz uma dupla advertência quer aos doentes, no sentido de ponderarem na escolha do médico em cujas mãos se colocam, quer aos médicos afim de estes não subestimarem o tratamento das afecções externas e de usarem cuidadosas terapias certas. Cheia de interesse pela actualidade que encerra e pelo que envolve da postura ética de Amato em defesa da justiça que não poupa os da sua classe, é a citação de Plínio usada por Amato Lusitano. Escreveu Amato:

"Hoje, como diz Plínio no Livro 29 da sua *História Natural* «Não há nenhuma lei que puna a capital ignorância dos médicos, nenhum exemplo de castigo. Aprendem com os nossos males e sacam experiências dos insucessos. Para o médico que matar um homem há a suma impunidade, sempre que por Hércules aconteça nesta singular profissão, de modo que logo se acredita em qualquer que arrogue de ser médico...». E esclarece Amato:

"Estas afirmações tresladou-as Plínio da lei de Hipócrates para a sua obra.".[11]

Mas as duras críticas de Amato não acabam aqui. Nos comentários a esta Cura dá conta que o mesmo médico tratou com igual terapia um outro homem que adoeceu quinze dias depois da morte do padeiro. Igualmente este outro doente morreu. A notícia espalhou-se pela cidade de Ancona; e diz Amato:

"Souberam-no os três mais doutos médicos assistentes: Jerónimo de Folígno, Frederico Severino e Júlio Pergul."

Envolverão estas palavras uma crítica ao espírito corporativo destes médicos que nada fizeram para travar a actuação de um colega inapto cuja inadequada e perigosa medicamentação causou a morte a duas pessoas no espaço de quinze dias? Mas a critica de Amato estende-se igualmente à inoperância das leis

que, ontem como hoje, deixou impunes casos de incúria médica. Escreveu ele:

"Mas estes e semelhantes coisas só acontecem pela inadvertência dos governadores e dirigentes que permitem cuidar da saúde humana indistintamente a todos os charlatães, pantomineiros e barbeiros."

**Plínio, Amato e a sede do riso**

A última referência a Plínio surge na 7.ª *Centúria* (Cura XXIV) que se intitula: "Em que se ensina que a sede do riso ou da hilariedade está no septo transverso. Para o doutor Affio, filósofo paripatético".[12]

Encontra-se o conteúdo desta Cura estruturado em forma de diálogo que tem como interlocutores um personagem de nome Fillipo, um filósofo paripatético chamado Affio e o próprio Amato. O diálogo desenrola-se em torno da discussão sobre a sede do riso, e das dúvidas acerca da pertinência das ideias de Plínio sobre essa localização.

Amato coloca na boca de Affio uma crítica mordaz às ideias defendidas por certos professores de Salamanca que consideravam o fígado como a sede do riso. Diz Affio: «Tenho de parte uns ridículos mestrezinhos cujos ensinamentos tenho acolhido com apupos há muito tempo, os quais em Salamanca afirmavam, em versos compostos à sua maneira, que o fígado era a fonte do riso».

Longamente expõe Amato todos os argumentos apresentados por Plínio para justificar esta afirmação. O facto de essa região ser muito "cheia de nervos" e o riso ser - como afirma - uma dilatação nascido do sentimento mais agudo dos nervos", contam-se entre os mais poderosos argumentos. Seria esse facto que, segundo Plínio, justificaria a circunstância insólita de os gladiadores feridos na zona precordial expirarem ruído às gargalhadas.

E o diálogo desenvolve-se expondo os interlocutores de Amato outras diferentes opiniões acerca do local dessa localização. Affio lembra Platão, Galeno e Aristóteles e as opiniões destes que defenderam ser o coração a sede do riso. Ora, é na resposta à pergunta de Affio: «Qual destas opiniões, ó Amato, te agrada mais, sobre a sede do riso?», que a resposta dada por Amato dimensiona o seu imenso Saber e uma aguda intuição, resposta que antecipa cinco séculos uma das grandes descobertas científicas do século XIX. Respondeu Amato:

"Tanto uma como outra, ambas me parecem falsas. Se de facto devesse falar com franqueza, estabeleceria que é o cérebro a sede do riso. Mas isto precisaria de mais prolongada explicação e por agora isto bastará!"

Pena é que Amato Lusitano não nos tivesse deixado essa "prolongada explicação" de que fala. Mas, ao localizar no cérebro a sede do riso, ao remeter para a leitura de livros sobre a alma, como os de Filipe Melancton e Juan Luís Vives, Amato deixa, parece-me, bem claro que a alegria como a tristeza são estados de alma, cuja sede e causa não pode basear-se em lesões ou afecções de um qualquer orgão físico. E é no cérebro que ele coloca a sede das emoções.

Maravilhoso Amato, que antecipou cinco séculos o conhecimento do homem sobre si próprio. Foi necessário esperar muito tempo para que os estudos desenvolvidos por António Damásio demonstrassem a estreita relação entre certas regiões do cérebro e as emoções.

Estudos recentes realizados por investigadores da universidade de Princeton, nos Estados Unidos, com a utilização de tecnologias de imagem por ressonância magnética funcional, comprovam, neste limiar do século XXI, que certas zonas cerebrais ligadas às emoções têm igualmente a sua quota parte nas decisões morais do homem.

** Investigadora*

## Notas

1 V. Garcia y Bellido, Antonio, *La España del Siglo Primero de nuestra Era (según P. Mela y C. Plinio),* 3.ª edicíon, Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1978. p. 83.

2 Amato Lusitano. *Centúrias de Curas Medicinais,* Lisboa, Ed. da Universidade Nova de Lisboa, 19. vol. VIII. p.p. 11-12.

3 Amato Lusitano, *ob. cit.,* vol. III, pp. 90-91.

4 Amato Lusitano. *ob. cit.,* vol. 11, pp. 76-77.

5 Amato Lusitano, *ob. cit.*, vol. IV. pp. 135-138.

6 Amato Lusitano. *ob. cit.,* vol. II, pp. 60-63.

7 Amato Lusitano, *ob. cit.,* vol. II. pp. 60-63.

8 Amato Lusitano, *ob. cit.,* vol. III, p. 122.

9 Amato Lusitano, *ob. cit.,* vol. II, pp. 85-86.

10 Amato Lusitano. *ob. cit.*, vol. III, p. 201.

11 Amato Lusitano, *ob. cit.,* vol. II, pp. 53-54.

12 Amato Lusitano, *ob. cit.,* vol. IV, pp. 231-240.

# A EPILEPSIA NAS CENTÚRIAS DE CURAS MEDICINAIS

**José Morgado Pereira***

**1-** No mundo greco-romano antes do Séc. V a. c., a epilepsia era designada como doença sagrada ou divina e considerada afecção sobrenatural, motivo porque a sua cura implicava meios igualmente sobrenaturais. Para os romanos, as assembleias onde se elegiam os magistrados e onde se geriam assuntos de Estado eram interrompidas como sinal de mau presságio se alguém sofresse uma crise, e daí o nome de mal comicial, utilizado até aos dias de hoje para designar a epilepsia.

Os aspectos clássicos mais gritantes e assustadores (perda do conhecimento súbita, queda, movimentos desordenados, espumar da boca, coma, etc) são manifestações paroxísticas que provocam medo e perturbação, e apesar da modificação da imagem que se tem do epiléptico e da epilepsia, persistem as representações sociais ligadas a esta doença com características de irnprevisibilidade, perigosidade e mistério. Felizmente que se tem caminhado para maneiras de encarar a doença mais justas e humanas e que a vergonha e o desdém foram ultrapassados. Mas históricamente e em traços muito gerais, os doentes quer sofressem de uma doença "sagrada" ou "maldita" foram geralmente considerados diferentes, temidos e marginalizados.

A epilepsia é caracterizada por crises que podem surgir em qualquer idade, de breve duração, por vezes frequentes, e com semiologia clínica muito variável de pessoa para pessoa. Existem duas grandes categorias: crises generalizadas com ou sem convulsões; e crises parciais de sintomatologia muito diversa (motoras, sensitivas, visuais, auditivas, etc) e que testemunham a desorganização paroxística cerebral, particularmente do cortex. As epilepsias possuem etiologias múltiplas, ocasionais ou permanentes, funcionais ou lesionais. Podem ser "essenciais" ou sintomáticas de afecções que dizem respeito ao cérebro, quer directamente como traumatismos e tumores, quer indirectamente como doenças metabólicas e genéticas. As crises epilépticas têm também de ser distinguidas de outras afecções que também se acompanham de manifestações transitórias.

**2 -** Pela sua importância e influência em Amato Lusitano (tal como em toda a medicina) relembramos brevemente a concepção hipocrática da epilepsia, no extraordinário texto "Sobre a doença sagrada". Começa-se logo por dizer "em nada me parece que seja mais divina ou sagrada que as outras, mas que tem a sua natureza própria como as mais doenças". Acrescenta-se depois que "os primeiros a sacralizar a doença foram gente como são agora os magos, purificadores e charlatães" e mais à frente surge nova critica "se o enfermo chega a curar-se, pertence-lhes a glória e a destreza, mas se morre fica a salvo a sua desculpa, pois de nada são responsáveis, mas apenas os deuses...".

A doença que é de causa natural, insistindo-se repetidamente neste facto, "é curável nada menos do que outras, desde que não esteja já fortalecida por longa duração até ao ponto de ser mais forte que os remédios a aplicar". Tem a sua origem "na família", isto é, é herdada. E, facto importante, a causa está no cérebro. A doença apresenta-se nos fleumáticos, não nos biliosos, descrevendo-se depois vários sintomas com explicações derivadas da teoria dos humores. Acrescenta-se também que os que já estão habituados à doença, pressentem quando vão sofrer um ataque, afastam-se para um lugar solitário, e fazem-no "por vergonha da sua doença e não por terror do divino". Volta a insistir que o padecimento é a partir do cérebro, e que a nossa capacidade de compreensão é da responsabilidade do cérebro, e as doenças que atacam o cérebro são "as mais agudas, graves, mortais e mais difíceis de julgar pelas pessoas vulgares". A doença sagrada origina-se das mesmas causas das demais, e entre elas do frio, do sol, e dos ventos que mudam. E quem pode remediar e tratar este mal é o médico, usando nomeadamente dietas,

e pode curar esta doença, se for reconhecida em tempo oportuno e tiver tratamentos adequados, sem

purificações, magia e charlatanismos, insistindo sempre neste aspecto tão enfaticamente que se fica com a impressão já defendida por vários estudiosos, que se poderia tratar de um texto de divulgação, dirigido nomeadamente aos homens de leis.

**3 -** Nas Centúrias de Curas Medicinais de Amato Lusitano, deparamos com quatro casos onde nitidamente está presente esta doença:

1 - A cura 6 da II centúria-: "De uma criança atacada de mal comicial que chamamos epilepsia". É de difícil análise por ser muito sucinta, mas anote-se que o resultado é a cura da criança, e a citação principal é de Galeno (De Locis Affectis), e Rasis.

2 - A cura 90 da II centúria-: "De mal comicial sobrevindo após más notícias". É também de difícil análise por ser ainda mais sucinta, mas poderia tratar-se de pseudo-crises.

3 - Cura 24 da IV centúria-: "De uma criança epiléptica, com olhar torvo e aspecto horrendo, curada apenas pela aplicação do cautério à nuca". À criança de dois anos, "foi aplicada uma queimadela, com ferro candente, na parte superior da nuca". Do orifício escorreu tanto pus que o menino ficou são e o ataque epilético não apareceu mais, seguindo-se óptima alimentação como continuação do tratamento. Amato cita depois o aforismo 45 da secção 2.ª dos Aforismos de Hipócrates "todo o jovem atacado de mal comicial consegue ver-se livre também pela mudança de idade, do tempo, dos lugares e da alimentação". Também Filoteu é citado ao anotar que "à medida que a idade dos jovens se transmuda em temperamento mais cálido e seco, mais fortemente se opõem aos ataques epilépticos".

Creio em primeiro lugar que poderia tratar-se de um abcesso cerebral e o tratamento foi efectivamente curativo, com a drenagem efectuada. Em segundo lugar, as diferenças prognósticas consoante a idade são certas, percentagem significativa das epilepsias nas crianças são curáveis, as causas são variáveis (parasitárias, metabólicas, infecciosas, etc) e são importantes a alimentação e as dietas. Hoje em dia são até utilizadas em certos casos bem definidos dietas cetógenas (que retiram açucares e utilizam só gorduras) e que implicam uma certa "reeducação celular", sendo a célula obrigada a extrair energia de diferentes substratos por diferentes vias metabólicas.

**4 -** Cura 22 da IV centúria-: "De um rapaz tomado de sintomas epilépticos e que veio a cair em paralisia do braço e perna direitos". Esta cura é notável e os comentários de Amato muito importantes envolvendo citações e comentários sobre Galeno, Aécio, Hipocrates, Avicena, Platão, Aristóteles, Filoteu e Averrois. Uma criança de três anos "apresentava os olhos saídos para fora e imóveis, a boca torcida, os dentes cerrados de forma que era dificílimo meter entre eles uma colher de pau para facilitar a respiração e extrair a espuma e substância húmida. A isto há que juntar tremura de pés e mãos e o facto de não se observar a pulsação, especialmente nos braquiais, nem a espuma acudia à boca. O paroxismo durava até 5 horas". Mais tarde sobreveio febre e sudoração e depois o braço e a perna direitos pareceram estar atacados de paralisia, sendo ainda referido que uma criada atacada de sarampo tinha contagiado a criança.

Os comentários de Amato são importantes: em primeiro lugar estabelece diferenciação entre ataque epiléptico e ataque apoplético. Apoiando-se em Galeno afirma que "se no paroxismo o corpo ficar imóvel sem sensibilidade e motilidade (excepto a respiração), o doente está tomado de apoplexia: no caso de haver no paroxismo motilidade, tremor, contracção dos membros, pandiculação, extensão ou salto, vigora a epilepsia", desenvolvendo depois explicações dos sintomas de acordo com as concepções hipocráticas e galénicas. Acrescenta depois que o paroxismo foi epiléptico pois o menino tinha sensibilidade e motilidade, ao fim do que surgiu a paralisia do braço e perna. Epilepsia tem que ver pois com "acto de arrebatar ou agarrar porque, aprisionando a vida mental, igualmente se apodera do corpo". Refere depois outras designações da doença tais como "pueril ou infantil, mãe das crianças, lunática, caduca, comicial, ou de Hércules", referindo-se depois à designação de sagrada ou divina por Platão no "Timeu", e Hipócrates

ao dizer que tal doença não merece mais designação de sagrada do que uma terçã ou quartã. Finalmente refere Galeno ao descrever as formas de apresentação da epilepsia.

É muito interessante o facto de se referir a terríveis insónias, citando de novo Hipócrates e o aforismo 24 da terceira secção dos Aforismos "aparecem nos garotos e nas crianças de tenra idade ulcerações da boca que se chamam aftas, vómitos, tosse, insónias, terrores, inflamação do umbigo, humidade nos ouvidos". Curiosamente acrescenta que "a epilepsia pode surgir por comunhão de outro qualquer membro. Daqui se eleva até à cabeça uma aragem (aura) e então forma-se, na sua maior parte, do flato ou ventosidade, isto é, de matéria ventosa", e por isso Aristóteles disse que a doença se formava do espírito ou vapores. Refere igualmente Galeno que foi efectivamente quem primeiro descreveu a aura. Finalmente aborda as relações entre o mal comicial e a melancolia, voltando a Hipócrates ao dizer que os atrabiliários também costumam ser atacados de mal comicial e por sua vez os comiciais costumam dar em atrabiliários. E acrescenta: "ambas as doenças se denotam mais conforme se inclinam para uma ou outra parte; se se inclinam para a parte mental (alma) dá-se a forma atrabiliária ou melancólica, e acrescenta, "se a atrabile tapar as bolsas ou meatos do cérebro pelos quais costumam perpassar os espíritos animais, partilhando ou prejudicando a motilidade e sensibilidade dos membros, origina-se a epilepsia. Se porém a atrabile não vier a obstruir os chamados meatos do cérebro, mas atacar a parte do cérebro que se chama alma, então não surge a epilepsia, mas sim melancolia, isto é, alienação mental".

Sobre este caso julgo possível dizer com razoável segurança que houve um estado de mal (isto é, uma crise epiléptica de longa duração, ou várias crises entre as quais não terá havido recuperação da consciência), uma epilepsia que teve uma fase generalizada, com atingimento da consciência, com parésia de um dos lados do corpo, ou então eram crises parciais que depois generalizaram. Ambas podem ser secundárias a lesão estrutural (infecciosa, vascular, inflamatória, etc). É correcta a diferenciação de apoplexia (doença vascular ou acidente vascular, falando ainda de coma). Importante ter mencionado as alterações do sono (insónia) nas crianças, importante e frequente em certas encefalopatias epilépticas graves, e a referencia à aura, anunciadora da crise ou já o inicio de uma crise. Também saliento a importância e a frequência das convulsões febris em que crises convulsivas são frequentes mas o prognóstico é geralmente benigno. Como já foi mencionado, é muito curioso e significativo que todos os casos de Amato sejam de crianças, e que o prognóstico seja bom, como frequentemente é (cerca de 80% dos casos).

Finalizando, podemos enfatizar que é numa influência de base hipocrática e numa tradição hipocrática, com a fisiologia galénica e os enriquecimentos posteriores da sua formação, que Amato Lusitano irá com a sua riqueza habitual falar de alguns casos de epilepsia de uma forma que sistemetizaria em duas características principais:

1- Uma postura naturalista e basicamente organicista, apesar de aceitar influências ambientais (alimentação, estações do ano, alterações climáticas, do tipo de vida, etc).

2 - Uma atitude de optimismo médico e terapêutico, como atestam todas as curas a propósito deste tema, sem esquecer a crítica a concepções ou práticas que estejam fora desta visão médica, como se comprova inúmeras vezes em todas as Centúrias de Curas Medicinais.

** Médico Psiquiatra. Membro da European for the History of Psychiatry. Investigador Associado do Centro de Estudos Sociais.*

## Bibliografia

Amato Lusitano - *Centúrias de Curas Medicinais.* (4 volumes). Universidade Nova de Lisboa, 1980 Tradução de Firmino Crespo.

Tratados Hipocráticos - *Aforismos. Sobre La Enfermedad Sagrada* Ed. Gredos, 1990.

B. Simon - *Mind and Madness in Ancient Greece.* Cornell U. Press. 1978. O. Temkin - The *Falling Sickness John Hopkins* Press. 1971.

# AMATO LUSITANO E O USO DA PALAVRA MÉDICA NA TRADIÇÃO HIPOCRÁTICA

**António Lourenço Marques***

O uso da palavra médica nasceu na Grécia arcaica, se tivermos em conta os testemunhos dos poetas e dos filósofos primitivos. Também os sofistas atribuiram à palavra poderes curativos, dentro dos parcos recursos então conhecidos para combater a doença. Platão (c. 428-347 a.C.) seguiria o caminho destes, ao formular ideias complexas sobre a psicoterapia, que vieram a incorporar quer a tradição quer os conhecimentos da medicina da época do final do século V e da primeira metade do século IV antes de Cristo, exactamente quando o curso do saber médico atingiu um dos pontos culminantes do seu desenvolvimento.[1]

Hipócrates de Cos (modelo bizantino)

Na medicina conhecida como hipocrática, a palavra médica mostra-se com um sentido essencialmente cognoscitivo. Vários dos livros do *Corpus Hippocraticum*[2], escritos, na sua maioria, durante o século IV antes de Cristo, referem-se ao uso das palavras no contexto médico, mais com a finalidade de compreender a doença ou de submeter o doente aos intuitos médicos, do que propriamente para tirar partido de efeitos potencialmente terapêuticos. São particularmente relevantes para este estudo alguns dos textos hipocráticos, como as *Epidemias, o Prognóstico, Sobre as doenças, Sobre o médito, Sobre a dieta, Sobre a enfermidade sagrada, Sobre a arte* e vários outros, em que o autor atribui à palavra funções muito diversas. O trabalho de Pedro Lain Entralgo, *La curacion por la palavra en la antiguedad clasica*[3] é particularmente denso nesta investigação.

Devemos realçar que os livros hipocráticos, escritos durante o "século de ouro" da medicina helénica, reflectem um saber que determinou a evolução de toda a medicina ocidental até aos nossos dias. Se entendermos a história, como um curso de realidades, que flui através de elementos persistentes em si ou pela sua influência posterior, a medicina hipocrática é uma fase absolutamente essencial da medicina.

É com este sentido, que tem interesse, por exemplo, examinar as *Sete Centúrias de Curas Medicinais*[4] de Amato Lusitano, para avaliar qual o valor do uso da palavra na prática de um médico da Renascença, e se, efectivamente, é iluminado por tais conhecimentos mais antigos. Terá tal prática alguma relação com a tradição hipocrática? Isto é, a palavra aparece sem poderes curativos directos, mas tem um lugar próprio, imprescindível ao funcionamento da arte médica, tal como em Hipócrates? De facto, nos textos deste autor as funções atribuidas à palavra são bastante diversas, como já referimos. Servia, por

exemplo, para a instrução do doente, através dos ensinamentos e dos conselhos dos médicos; para estimular a confiança no médico; era um meio de acesso ao diagnóstico; servia para indagar das circunstâncias em que a doença surgia (história clínica): podia ter valor curativo (psicoterapia verbal); era ainda indispensável para indicar a terapêutica (prescrição) e para persuadir o doente a aderir às prescrições médicas; finalmente, através dela, o médico inspirava respeito e impunha o prestígio de que necessitava para que o seu papel social fosse exercido com autoridade.

Nas *Centúrias de Curas Medicinais,* a palavra tem algumas destas funções. E se o *Corpus Hippocráticum* não dá especial relevo às motivações psíquicas que podem estar na origem de certas doenças, uma visão alheia à mentalidade dos médicos gregos de então, também os casos clínicos das *Centúrias,* não reflectem, regra geral, tal possibilidade. Lain Entralgo considera que só nos séculos XIX e XX a medicina ocidental, "sem renegar Hipócrates, reconhecendo a sua enorme dívida para com ele"[5], intentou corrigir a deficiência de ser pouco sensível "a tudo o que não é puramente somático na doença e no tratamento". Vejamos pois como Amato Lusitano se inscreve em tal tradição.

**A Palavra e o Diagnóstico**

Na medicina hipocrática a palavra era, como já dissemos, um meio para chegar ao diagnóstico. Embora Hipócrates tenha escrito "Olhos, não palavras...", no tratado sobre a redução das luxações *(Des articulations)* o autor referia-se desta forma à necessidade de se ser fiel à realidade e não a iludir com discursos, mais ou menos vãos. Tal expressão não tem a ver com o processo de pesquisa do diagnóstico, mas antes com a denúncia do uso da palavra artificiosa, que falsifica a realidade.

Chegar à história particular da doença exige que o médico comunique com o doente, fazendo-lhe perguntas dirigidas a aspectos concretos que esclareçam o diagnóstico. Esta abordagem é bastante clara em vários textos hipocráticos, como por exemplo, no tratado *Sobre a dieta nas enfermidades agudas* ("Interrogando o doente e examinando tudo com cuidado...").

Esta ideia também não era estranha a Amato Lusitano. É o que parece subjacente, por exemplo, na descrição do caso de uma doença aguda grave que acometeu uma camponesa, de dezassete anos de idade, com dores abdominais intensas, febre elevada e urina espessa e turva. Na primeira abordagem sobre a causa da doença, a jovem não esclareceu as perguntas do médico, pois este diz que "indagando a origem desta doença, respondeu que não sabia". No entanto, "no dia seguinte, ao voltar do campo para a minha casa e conversando com ela e com o marido sobre várias coisas, eis que me declara que, na noite anterior à que se sentira mal, ceara cogumelos. Ao ouvir isto, imediatamente depreendi que tal sintoma proviera dos cogumelos venenosos que comera".[6] Este caso indica que o relacionamento do médico com o doente era de grande proximidade. O médico fazia perguntas concretas, mas as respostas eram quantas vezes negativas? Acaso não terá este indagado sobre a alimentação? Fica-nos essa dúvida, mas seria estranho que tal informação não fosse procurada por um médico deste relevo. Porque terá então a doente omitido alguns alimentos? Numa conversa geral, aparentemente não orientada, a doente expôs-se mais, e é então que o médico elabora o seu raciocínio diagnóstico. No texto hipocrático *Sobre a arte,* o autor diz que "nas informações que tratam de dar ao médico os indivíduos afectados por doenças ocultas, falam mais por opinião do que por saber". Competia pois ao médico, porque detinha um saber próprio, pesquisar a informação mais relevante.

Como desmontar, por exemplo, as queixas simuladas de um doente? Amato Lusitano atribuía esse poder à palavra e à sabedoria do médico. Quando um frade se fingiu doente, com dores abdominais, Amato percebeu tal situação através de "verdadeira conjectura".[7] Diz então que é indispensável, perante o doente, usar "palavras cautelosas", ou seja, o discurso do médico deve ser contido, um discurso técnico. O médico deve saber perguntar. E não basta aceitar as palavras do doente de *per* si, sem as interpretar a uma outra luz. Os juizos diagnósticos fazem-se a partir desse contacto verbal específico, mas são uma construção para além das palavras, uma construção baseada nos conhecimentos. No livro *Sobre a dieta nas doenças agudas,* Hipócrates denuncia o método errado de basear o diagnóstico apenas nas palavras do doente. Tal procedimento não é médico. Diz o texto que, quem assim faz procede "como um ignorante em medicina: este poderia dar uma descrição exacta das doenças, informando-se cuidadosamente junto dos doentes sobre o que eles experimentam". O médico não só deve saber pesquisar através das palavras, mas deve também usar outros métodos que o ignorante desconhece. As "palavras cautelosas" e a "verdadeira conjectura" são atributos que para Amato Lusitano seriam integrantes da essência do trabalho médico.

**Os Conselhos Médicos**

A palavra é também indispensável para o médico promover no doente atitudes particulares, das quais dependem a saúde e por vezes também a cura. As palavras são o veículo da mensagem do médico. Amato refere-se inúmeras vezes aos "conselhos" com objectivos terapêutico. Aconselhar a abstenção de

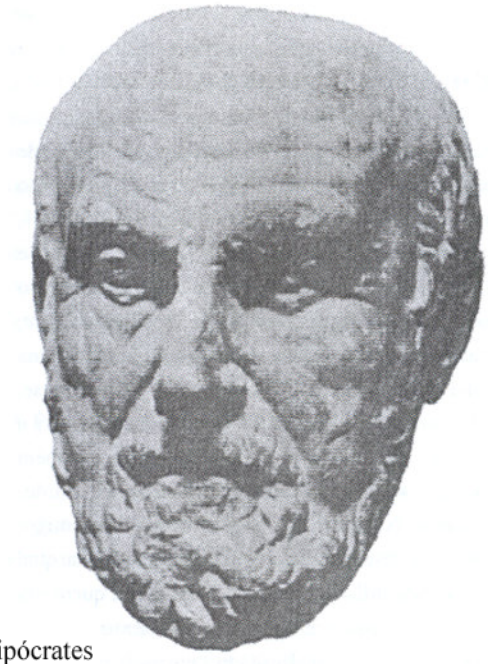
vinho, durante a febre contínua de um doente como no caso da doença de Daniel Coduto[8], ou os banhos de Pádua ao filho de um mercador desta cidade italiana, estabelecido em Ancona, com doença de melancolia "que lhe fizeram muito bem", embora não a tratasse completamente".[9] Também a um músico, atormentado com visões de coisas imaginárias e fantásticas, aconselhou que convivessse "sempre com amigos e fugisse da solidão".[10]

Num outro caso, refere a doença de um frade dominicano que desmaiava quando sentia o perfume das rosas. O papel do médico perante esta situação considerada "perigosa" foi aconselhar o doente a "ficar em casa durante o tempo em que as rosas floresciam" e "a abster-se de tomar xarope de rosas e os preparados em que entravam rosas".[11] Recomendações elementares, certamente. Mas tal não significava de imediato o sucesso da cura. Era imprescindível que o doente respeitasse os conselhos recomendados. A acção do médico correspondia à de alguém preparado, detentor de uma bagagem de conhecimentos e perícias aceites socialmente. Amato Lusitano escreve: "os médicos que pretendem curar os doentes por meio de conselhos" devem ter em conta "a natureza do doente, não só a geral, mas também a particular". Dar conselhos médicos não era portanto um acto simples, mas um trabalho bastante mais complexo.

Estamos na linha de Hipócrates, também no que diz respeito ao pensamento sobre a adesão à ordem médica. Prova-o a referência explícita, nas *Centúrias,* ao primeiro Aforismo[12], que é sobre esta matéria. Diz o texto hipocrático: "É preciso não somente fazer o próprio (o médico) o que convém, mas ainda fazer com que o doente, os assistentes e as coisas exteriores aí concorram". O cumprimento desta norma era entendido como imprescindível para a arte médica. Por isso dirá Amato: "Aos que não aceitam as ordens dos médicos, não se deve dar conselho médico".

**A Psicoterapia pela Palavra**

A carta datada de 13 de Fevereiro de 1553, de Ambrósio Nicandro, de Toledo, dirigida a António Berberini, que constitui o prefácio da 4ª *Centúria*[13]*,* tem uma referência ao uso da palavra com funções que podemos considerar terapêuticas, embora em contexto exterior ao especificamente médico. Tais funções eram, portanto, utilizadas. Ambrósio Nicandro, que vivia na mesma cidade em que vivia o médico albicastrense, em Ancona, sofreu de uma "má doença", "a podagra e a quiragra", quando o seu amigo Berberini, também doente, partiu para Pádua, à procura de saúde. Entretanto, Nicandro curou-se, e o referido amigo, conhecedor desta cura, numa carta, perguntou-lhe qual a terapêutica utilizada e qual o médico a quem era devida. A resposta é um belíssimo texto sobre a personalidade de Amato Lusitano, "um médico de modo nenhum insignificante, de nacionalidade portuguesa" autor "de uns comentários sobre Dioscórides", em que "os pontos difíceis em medicina são examinados com saber e prudência".



Hipócrates

Foi a leitura dos comentários sobre Dioscórides, editados em Veneza, na tipografia de Scotto, precisamente em 1553, que levou este doente, a procurar o médico, querendo "verificar se a ciência dos escritores estava de acordo com o próprio indivíduo, concluindo que ele era muito mais sabedor do que se patenteava no seu trabalho escrito." E o contacto com Amato foi tão profícuo que Nicandro exclama: "quanto mais me habituava à sua prática, tanto mais agradável era para mim, pois que, além de ter ciência sólida e autêntica, é de um trato tão afável que se poderá afirmar ser ele uma pessoa de todos os momentos". Que bela expressão para classificar o médico ideal de sempre! "Uma pessoa de todos os momentos". Certamente, que o "trato afável" passava pelo bom uso das palavras.

É Ambrósio Nicandro que se refere ao efeito destas para complementar o tratamento. Ao descrever a terapêutica prescrita pelo médico, diz ao seu amigo: ''Era nessa altura que eu gostaria de ter o prazer da tua agradável conversa (pois aliviaria os meus padecimentos) como fizeste muitas vezes".

A persuasão pela palavra, isto é, usar a palavra para combater determinadas doenças, foi prática que Amato Lusitano não desconheceu. No entanto, considerava tal procedimento "artificioso" e portanto não próprio da verdadeira medicina. A perturbação tinha sempre uma causa corpórea, tal como na medicina hipocrática, que era uma medicina "fisiológica". Como diz Lain Entralgo, referindo-se à medicina hipocrática,

"a forte convicção de que o verdadeiro *métron* da medicina é a sensação do corpo, fê-la pouco sensível a tudo o que não é puramente somático na doença e no tratamento".[14] Também a alma, ou o espírito, tem uma presença singular, como que arredia, na obra monumental das *Centúrias.* As curas apresentam doentes, habitualmente, com sintomas, intrepretados como consequência de desarranjos fisiológicos. A terapêutica devia ter, em grande medida, também essa dimensão.

Numa cura da 6ª *Centúria*[15], que trata da doença do representante do rei Henrique II de França, que sofria de "morbo-gálico", com delírios e "desarranjos mentais", Amato Lusitano não aceita a perturbação mental como entidade autónoma, escrevendo que o viu "como um homem de excelentíssima saúde: o rosto tinha bom aspecto, as pulsações em boa forma, comia como um touro, bebia como um gaulês e dormia profundamente. Todavia, não era possível desligá-lo de nenhum modo do estado de loucura". O próprio doente dizia que tinha um "abcesso do lado direito" da cabeça. Portanto Amato prescreve, entre outros remédios, uma infusão variada, com efeitos purgativos. Mas não deixa de citar um "insigne médico" alexandrino, que morreu em Roma no início do século VII. Alexandre de Tralles e cuja obra médica, constituida por onze livros, foi muito editada durante o Renascimento.[16] Invoca este médico para contar uma história sobre o tratamento de um doente mental, através da persuasão pela palavra, em que esta tem um suporte realista, mas enganoso. O médico acompanhado pelos seus assistentes, simularam a realidade traduzida pela fantasia do doente, que "estava convencidíssimo que tinha uma serpente no corpo". Ao examinarem os seus dejectos, onde previamente colocaram um bicho, "declararam homem de juizo aquele que em sua opinião não fora falso". "O médico tinha alguns assistentes que aprovariam parte da história e como que persuadidos de admiração", felicitariam o doente por ter sido restituído à saúde. Este, acreditando, poderia curar-se.

É uma história, mas não será por acaso que Amato Lusitano a conta, considerando-a "proveitosa". É que ela insere-se no modelo hipocrático sobre a concordância de todos os actores e elementos presentes no acto do médico. Quando a psicoterapia moderna, para ter êxito, na comunicação interpessoal, utiliza também, como princípio, que o terapêuta se adapte ao doente e fale a mesma linguagem, provavelmente está a servir-se de um conhecimento muito antigo, que a história contada por Amato Lusitano, a propósito da cura do embaixador francês, já reflectia, embora com ingenuidade..

A cura 87.ª da 6.ª *Centúria*[17] , também chamada ragusina, refere-se a um curioso caso de surdez, de um rapaz rico, atribuída a um encantamento, alegadamente produzido por uma prostituta de Ragusa. A acusação em tribunal e a consequente prisão da mulher desencadearam um processo muito concorrido, com "muitas e variadas peripécias" , tendo os juizes pedido um parecer médico escrito a Amato Lusitano sobre a matéria em causa. Ora, o tema do encantamento associado à "bruxaria" tinha, na época, grande repercussão e era um assunto prolixo. Diz o médico albicastrense: "Neste assunto, se quisesse discorrer por tudo e até à minúcia teria de escrever um volume razoável". Porém, sendo o encantamento uma fraude, era impróprio para merecer do médico um tratamento copioso. Escrever muito sobre tal assunto "é contra o estatuto" médico, afirma, fazendo apelo às verdadeiras referências do trabalho médico, pelo qual se retiram muitas pessoas "das fauces de Orco". Para exercer devidamente esta profissão, é imperativo "manusear dia e noite os livros e os sagrados ensinamentos daquele divino Hipócrates e do asiático Galeno, seu maior comentador".

A bruxaria, os encantamentos, a magia, a "invocação dos demónios e de medonhos sortilégios" representavam "enganos" que podiam "impressionar vivamente o espírito das pessoas". Esta a verdadeira explicação atribuída por Amato ao efeito de tais práticas. Havendo muitas histórias fantásticas a este respeito, às quais não se devia dar crédito, conclui "não poder esta mulherzinha (referindo-se à ré) tornar alguém surdo com palvaras e encantamentos". No raciocínio do médico, podia, no entanto, ter-se dado o caso da utilização de algum medicamento, conjuntamente com as palavras, e ser o medicamento o responsável pela surdez. Por exemplo, a mandrágora. Mas Amato Lusitano, após investigar, exclui também esta hipótese. E como o jovem sofria de "morbo-gálico", estava aí, na doença física, a causa da surdez. Declara-nos, então, que os "justos juízes" convencidos pelo seu "arrazoado", absolveram a mulher duma acusação tão perigosa, que lhe podia custar a vida.

A recusa deste médico da Renascença em atribuir à palavra poderes extra-naturais, mágicos, é uma atitude que se inscreve na genuína tradição hipocrática, dentro da qual os médicos não aceitaram o ensalmo mágico, apesar de frequentemente utilizado, na sociedade de então. Quando se referem a ele, como no livro "*Sobre a doença sagrada"* é para o repudiar e considerar charlatães e impostores os que o utilizavam, com fins, pretensamente, terapêuticos. Era uma posição que decorria de um saber inspirado nos filósofos presocráticos e em que o conceito de physis era determinante.

Se o médico Amato Lusitano, dois mil anos depois, não tivesse respeitado um mesmo raciocínio, aconselhado por ideias poderosas que subsistiram no tempo como válidas, talvez a sentença daquela mulher, contivesse uma decisão fatal. Também assim se defendia a vida, o objectivo mais nobre da medicina.

Por tudo isto, é legitimo pensarmos que o uso das

palavras, na fecunda actividade médica de Amato Lusitano, representava fins apropriados em tal mister. As *Centúrias de Curas Medicinais* ficaram aí para o provar.

** Médico. Centro Hospitalar da Cova da Beira. Hospital do Fundão.*

## Notas

1 Jaeger, Werner, *Paideia*, Aster, Lisboa, 1979, p. 939.
2 As referências que aqui usamos foram retiradas de: Hipócrates. "*Juramento Hipocrático - Tratados Médicos*", Planeta DeAgostini, Madrid. 1995 e de: Robert Joly, *Hippocrate Médecine Grecque,* Editions Galimard, 1964
3 Entralgo, Pedro Lain, *La curacion por la palavra en la antiguedad clasica*, Revista de Occidente, Madrid, 1958.
4 Amato Lusitano, *Centúrias* de *Curas Medicinais,* trad. de Firmino Crespo, Universidade Nova de Lisboa, I. II, III e IV Volumes.
5 Entralgo, P. Lain, *La medicina hipocrática*, Alianza Editorial, Madrid, 1970. p. 344.
6 Amato Lusitano, *Op. Cit.*, Volume I, p. 156.
7 Amato Lusitano, Op. Cit., Volume III, p. 151.
8 *Ibid.* p. 21
9 *Ibid.* p. 192
10 Amato Lusitano. *Op. cit.*, Volume II, p. 266.
11 *Ibid.* p. 80.
12 *Ibid.,* p. 185.
13 Amato Lusitano, *Op. Cit.*, Volume III, p.p. 9-14
14 Entralgo, P. Lain, *La medicina hipocrática*, p. 344.
15 Amato Lusitano, *Op. Cit.*, Volume IV, p.p. 67-68.
16 Entralgo, P. Lain, *Historia de la medicina,* p. 152
17 Amato Lusitano, *Op. Cit.*, Volume IV., p. 134

# A CULTURA CLÁSSICA NAS OBRAS DE DOIS GRANDES AUTORES-MÉDICOS NATURAIS DA BEIRA INTERIOR: AMATO LUSITANO E RIBEIRO SANCHES

**Fanny A. Font Xavier da Cunha***

"A grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las".

ARISTÓTELES

Tanto Amato Lusitano (1511-1568) como Ribeiro Sanches (1699-1783) tinham grande curiosidade do passado, pelo que a referência a autores clássicos é constante em ambos. Autores como Aristóteles (384-322aC.), Cícero (106aC-43dC), Galeno (180-201dC), Hipócrates (460-377aC). Ovídio (43aC-?), Plínio (23-79dC), Sócrates (470-399aC), Vesálio (1514-1564), Homero (850aC ou 900-1100) e Teofrasto (372-287aC.), são citados com frequência.

Os mais referenciados são Hipócrates, Galeno, Plínio, Ovídio e Sócrates. Este será talvez o mais admirado por ambos, a ponto de o cognominarem "*o divino Sócrates*".

Contudo na obra de Amato Lusitano apenas encontramos uma referência a Sócrates, a quem chama "*aquele divino Sócrates*". E na *Quinta Centúria,* Cura XCVIII - "De um rapaz que morreu por ter bebido cicuta". Nos seus Comentários Amato diz: "ao escrever isto veio-me à lembrança aquele divino Sócrates que acusado injustamente por inimigos malfazejos foi morto pela bebida do suco da cicuta, apressando o carrasco o movimento, de forma a que, com a abertura dos meatos e vias corporais a frieldade procurasse mais depressa o coração, matando-o".

O rapaz referido na Cura comera, em jejum, cabeças de cicuta, tendo encontrado morte rápida. Ora Amato, mencionando dois clássicos - Galeno, que ele considera o Mestre de todos e Plínio, diz que ele poderia ter escapado à morte se tivesse bebido em abundância vinho do mais puro.

Porém na obra de Ribeiro Sanches, o médico cientista, precursor de várias Ciências, hoje consolidadas, como a Ecologia e a Psiquiatria, Sócrates é amplamente citado.

Na sua obra "*Dissertação Sobre As Paixões Da Alma*", Ribeiro Sanches diz: "Regravam naquele tempo o que nós dizemos hoje a consciência, os filósofos, tanto pelas instruções públicas como particulares e principalmente depois que Sócrates descobriu ao mundo aquela ciência dos costumes e formosura da virtude. Os legisladores, com leis, apenas tiveram o cuidado de curar os males que causam as paixões desordenadas; não ensinavam nem persuadiam mas castigavam as faltas daquela parte inteligente que eram prejudiciais à sociedade e, castigando, imprimiam o terror e mantinham no dever aqueles que, sem aquele freio, teriam dado curso às suas paixões desregradas; daí a origem dos nossos tribunais".

Na obra citada, Ribeiro Sanches ainda refere Sócrates a propósito da saúde e constituição dos corpos, dizendo que: "a maior parte da virtude de Sócrates dependia da sua excelente constituição e ainda àcerca de um doente seu que no 3.º dia de febre começou a delirar e a discursar com tal acerto da vaidade do Mundo e das misérias humanas, com tal eloquência e capacidade, que se admiraria o mesmo Sócrates". Sócrates que Ribeiro Sanches considera um homem prudente, ao contrário daqueles que sofrem de "Paixões de Alma", que é uma "doudice momentânea".

"*Sócrates, a quem DEUS concedeu o juízo em um corpo são*"

Na mesma obra de Ribeiro Sanches encontramos apenas uma referência a Teofrasto, a propósito de um "veneno": "a paixão de amor". Transcrevemos: "tendo alguém perguntado a Teofrasto que cousa era o Amor, respondeu como se lê em Stobeo (*Sermon* 62) que era uma doença da alma ociosa. O que Ovídio pensava quando diz: "se excluirdes a ociosidade, os traços do amor não terão mais força". E Ribeiro Sanches continua: "Difere o amor da amizade. Esta, é aquele amor que temos para unir com a utilidade que redunda da virtude. Aquele, (o) amor que temos para nos unir com

o objecto amado representado por este, tem por objecto a representação natural da cousa amada, e a amizade a representação das potências da alma ordenada".

Teofrasto (372-287 a C.) é citado mais vezes em Amato. Na Cura XIII, Terceira Centúria - "De alguns que vieram de Portugal a Roma e adoeceram", em que se trata de criados e escravos de D. Afonso de Lencastre que tendo ido, por mar, de Portugal a Roma e adoeceram quases todos, atormentados de várias febres. Com aplicação e remédios, Amato restitui-os todos à saúde, pois eles adoeceram, não pela variação dos ares, pois os ares de Lisboa donde eles tinham embarcado não são muito diferentes, em qualidade, dos ares de Roma, e a esse propósito Amato, nos seus Comentários tece várias considerações sobre climas, temperatura e citando o caso da Sicília refere Teofrasto: "Se as coisas são assim e nesta ilha os homens conseguem viver tanto tempo, parece que a temperatura nada interessa à extensão da vida, devendo antes acrescentar-se que os homens de regiões destemperadas vivem mais tempo do que os das temperadas. Isto é por nós confirmado como verdade, pois que igualmente observamos o que se passa com os animais de variável temperatura (destemperados), como por exemplo as gralhas, os corvos e os veados". Por isso Teofrasto, dotado de geniais faculdades sobre-humanas, recorda que "o género humano pode com razão queixar-se da natureza universal visto que concedeu tão prodigamente tão longa vida a estes animais, mas aos homens concedeu-a muito breve, curta e até cheia de misérias. Enfim, a desejada temperatura normal nenhum outro efeito procura realizar no homem que o de todos os seus actos e energias se executarem e concluírem nele ao mesmo tempo, e terem uma certa correspondência e coalternação vicissitudinária entre si, isto é, ir de encontro ao seu próprio trabalho".

Amato torna a referir Teofrasto na Cura LXXXVIII, Sexta Centúria. - "De um veneno que se dá a certo tempo", a propósito do acónito, dizendo de Teofrasto: "pessoa de alta ponderação e muito atento e experimentado na arte médica" que ele dá como exemplo sobre aquilo que disse. Isto é: "que as pessoas se comportam diferentemente em diferentes horas: às vezes vigorosamente, decididos e firmes para tudo fazer; outras vezes, porém, sem forças, sem firmeza e debilmente, pelo que é certo que nunca se pode dar um veneno que mate em tempo determinado (antecipadamente calculado)". Teofrasto, por conhecer tudo isto, diz no livro 9.° *De Causis Plantarum*, capítulo XVI, que o acónito era preparado outrora para que pudesse matar em data certa, isto é dois meses, três, um semestre e até no espaço de um ano, mesmo no espaço de dois anos, como nós também o lembrámos, no livro 4.° do nosso Dioscórides, "*Capítulo do Acónito*".

Galeno, a autoridade clássica da Medicina, Plínio e Hipócrates, considerado o Pai da Medicina, são os clássicos mais citados por Amato Lusitano. Em tudo

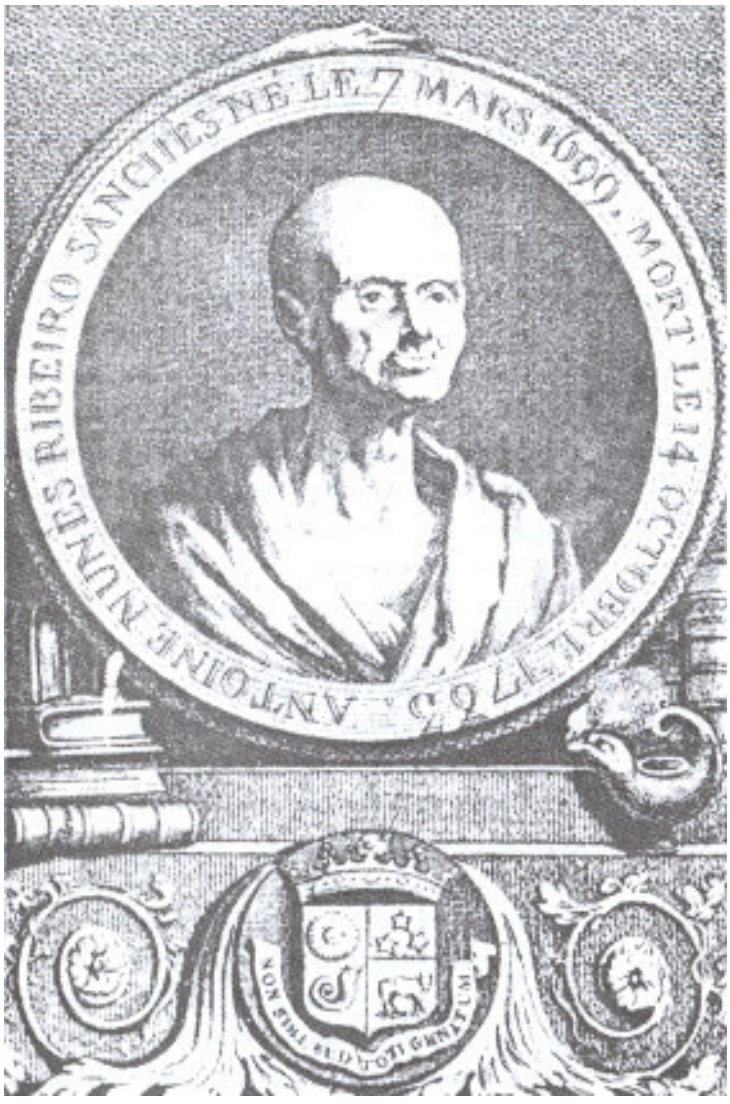
Amato seguia Galeno: assim, na Cura LV - "De um preparado de trociscos para condimentar a teriaga de víbora" (*Segunda Centúria*), numa discussão com Jerónimo, médico de Milão, seu interlocutor, é taxativo: "São estas as palavras de Galeno". Galeno, que se auto elogiava indirectamente, como no caso do seu texto intitulado "*A Dor de Ventre de César*". Nesse texto refere ter o Imperador César (Marco Aurélio) declarado, depois de curado por ele "que tinha um médico perfeito". E Galeno continua: - "como sabeis, daí em diante não deixou de dizer, ao falar de mim, que sou o primeiro entre os médicos, e único entre os filósofos. Pois tinha tido ocasião de comprovar que muitos eram não só mercenários, como também brigões, manhosos, egoístas e desonestos...". Note-se que quem falou não foi Galeno, mas sim o Imperador!

E é precisamente a propósito de César que Amato Lusitano cita as palavras de Galeno. No entanto, e já anteriormente na Cura L, *Segunda Centúria* - "De destilação cálida", Amato não deixa de citar as opiniões de outros autores acerca de Galeno, como as de Alexandre Tralliano, que ele considera Homem muito ponderado, quando este se indigna contra Galeno, e as de Paulo Egineta, no capítulo da cura da rouquidão, em que estaria em causa utilizar favas cozidas com ou sem casca.

Porém para Amato, Galeno era *"êsse profundo oceano da medicina":* Cura VIII, *Segunda Centúria*- "Em que se mostra como deve distinguir-se a debilidade de forças feita por opressão, da que resulta por dissolução". E nesta mesma Cura chama a Hipócrates "*o grande medico*" e "*o divino ancião*". Cura LV, Sexta *Centúria* - "De preservação de dores nos quadris", na qual, para a tratar e como ensinou "o

divino ancião" (Hipócrates) é preciso recorrer ao fogo.

É na Cura III, Quarta Centúria.-"De certo indivíduo que espirrava frequentemente", que vem à lembrança de Amato a famosa, mas curta sentença de Hipócrates, o aforismo LII, do livro 7.° dos Aforismos: "O espirro forma-se da cabeça, estando o cérebro aquecido, ou humedecida a parte vazia da cabeça. Daí que o ar, contido interiormente, se precipite para fora e ressoe porque a saída se faz por estreita passagem". A este propósito e nos seus *Comentários*, mais uma vez Amato refere Aristóteles, o qual lembra que: "quando alguém atreito a espirrar esfregar o(s) olho(s) o espirro desaparecerá de todo, ou pelo menos, diminuirá porque o flato, que sobreviverá com o espirro, ou se desfaz com tal friccionamento ou é desviado para os olhos".




Amato torna a designar Hipócrates de "*divino ancião*" e *de* "*sagrados os seus ensinamentos*", na Cura LXXXVII, *Sexta Centúria* - "De uma certa impostura, isto é, de como uma mulher com encantamentos tornou surdo um rapaz". Instado pelos juízes que iriam julgar a mulher, Amato foi obrigado a expor em poucas palavras o que pensava sobre aquele assunto. Mas Amato, se quisesse discorrer por tudo e até à minúcia, teria de escrever um volume razoável, o que seria contra o seu estatuto, pois "exercemos a medicina como uma arte de Deus, por meio da qual retiramos das fauces do Orco não pouca gente". E segue dizendo que para executar devidamente aquela obrigação instituída, seria preciso manusear dia e noite os livros e os sagrados ensinamentos daquele divino Hipócrates e do asiático Galeno, seu maior comentador. Portanto, não lhe era preciso tratar prolixamente de encantamentos. Fosse como fosse, os juízes, justos e convencidos pelo seu pequeno arrazoado, absolveram a mulher. Também neste caso cita Plínio. Seguem-se considerações sobre magias, bruxarias, feitiçarias, sortilégios, etc. Na realidade o rapaz contraíra mal de outra doença: o morbo-gálico. E cita os testemunhos de Séneca e Plínio.

Aristóteles e Plínio são referidos na Cura XXIV, *Segunda Centúria* - "Duma erisipela flegmonosa", em que o doente morreu pois que segundo Amato "estas e semelhantes coisas só acontecem pela inadvertência dos governadores e dirigentes que permitem cuidar da saúde humana indistintamente a todos os charlatães, pantomineiros e barbeiros".

Acatando muito embora os conselhos de Plínio, na Cura XXIV, *Sétima Centúria:* "Em que se ensina que a sede do riso ou da hilariedade está no septo transverso, para o Doutor Affio, filósofo paripatético". Nesta Cura e nos respectivos *Comentários* é posto em dúvida se Plínio pensou acertadamente quando colocou a sede interior do riso na zona precordial (isto é, no diafragma). Nesta discussão com o Doutor Affio, Amato refere as opiniões de outros clássicos, como Galeno, Hipócrates e Platão, terminando: "Mas sobre o riso podeis encontrar no filósofo muitas e bonitas coisas, nos livros sobre a alma que em nosso tempo escreveu com muito saber o alemão Filipe Melancton e o valenciano Vives tratou com grande agudeza".

Filipe Melancton (1497-1560), humanista e pedagogo alemão admirado pela sua superioridade em Ciência.

João Luís Vives nasceu em 1492 em Valência, tendo falecido no ano de 1540, em Bruges. Grande Filósofo e Humanista espanhol, considerado um dos maiores do Renascimento.

A sua obra filosófica *De Anima et Vita* (Basileia,

1538), marca um sulco profundo na história e métodos psicológicos, podendo ele ser considerado o "Pai da Psicologia moderna" (F. Watson). O percurso da sua vida é muito semelhante ao de Ribeiro Sanches, século e meio depois da sua morte. Como Ribeiro Sanches, Vives dedicou o seu tempo a escrever obras e a trabalhar para a reforma do ensino e dos costumes. Numa sucinta biografia de Vives é-nos dito: "Poucas vidas oferecem exemplo mais eloquente de amor à Ciência e de resignação ante o infortúnio do que a deste pensador que passou quase toda a sua existência fora da Pátria". Dentre essas poucas vidas conta-se a do sábio português Ribeiro Sanches, o qual dois séculos depois escreve a sua *Dissertação sobre as Paixões da Alma,* referindo também Plínio, como Amato.

Depois de mostrar como se geram as paixões que dependem do *Censorium comum* e que são totalmente materiais, Ribeiro Sanches passa a falar daquelas que afectam a alma. Para tal manda ponderar o lugar de Plínio, já citado, pois que nele se achará maior matéria de ideias novas que são tantas combinações ou conceitos abstractos das sensações do *censorium comum.* Ali se verão, diz ele, "a luxúria refinada, a ambição, a avareza, a superstição, a vaidade de viver na memória dos homens depois da morte e por último chorar a morte dos que amou como se injustamente o autor da natureza lhes tirasse a vida...". Deste modo se geram as paixões da alma que dependem da reminiscência, da combinação de sensações passadas, presentes e futuras. Essas são aquelas que transladei acima de Horácio e de Plínio: "Tratando da hipocondria", novamente refere Plínio. Também a propósito de sentimentos como a alegria, a dor, ira ou cólera, indignação e saudade ou tristeza, e como Amato Lusitano, refere o poeta Ovídio; pois que os Poetas "pintaram nesta paixão (amor e tristeza) transformando em pedra dura os vencidos dela. E a propósito diz que Camões, mais poeticamente e lastimavelmente representou *Adamastor* convertido no cabo tormentório pelo mortal desgosto do engano de Dóris:

"*Não fiquei homem, nõ, mas mudo e quedo*
e junto de um penedo outro penedo".

É também a propósito de paixão que Ribeiro Sanches cita Virgílio e não Camões, porque, diz ele: "Ninguém pintou este estado melhor, a meu gosto, do que Camões, mas como é conhecido de todo o mundo, citarei os poetas latinos ou por serem mais concisos nesta matéria ou por não ser a língua tão vulgar". Assim, cita Virgílio, que pinta a Dido amorosa de Eneias, dominada da paixão de tal modo que não vê nem ouve outra coisa, parece toda transformada no objecto que ama. E lembra Amato, na *Terceira Centúria ,* Cura LVI e na *Quinta Centúria,* Cura LXXXIV - "De um frade que tomado de amores por uma rapariga, se suicidou bebendo veneno", pois que com o andar do tempo a sua paixão se tornou de tal modo insofrível e mortal, e inflamou-se de tal forma, que, sem ninguém dar por isso engoliu vitríolo comprado num estabelecimento boticário. Mas os médicos, quando chamados para o ver breve o deixaram deplorar-se e com razão, visto que, nesse dia trocou a vida pela morte, e o bom do frade sofreu o castigo da sua paixão. Quanto à Cura LVI , *Terceira Centúria* - "De um rapaz hebreu violentamente apaixonado por uma rapariga Hebreia", nos seus *Comentários,* Amato diz: "Os romanos chamam a Eros o Amor, e daí vem que a esta doença se dê o nome de doença do amor". Os autores de práticas, no entanto, costumam chamar a esta doença *hereos,* e o que causa ainda maior riso, para interpretação deste vocábulo, recorrem aos Germanos, pois no seu idioma designam por "herren" o senhor, "herus" em latim, e visto que os senhores e magnates são muito dados a esta doença, esforçam-se por dizer que é desse idioma que a palavra tira a denominação. Deixá-los com a sua insensatez é o que há a fazer. "E a propósito de paixões", recorda Galeno e Hipócrates: e que "ele próprio se recorda de uma rapariga de Évora, que se apaixonou de tal forma de um rapaz nobre, que enloqueceu, e de outra, filha dum mercador Benaheni, que tendo sido prometida em casamento pelo pai, depois foi substituída pela irmã, enloqueceu, e assim ficou".

A propósito Ribeiro Sanches diz: "Neste estado muitos se deram a morte, como refere Amato Lusitano, o português", citando também o poeta Lucrécio (liv. 4, v.11 16): "Os que vivem são devorados por ciúmes, por suspeitas, arruinam-se, contraiem dívidas, esquecem os seus deveres, e perdem a sua reputação. Ribeiro Sanches considera que este mal de amor, "produz todas as enfermidades do cérebro". Ribeiro Sanches refere Plínio, justificando as suas observações: "Nascemos destituídos de muitas defesas e comodidades de que gozam os animais logo que nascem. Somos mais fracos, mais débeis que eles, mais expostos às intempéries do ar: temos menos instinto para evitar tudo o que pode prejudicar-nos e procurar o que nos pode ser útil. Para satisfazer as suas necessidades, no fundo, pouca coisa era precisa ao homem, mas ele foi tão engenhoso em multiplicá-las, que eles ultrapassam em muito as dos animais. É neste passo que Ribeiro Sanches recomenda que se leia o prefácio do 7º livro de Plínio, no qual, depois de ter lamentado a miséria, a fragilidade e a ignorância dos homens, ele prossegue nestes termos: "Foi dado aos homens, único entre os animais, ter remorsos; só a ele pertence esse luxo desenfreado e de todos os géneros, que exige, como à inveja, cada articulação dos seus membros: só ele é devorado pela ambição, a avareza, o desejo imoderado da vida, a superstição, o cuidado do

precoce, das suas exéquias, e a inquietude do que poderá acontecer quando já não existir. Nenhum outro ser está sujeito a uma vida mais frágil; a paixões mais fortes e mais estranhas, a raivas mais violentas. Enfim, todos os outros animais se comportam, cada um no seu género, consoante o voto da Natureza .... Mas, Deuses poderosos, os maiores males só acontecem ao homem pelo próprio homem".

Citemos aqui um clássico da Literatura: Shakespeare "A *culpa não está nas nossas estrelas, mas em nós próprios*".

Nestes conceitos se baseiam nos nossos dias outras Ciências e outras formas de curas: a Psiquiatria e a Psicanálise que são os métodos modernos pelos quais a Ciência trata os problemas emocionais, e que fazem com que os demónios da demência sejam expulsos da alma humana.

Verificámos que Hipócrates e Galeno eram muitas vezes referenciados tanto por Amato como por Ribeiro Sanches. Assim este, a propósito de clima refere Hipócrates, e a propósito de alimentação ou dieta, Galeno. Diz Ribeiro Sanches "...é certo que cada temperamento é levado pelas faculdades da alma a amar ou a aborrecer certos objectos com mais ou menos paixão. O clima onde nascemos, os ventos que neles reinam e a exposição ao Norte ou ao Meio Dia, produzem efeitos tão remarcáveis nos ânimos dos seus habitantes. Pode ler-se em Hipócrates, naquele livro onde trata do ar, das águas e das situações de cada terra..." e no 14º capítulo do livro da dieta, em que diz que "*os vícios da alma vêem do corpo*".

Sobre a dieta diz: "Também a dieta e familiaridade daqueles com que vivemos podem mudar tanto o nosso temperamento, e por consequência as nossas inclinações. Galeno estava convencido, contra a opinião de Hipócrates, que se podia, por meio de uma dieta apropriada a cada temperamento, e pelas mudanças de clima, modificar inteiramente as inclinações, modificando primeiro o corpo. Este sábio médico diz que "os hábitos do espírito seguem o temperamento do corpo, e que aqueles que têm dificuldade em crer que se pode, por meio de alimentos tornar certos homens mais temperados, alguns mais duros e mais brigões, outros mais afáveis e doces, esses, que venham junto de mim para aprenderem quais os alimentos e quais as bebidas que devem tomar para mudarem de carácter e de costumes; porque por estes meios eles farão grandes progressos na filosofia moral... Além da alimentação e das bebidas que lhes convêm, ensinar-lhes-ei os ventos, a temperatura do ar, as regiões que eles devem evitar ou escolher". Voltando a referências comuns, como Galeno e Hipócrates, temos na Cura XIX, *Segunda Centúria.* "De um que caiu dumas escadas de pedra e ficou sem movimentos na perna e no braço esquerdos". Amato foi chamado ao 5º dia e ao examinar a criança reparou que ela não tinha qualquer ferida, nem tumor nem fractura ou lividez dos membros; relembrou casos semelhantes citados por Galeno, e esclarecido pelos seus ensinamentos foi levado a julgar que os nervos e os músculos da criança estavam muito afectados e de tal maneira que os espíritos originários do movimento não podiam, através daquele visto estar-lhes interceptado o trânsito e o caminho. Por isso, continua Amato: "vou à origem dos nervos e mando que lhe friccionem a cabeça, o occiput e toda a região dorsal com o seguinte linimento..." No espaço de 15 dias os membros recuperaram o movimento e passados outros tantos ficou totalmente bom de saúde". E terminou com o Comentário: "É por isso que convém que o médico seja versado nos ensinamentos de Galeno, visto que é muito fácil poder encontrar nele tudo o que pode deparar-se-nos".

Sob o ponto de vista humanitário também cita Galeno na Cura XXII, *Segunda Centúria* -"De uma repentina erupção de pápulas em volta dos pulsos, das mãos e do estragalo dos pés, ou calcanhar", tendo Amato tratado o doente seguindo o princípio "ser conveniente que o médico atenda à opulência ou à pobreza do doente, dado que, consoante as posses dele, assim o médico mandará preparar medicamentos mais caros ou mais baratos", pois isto mesmo recomendava Galeno no Livro 6º de *Compositione Medicamentorum Per Loca;* dizendo assim: "Como os pobres apreciam o aparato modesto do médico, assim também é conveniente permitir aos ricos que comprem remédios conforme a sua opulência". E termina dizendo: "Ao que escreve, porém, um tratado de curar convém lembrar-se de todos os assuntos, para que não só os ricos disponham da fortuna, para utilizarem a arte em seu favor, mas que os pobres possam escolher ao menos aquilo que cada um possui em abundancia, consoante a ocasião".

No prefácio da *Sétima Centúria* refere-se a Hipócrates e a Galeno como "*os dois astros luminosos do Universo*", dois gregos aos quais a oportunidade de várias doenças inexplicáveis proporcionou e deu não pequena glória. Por causa de frequentes doenças que continuamente atacavam a Grécia, estes homens, observadores das coisas da natureza tornaram-se médicos ilustres. E é neste prefácio que cita Virgílio que, em verso lembra que os homens, em virtude das várias comodidades que Júpiter tinha retirado ao género humano, foram obrigados a lançar-se aos antigos trabalhos, rejeitada a indiferença: "*Tum variae venere artes. Labore omnia vincit Improbus et duris urgens, in rebus egestas*"

Aliás já citara outros versos de Virgílio na Cura XV *Quinta Centúria:* "De duas pessoas que tinham o mesmo rosto e sofriam do mesmo mal simultaneamente" Amato diz-nos: "ainda que nesta Cura ambos os dois pacientes tivessem semelhanças fisionómicas e fisiológicas, mas eram diferentes na procedência,

pátria e nos hábitos", voltando a referir Plínio e V. Máximo, os quais deixaram escrito muita coisa nesse género de semelhanças, mas que ele, Amato, "também conhecera dois irmãos, ambos nascidos do mesmo parto, e que eram de tal forma parecidos que ele próprio, acostumado a tratá-los familiarmente, nunca pudera distinguir um do outro".

Um autor que para nós é um clássico e que já o era para Ribeiro Sanches, dois séculos depois de Amato, pois era contemporâneo deste, é Vesálio (1514-1564), insigne anatomista e considerado pedra angular da medicina moderna, com a sua obra em sete volumes, intitulada "*Da Humani Corporis Fabrica*" (1543); e que Amato acusava de se mostrar adversário de Galeno.

De facto Galeno (130 a 201 D.C.), fora uma autoridade médica indiscutida durante 13 séculos (até Vesálio); Amato diz na Cura XLIV, *Segunda Centúria* - "Da disenteria chamada cólica ou desarranjo dos intestinos", que muito lhe agrada ler Galeno e compreendê-lo, e entregar-se à "maravilhosa lição de Galeno para dela tirar algum proveito". Contudo nesta Cura refere o facto de Galeno não conhecer a época do ruibarbo, e por isso confessa seguir o pensamento genuíno e verdadeiro de Hipócrates e de Galeno, no tratamento. Mas na Cura LVII, *Segunda Centúria* - "Dum rapaz atacado de mania", para maior clareza de pensamento apresenta alguns passos da obra de Galeno que se lêm no livro 13º do "*Methodus Medendi*".

E é na *Sétima Centúria,* que no Prefácio - Dedicatória designa Hipócrates e Galeno como "*dois astros luminosos do universo*".

Sendo Vesálio seu contemporâneo, chega mesmo a dizer na Cura LXVII, *Terceira Centúria* - "De pleurite que apanhava a membrana externa em volta das costelas e os músculos intercostais externos", e na Cura XL, *Terceira Centúria* - "Ensina-se como se movem os músculos no seu movimento voluntário, e ao mesmo tempo, como se perde a motilidade dum membro persistindo a sensibilidade e o inverso", que Vesálio teria feito melhor se recolhesse a sua língua virulenta, do que aplicá-la cheia de argumentos balofos de Averrois contra Galeno. E na Cura XXXI, *Segunda Centúria* -"O método e verdadeira regra de propinar o decocto da Radix sinarum, na pessoa do Sumo Pontífice Júlio III".

Tratava-se da *Raiz dos Chinas,* que nasce na terra dos Chineses confinante da Índia, onde aportam continuamente os nossos portugueses (esclarece Amato) e por isso censura Vesálio, o *Anatómico Germânico,* como ele o designa, com as seguintes palavras: "que ele se abstenha do que com razão se deve abster, pois que aos Chineses e aos Portugueses, que estão frequentemente com eles e trouxeram para a Europa o uso desta raiz se deve perguntar o verdadeiro, genuíno e característico modo de a preparar", visto que não lhe parecia que acerca das propriedades desta raiz ele as tivesse exposto

Estátua de bronze em pedestal de granito, executada pelo escultor

todas com felicidade. Porém Amato, como pessoa justa, ainda que a contra gosto, reconhece o valor de Vesálio na Cura LXX, *Quinta Centúria* - "Em que se diz que os prolongamentos da veia ázigos, isto é da veia sem par, se ligam às ramificações da veia cava que alimentam as partes interiores do torax", na qual confessa, a propósito de relembrar a opinião de Vesálio de Bruxelas, que apesar de considerar André V. sem dúvida, um douto e da maior honorabilidade, é todavia forçadamente, comentando (Deus seja testemunha), que eu Amato Lusitano trago a público a opinião dele.

Nas suas Centúrias ainda vamos encontrar referências a Erasmo, de quem diz: "*que não se engana nem engana ninguém*", a Ovídio que designa por "*engenhoso* poeta" e a Séneca e a Homero a quem chama "*Pai de todas as Ciências*".

Na Cura XLVII, *Segunda Centúria* - "De um indivíduo que, estando atormentado de Disenteria cometeu coito com a mulher e ficou são", nos seus *Comentários*, Amato refere Hipócrates e Galeno, concluindo que tanto um como outro eram dignos de censura neste assunto. Pois que Hipócrates nas últimas páginas dos livros *De Morbis vulgaribus* diz que a disenteria se cura com a vida lasciva, no que seria apoiado por Galeno.

E terminaremos com nova referência feita a Galeno e uma final a um poeta: Ovídio.

A Galeno, na Cura XXXVI, *Segunda Centúria* - "De certa pessoa a quem o perfume das rosas fazia cair de contínuo em síncope e delíquo", ou seja, nos nossos dias, um caso de alergia, termo criado por Pirquet, para designar o estado conferido ao organismo pela introdução duma primeira dose de certos antigénios. Nesta Cura, Amato começa por dizer que conheceu muitos que aborreciam a carne, outros o peixe, e outros que consideravam como veneno não só comer queijo como o simples cheiro dele. No caso do peixe e por tê-lo comido sem saber, o resultado foi o sujeito ser atacado de angústia, ânsia e opressão cardíaca com vómitos e desfalecimento a ponto de estar quase a faltar-lhe de todo a vida e na eminência de morrer.

Casos como estes, diz Amato, visto serem por toda a parte comuns, são talvez tidos em nenhuma conta. Por isso ele passa a descrever um caso raramente visto e até àquela data, nem sido sequer mencionado. Tratava-se de um frade que quando sentia o perfume das rosas ou de longe as via, imediatamente desmaiava em síncope e ficava estendido no chão, como morto. Por isso os médicos o aconselhavam a ficar em casa durante o tempo em que as rosas floresciam e a não sair, para evitar tamanho mal e não chegar a perigo de vida. E é a propósito deste caso que nos seus *Comentários* mais uma vez refere Galeno e os seus conselhos no princípio de *Ars Curativa Ad Gluconem,* seguindo-os: "Convém, pois, que o médico atente na natureza do doente, não só a geral, mas também a particular, recomendando: prestem atenção, portanto os médicos ausentes que pretendem curar os doentes por meio de conselhos". De facto é da sabedoria popular que não há doenças, mas sim doentes.

A referência de Amato a Ovídio (43aC...), poeta romano do século de Augusto, e um dos mestres do nosso Bocage, surge na Cura XX; *Segunda Centúria* - "De uma impostura, isto é dum certo médico que matou uma rapariga com um clister benigno". Diz Amato não ter havido razão para se atribuir ao médico aquela morte, visto que não depende sempre do médico que o doente se erga, na frase do engenhoso poeta Ovídio *(Non est in medico semper relevetur aeger).*

E termina: "Em conclusão, a mencionada rapariga morreu duma apoplexia, não havendo razão para alguem duvidar ou estar hesitante. Isto é o que penso, eu Amato Lusitano de Castelo Branco, doutor médico, em fé do que escrevemos estas linhas. Ancona, a 17 de Maio de 1550

** Investigadora. Museu Nacional da Ciência e da Técnica.*

## Referências Bibliográficas

1. Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco): Centúrias de Curas Medicinais. Pref. e trad. Firmino Crespo, Univ. Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Médicas (1549-1551).

2. Cordeiro, Faustino: A. N. Ribeiro Sanches-Dissertação sobre as Paixões da Alma. Introd. Org. do texto e notas. Ed. da Câmara Municipal de Penamacor. 1999.

3. Lemos, Maximiliano: Ribeiro Sanches, a sua vida e a sua obra. Porto, 1911.

4. Pina, Luis de: História da História da Medicina em Portugal, Imprensa Médica, Lisboa, 1956.

5. Pina, Luis de: A Marca Setecentista de Ribeiro Sanches na História da Higiene Político - Social Portuguesa (1756-1956).
"O Médico", 238, 1957.

6. Sanches, António Nunes Ribeiro: Tratado da Conservação da Saúde dos Povos... Lisboa, Off. Joseph Filippe, 1757.

7. Obras de A.N. Ribeiro Sanches, Ed. da Univ. de Coimbra, 1966

8. Sanches, António Nunes Ribeiro: Affections de l'Ame. Artigo da Enciclopédie Méthodique, ed. Panckouke, Paris, 1787. Reprodução. in "Anexo de Faustino Cordeiro, Dissertação sobre as Paixões da Alma", ed. da Câmara Municipal de Penamacor, 1999.

# EGAS MONIZ "...Segui imperturbável o meu caminho..."**

**João Maria Nabais***

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (1874-1955) - É médico, académico, escritor e político, e vai tornar-se o mais prestigiado nome das ciências médicas do Portugal contemporâneo; forma-se em Medicina na Universidade de Coimbra (1899), onde é professor desde 1902.

Liberal e anti-jacobino, apologista do reatamento das relações com a Santa Sé, Egas Moniz torna-se o principal dirigente e teórico do Partido Centrista (1917). Exerce ainda o cargo de Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e, nessa qualidade, é presidente da delegação portuguesa à Conferência da Paz em Paris (1918-1919); retira-se da vida política após a morte de Sidónio Pais.

Figura meã, de formas arredondadas, expressão aberta, simpático, seguro de si, sereno, cavalheiro, de contacto pessoal fácil, comunicativo e natural. Sabe ocultar a debilidade articular das mãos profundamente deformadas pela gota: assim como a sua calvície, mal assumida.

A sua conversa fluente é agradável, podendo adquirir várias tonalidades, desde a voz cerimoniosa, hábil e diplomata, até à pose parlamentar mais entusiasta ou agressiva. Por vezes deleita-se em líricos impulsos oratórios sobre poesia, pintura e descrições da paisagem, nas horas mais calmas e amenas.

Apesar de ser o cientista português mais famoso e prestigiado internacionalmente, e, por isso mesmo agraciado com o prémio da Faculdade de Medicina de Oslo em 1945, pelos seus trabalhos de angiografia cerebral, em que é pioneiro e com o Nobel, de Medicina e Fisiologia, em 27 de Outubro de 1949, como reconhecimento do talento e espírito inovador, pela nova técnica da leucotomia pré-frontal, para tratamento cirúrgico de certas doenças mentais (ex.: esquizofrenia, neuroses obsessivas, alguns estados de melancolia...). muito pouco tem sido feito, no essencial, para a divulgação como homem e cientista da sua obra, tendo-se criado um preconceito e um sentimento ambíguo para com a sua personalidade e, o mérito do seu trabalho.

Assim, o professor Egas Moniz nunca será totalmente bem tolerado tanto pelo regime político da época como pelos seus pares. E esse espírito, infelizmente, mantém-se... realmente, nada sabemos sobre ele. O País não parece tê-lo, deveras, em grande apreço. E nem o Nobel se afigura redimi-lo.

O consulado salazarista vive um tempo conturbado em Portugal, de involução cultural, sem qualquer apoio à organização e criação de laboratórios de investigação. Apesar disso, Moniz consegue melhorar os meios técnicos e adequá-los para que se possa desenvolver uma pesquisa médica nas suas múltiplas variantes e aplicações, da prática diagnóstica à terapêutica, o que vai em contracorrente ao hábito da ciência vigente, há muito estabelecido.

Egas Moniz mantém sempre a aspiração de trazer consigo algum contributo original à Medicina.

Textualmente são estas as suas palavras: *... A ânsia de concorrer para aumentar o património científico desde o início me seduziu... (Confidências de um Investigador Científico, Lisboa, 1949).*

Mas quando envereda pela investigação científica, não falta quem troce do seu propósito com o hálito maligno da inveja. Ele próprio a isso se refere:... *Depois havia a crítica dos incapazes de trabalho original a denegrir as intenções e os méritos alheios...* E acrescenta:... *Com que pompa ouvi dizer, em provas de não havia nem podia haver investigação científica! Dizendo isto, olhava-me de soslaio, para notar uma impassibilidade que havia de contundir com o seu orgulho de desastrado pregoeiro anticientífico! Já ao tempo clínicas estrangeiras tinham adoptado a angiografia cerebral na prática corrente e davam a melhor atenção à leucotomia pré-frontal...*

CASA DE EGAS MONIZ

Noutro passo das *Confidências,* quando as suas investigações já vão muito adiantadas no caminho do *êxito, escreve:... Formou-se então uma oposição sistemática e ordenada contra a arteriografia em geral e a do cérebro, muito em especial. Eu sentia a campanha em todas as suas modalidades e apesar de ter sido, nessa época, mais feroz do que nunca, não me impressionou. Segui imperturbável o meu caminho.*

A esses "colegas" escreve Egas:... *Depois é fácil repetir o que dizem os livros e revistas, especialmente quando os outros têm dificuldade em consultar as origens. Vivem estes catedráticos unicamente de ciência alheia, esquecendo que ao professor universitário, cabe outra missão a realizar. As Universidades não podem nem devem ser constituídas por aqueles que apenas se contentam com a ciência feita... De facto, o professor não deve ser o simples repetidor do alheio...*

Publica uma vasta obra no seu labor de escritor, abrangendo não só temas ligados às ciências médicas, mas também à literatura e à pintura.

**Curiosidades e Paradoxos**

Moniz foi homem culto, de espírito humanista e não apenas mais um erudito. A sua personalidade não fica só pela investigação solitária do laboratório mas igualmente no convívio, afecto e dedicação através da entrega diária aos doentes; detentor dum espírito de sentido renascentista (conhecendo o latim e o grego - lia ARISTÓFANES no original) dedica ampla curiosidade a muitos sectores da ciência e da cultura.

A sua origem provinciana remonta à pequena aristocracia rural da região de Estarreja (Avanca) sendo neto de miguelista. As suas actividades políticas iniciam-se quando conta 25 anos sendo deputado em várias legislaturas; antes e depois da proclamação da República, faz ouvir em momentos decisivos da história nacional a sua palavra enérgica; de espírito liberal, é preso à beira de ser deportado na época da crise pós-Ultimato.

Frequenta o colégio de São Fiel dos Jesuítas, em Castelo Branco, pela vontade do seu tio Abade, onde se integra com alguma facilidade. Recusa, no entanto, a vida eclesiástica, por força das suas convicções político-filosóficas; mais tarde, já como Ministro dos Negócios Estrangeiros no governo de Sidónio Pais, vai reatar as relações diplomáticas com a Santa Sé; suspensas pela I República.

Tem 25 anos quando se licencia com 16 valores, a 31 de Julho de 1899. Doutora-se dois anos mais tarde, tendo como tema de dissertação *A Vida Sexual*; é êxito editorial com cerca de 19 edições. Por ser um tema tabu, social e politicamente censurado nos anos quarenta, só se pode vender naquele tempo, pasme-se, por receita médica (?!)...

Até aos 51 anos, é um clínico distinto mas sem obra assinalável. A partir daqui inicia uma carreira de investigador científico que prolonga até ao fim, lutando contra a escuridão intelectual que se abatia "...Só *aprendemos e sentimos bem aquilo que nós próprios descobrimos ou inventamos...*"

Aos 65 anos, é vítima de um atentado a tiro no seu consultório, por um doente paranóico, e sobrevive apesar de atingido por vários tiros.

Jogador inveterado e amante do jogo de cartas, escreve, aos 68 anos, *História das Cartas de Jogar.* Pela deformação progressiva das mãos, provocada pela artrite gotosa avançada, cujas crises febris começam a apoquentá-lo cedo na vida, delega no seu discípulo dilecto Almeida Lima, fiel colaborador e amigo (o 1.° neurocirurgião especializado que se prepara para *ser as suas mãos*), todos os actos dependentes da aptidão e técnica manual nas operações, aos seus doentes.

Já após a atribuição do Nobel, numa viagem de regresso a Lisboa, amigos e comitiva são presos ne aeroporto para identificação pela polícia política de então.

É médico-escritor com uma grande bibliografia literária em especial como biógrafo e amador das letras e artes plásticas, ex.: *O Papa João XXI, Júlio Dinis, O Abade Faria, Guerra Junqueiro, A Nossa Casa,* memórias autobiográficas, etc.. Egas Moniz é mestre na arte de comunicar Ciência. Revela-se notável orador e conferencista, escultor de estilo aliciante e simples, etnógrafo informado, biógrafo, arguto crítico e experimentado coleccionador de arte.

A antiga casa de família ("Casa do Marinheiro") onde vive uma parte importante dos seus dias, actual casa--museu de Avanca, é um testemunho vivo de quanto se afirma.

**Egas Moniz Investigador**

Momento de reflexão...

No domínio da investigação científica, Egas Moniz é considerado um pioneiro nos campos da neurologia

- estuda a anatomia viva e funcional dos vasos sanguíneos cerebrais, a patologia dos tumores e outras lesões - e da psiquiatria - aplicando a neurocirurgia à cura de certas psicoses.

Ao falar da sua obra, tem de referir-se o impacto que as suas descobertas científicas (a angiografia cerebral e a Leucotomia pré-frontal) têm sobre o conhecimento do cérebro e no progresso das neuro-ciências, que davam os primeiros passos no desconhecido rumo ao futuro, com a descoberta de novas técnicas de diagnóstico, ex.: tomografia axial computorizada (TAC), ressonância magnética (RM), a Teleradiologia, a Telemedicina, etc..

**Angiografia Cerebral**

Nos anos 20, a evolução da Neurologia (a especialidade de Egas Moniz) deverá acompanhar o progresso dos outros ramos da Medicina pelo aprofundamento das ciências básicas (a anatomia patológica, a fisiologia, a electrofisiologia, a bioquímica, etc.) e pelo desenvolvimento das técnicas auxiliares de diagnóstico. Anos antes, Dandy introduz a ventriculografia e Sicard a mielografia.

Após algumas vicissitudes (na localização e técnica de injecção da carótida, e tipo de soluções aquosas opacas a adoptar como produto de contraste ) e os primeiros insucessos, a primeira angiografia cerebral bem sucedida (com visualização das artérias cerebrais ), num paciente vivo realiza-se em 28 de Junho de 1927. É célebre a exclamação de Eduardo Coelho na câmara escura - *Eureka!*

Esta nova técnica inicia uma nova era na radiologia com a visualização "in vivo" dos vasos na sua real expressão morfológica e fisiológica, tanto normal como patológica. Ao recriar a investigação experimental, vai impulsionar decisivamente, pelas suas vertentes neuroradiológica e neurocirúrgica, a cirurgia cerebral.

**Leucotomia Pré-frontal**

O lobo frontal é responsável pelos mecanismos adaptativos do indivíduo ao mundo, sendo a verdadeira locomotiva da vida psíquica interior. Para Moniz o que era importante era desfazer determinados comportamentos fixados patológicos.

A Leucotomia pré-frontal, psicocirurgia ou cirurgia psiquiátrica (ou seja, o tratamento cirúrgico das doenças mentais) é proposta pela primeira vez por Egas Moniz, como ideia nova nos anos idos de 1935-36, e deve ser posta na sua perspectiva histórica em que muito pouco havia a oferecer a estes doentes, muito antes dos medicamentos neurolépticos e das novas abordagens psiquiátricas.

Aos primeiros doentes operados (com o leucótomo) fazia-se o corte da substância branca no centro oval que liga a região posterior do cérebro às regiões anteriores. Uma boa percentagem experimentava uma melhoria dos sintomas com alívio do seu sofrimento; muitos que estavam asilados e votados ao abandono para o resto das suas vidas foram reintegrados na família com uma vida de relação aceitável com novas relações interpessoais e sociais - uma nova sintonização. Por esse facto recebe o Nobel, em 49.

Actualmente, as intervenções com destruição ou estimulação de áreas nervosas específicas, cuja definição anatómica precisa é agora conseguida com as novas técnicas de imagem, são hoje comuns no tratamento da epilepsia, dos movimentos involuntários da dor...

A psicocirurgia é restrita a doenças psiquiátricas

refractárias a outras terapêuticas, como certas neuroses ansiosas ou psicoses obsessivas compulsivas.

**Dois Decénios da Escola Portuguesa de Angiografia**

É Egas Moniz o núcleo-base (com Almeida Lima e col.) que incentivou a origem desta escola ao estabelecer as raízes donde nascem os vários ramos da visualização dos vasos, com: Reynaldo dos Santos (aortografia e arteriografia dos membros; a urografia - a primeira, em Portugal foi realizada em 1930); Lopo de Carvalho (circulação pulmonar) - Hernâni Monteiro (estudo da circulação linfática) e João Cid dos Santos (circulação venosa dos membros).

*** Comunicação apresentada por João Maria Nabais nas XII Jornadas "Medicina na Beira Interior -da pré-história ao século XXI" para trazer à memória a efeméride dos cinquenta anos da atribuição do Nobel de Medicina e Fisiologia, a Egas Moniz, em 1949.*

** Médico Pediatra. Poeta e Investigador.*

## Notas Biográficas

. António Caetano de Abreu Freire nasceu em Avanca em 29 de Novembro de 1874 e faleceu em Lisboa a 13 de Dezembro de 1955
. Licenciado em Medicina pela Faculdade de Coimbra em 1899
. Professor substituto da Faculdade de Medicina de Coimbra em 1902
. Transferido para a Faculdade de Medicina de Lisboa em 1911 para ocupar a cadeira de Neurologia então criada
. Sócio da Academia das Ciências de Lisboa e seu Presidente em 1928, 1932 e 1940
. Presidente da Classe das Ciências em 1940, 1947-48, 1950-52
. Vice-Presidente da Classe das Ciências Médicas em 1930-31, 1939, 1953-55
. Sócio de Mérito da Academia de Ciências Membro correspondente da Academia de Medicina de Paris
. Sócio correspondente estrangeiro da Real Academia de Medicina de Madrid
. Membro correspondente estrangeiro da Sociedade de Neurologia de Paris
. Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Rio de Janeiro
. Sócio Honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo
. Sócio estrangeiro da Associação de Neuro-Psiquiatria de Espanha
. Sócio efectivo da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa
. Sócio efectivo da Sociedade Portuguesa de Biologia de Lisboa
. Sócio correspondente estrangeiro da Sociedade de Neurologia da Estónia
. Membro correspondente estrangeiro da Sociedade de Oto-Neuro-Oftalmologia de Estrasburgo
. Sócio estrangeiro da Sociedade Rádio-Neurocirurgia Italiana
. Membro correspondente estrangeiro da Sociedade de Hidrologia e de Climatologia Médica de Paris
. Sócio Honorário da Associação Paulista de Medicina de S.Paulo
. Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro
. Membro correspondente estrangeiro da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria de Buenos Aires
. Membro Honorário da Academia Médico-Cirúrgica de Ferrara
. Sócio da Academia Brasileira das Letras
. Sócio Honorário da Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica
. Membro Honorário da Sociedade Real de Medicina de Londres.
. Membro Honorário da Sociedade de Neurologia de Nova York
. Membro Honorário da Associação Neurológica Americana
. Presidente Honorário da Sociedade Luso-Espanhola de Neurocirurgia
. Membro Honorário da Sociedade Cirurgia de Língua Francesa

## Distinções Honoríficas

. Deputado em várias legislaturas (1903 -1917)
. Ministro de Portugal em Madrid - 1917
. Ministro dos Negócios Estrangeiros (1917-1918)
. Primeiro Presidente da Delegação Portuguesa da Conferência da Paz em Paris - 1918
. Doutor "Honoris - Causa" pela Universidade de Lyon
. Doutor "Honoris - Causa" pela Universidade de Bordéus
. Gran Cruz de Isabel a Católica de Espanha
. Gran Cruz de Instrução e Benemerência
. Gran Cruz de S.Tiago de Espada
. Comendador da União de Honra de França
. Medalha Honorífica Cruz Vermelha da Alemanha
. Grande Oficial da Ordem da Coroa de Itália
. Prémio de Oslo - 1945
. Prémio Nobel - 27 de Outubro de 1949

## Bibliografia

- Caldas, Castro - *Tempo de Medicina,* A Psicocirurgia de Egas Moniz; 2000

- Fernandes, Barahona - *Egas Moniz, Pioneiro de Descobrimentos Médicos;* 1983, 1ª ed.

- Macedo, Machado - *História da Medicina Portuguesa no Século XX;* 1997

- Prof. Martins e Silva - *Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear* (Exposição Itinerante de Obras de Egas Moniz e Reynaldo dos Santos - Catálogo); 1987, 2° ed.

- Moniz, Egas - *Confidências de um Investigador Científico;* Lisboa - 1949

- Moreno, Armando - O *Mundo Fascinante da Medicina* (A Medicina e a Arte ); 1997

# EGAS MONIZ E O CONCELHO DE CASTELO BRANCO PÔR A MEMÓRIA À LUZ

**Pedro Miguel Salvado***

Esta pequena mostra fotográfica pretende relembrar, neste limiar do novo milénio, o que foi a presença do Professor Egas Moniz na cidade e no concelho de Castelo Branco. Um território, palco da sua primeira fase formativa e, portanto, associado ao início da sua estrada de vida. Uma geografia dominada pelas paisagens-arquivo onde se alicerçaram os tais *vincos* da memória a que se referia quando escreveu:

"As coisas da infância esquecem durante o rodar dos anos quando as grandes preocupações dominam, no anseio de alcançar posição e marcar rumo na vida. Repousam no silêncio dos neurónios mais recatados para, mais tarde, voltarem à consciência em alvorada de ressurreição! Não se perdem, são vincos que permanecem e se arquivam, sempre prontos a serem disfrutados e a iluminarem as reacendências do passado."

O conjunto fotográfico reúne parte dos resultados de uma experiência produzida por um grupo de alunos do 1 ° ano do Curso de Artes da Imagem, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, que pretendeu realizar uma reconstrução e aproximação imagética da memória individual de Egas Moniz. Os alunos, com as suas camaras recolheram a sua antiga casa formativa - o Colégio de S. Fiel, percorreram os recantos e os espaços, captaram a luz exterior, sentiram o vento que sopra da serra. Mas, na nudez do velho colégio, aí, hoje nada lembra o tempo de Egas Moniz. No alvo casarão já não se preparam ninhos para a vida, recuperam-se sim, meninos das conturbadas veredas do destino da vida. Daí que as referências contidas na sua máxima obra autobiográfica: *A Nossa Casa. Itinerário de uma vida,* sejam, talvez, as únicas pistas que possibilitem uma aproximação do que foram os viveres, os micro-espaços e os ritmos do dia a dia trilhados, sentidos e apreendidos por Egas Moniz no coração da Beira Baixa, nessa década de oitenta do séc. XIX. No dizer de Ana Leonor Pereira, João Rui Pita e Rosa M. Rodrigues, os mais recentes biógrafos do Nobel, *A Nossa Casa* é "(...) o apelo às origens, em suma, o retrato fiel do homem enamorado pela terra que o viu crescer". Contudo, como afirma Idalina Conde, "todas as biografias - produzidas pelo própio ou fruto da oficina do biógrafo - , são objectos difíceis de tratar porque nelas se joga confusamente transparência e opacidade, facto e representação, realidade e construção, história e mito", pelo que, na realização desta leitura fotográfica, a consciência da necessidade de um certo distanciamento em relação à fonte escrita esteve sempre presente. Sabiamos que a reconstrução psíquica na totalidade de *A Nossa Casa* foi selectiva com o passado, pois nem tudo foi rememorado. O edifício de S. Fiel, pólo central desses tempos de infância, são uma realidade física bem presente na obra, catalizando e reforçando a recordação. No eixo da temporalidade da infância de Egas Moniz, o estrato e a sedimentação das imagens da fase da Beira Baixa encontram-se bem vincados. Um estrato de diversas temperaturas, de diversas luzes e de diversas sombras, recriações pela memória de distintos climas e vivências. Uma certa solidão, um sentimento de claustrofobia, apreendem-se da leitura da biografia, provocados pela dimensão do Colégio, com a sua torre, com as suas escadarias e janelões, com os seus particulares ruídos na imensidão dos corredores, pelos silêncios impostos, pelas penumbras nocturnas.

Se a fotografia é, por definição, escrever com luz, complementaram-se, nesta exposição, dois tipos de escrita. São imagens que compartem essa ideia comum de mostrar, ainda que em tempos diferentes, a geografia de territórios de vida do Nobel. Assim este conjunto fotográfico materializa-se e assume-se como um mediador da memória, como um olhar nebuloso sobre o passado de um dos vultos do séc. XX mais fascinantes do nosso colectivo. Memória que esta mostra, ajuda também a construir e visibilizar.

Nascido em Avanca em 1874, para a escolha do

prestigiosos colégio de S. Fiel visando a sua primeira etapa formativa, cruzaram-se várias razões, principalmente de ordem económica e de motivação familiar. O percurso Beirão começou em 1886, pela aproximação a uma paisagem que não lhe seria de todo desconhecida, já que vários familiares do futuro Nobel tinham raízes nestas terras do Interior. Nesses finais de séc. XIX, as acessibilidades à zona norte do concelho eram tortuosas e difíceis. A encosta sul da serra da Gardunha, em cujo o vale se destacava o branco do casarão jesuíta, fundado em 1862, por Frei Agostinho da Anunciação, ainda se encontrava coberta, apesar da maleita que se avizinhava, de grandes manchas de soutos.

O edifício impunha-se pela sua rigidez de linhas e pela sua grande cerca. Antes do grande portão da entrada, situava-se a hospedaria onde pernoitavam os familiares dos alunos, importante nó de sociabilidade quase fronteira entre dois quotidianos distintos - os rígidos, pausados e controlados ritmos do Colégio, e o bulício rural das aldeias vizinhas do Louriçal do Campo e da Soalheira. E, quando alguém indagava o porquê do nome do patrono do nome da instituição, contava-se a história do corpo incorrupto ali depositado, conservado dentro de uma urna de cristal que se dizia serem os restos de S. Fiel.

A vinda, periódica, de Egas Moniz a Castelo Branco justificou-se pela necessidade da realização de exames no sistema escolar público, na altura centralizado no Liceu Nacional da cidade capital. Um esquecido elemento biográfico de Egas Moniz - o seu processo escolar - que hoje faz parte do arquivo histórico do antigo Liceu de Castelo Branco, actual Escola Secundária de Nun' Álvares, que escolheu o nome do Nobel como patrono da sua biblioteca, fornece-nos todos os elos oficiais com a cidade. Durante três anos, a descida à pequena cidade possibilitava-lhe uma mudança de horizontes e uma quebra com o quotidiano monótono do Colégio:

"António Caetano d'Abreu Freire Egas Moniz, filho de Fernando Pina Resende d'Abreu natural de Avanca Concelho de Estarrreja Distrito de Aveiro e rezidente no Louriçal do Campo foi admitido a matrícula definitiva a fim de como aluno estranho fazer neste Lyceu exames de passagem da 1 ª classe das seguintes dosciplinas: Lingua e Literatura portugueza 1ª parte e Lingua franceza e a mathematica elementar 1ª parte. Juntou as certidões de idade e de admissão aos Lyceus, uma senha de 4.970 reis e mais tres senhas de 1.590 reis ao todo 9.540 reis com os adiccionais.
Castello Branco 3 de Junho de 1887"

Nesses finais do século XIX, Castelo Branco era uma cidade de encruzilhada, dominada por uma matriz rural que a envolvia e a definia. A cidade gravitava e sobrepunha-se regionalmente pela confluência de caminhos vindos de uma larga periferia rural e como cenário privilegiado dos conturbados poderes regionais desses tempos. Para quem vinha do norte, a barreira do Chafariz da Mina anunciava a cidade. Passava-se em frente do chafariz, do convento da Graça, então hospital, e do arruinado Paço Episcopal.

O castelo, com os seus derruidos muros no alto da colina, sobrepunha-se na incipiente mancha urbana que se desenvolvia, timidamente, pela encosta para ser abraçada por um conjunto de grandes quintas com os seus altos muros divisórios e com os seus imponentes portões.

O Liceu, depois de uma atribulada génese, encontrava-se instalado, desde 1858, num edifício que ainda hoje existe, em frente à Sé, local onde pulsava a pequena cidade ao ritmo dos sinos da única torre da igreja de S. Miguel (que então se encontrava de pé) e da torre do relógio. Nessa praça se estruturavam as linhas urbanas do burgo. Daí se desenvolvia a rua de S. Sebastião formada por ecléticos palacetes oitocentistas: um resultado arquitectónico das práticas do liberalismo local, onde se afirmava a burguesia emergente. Daí se partia também para o Passeio Público, depois de se passar pela Praça do Comércio (hoje de S. José), em cujo coreto a banda do quartel por vezes tocava. Do Passeio acedia-se à Devesa, espaço que perdia, cada vez mais, as suas antigas funções de local de encontro de complementaridades inter-regionais (quando, por exemplo, os grandes rebanhos de ovelhas desciam da Estrela e ali se juntavam para partir em direcção ao Porto do

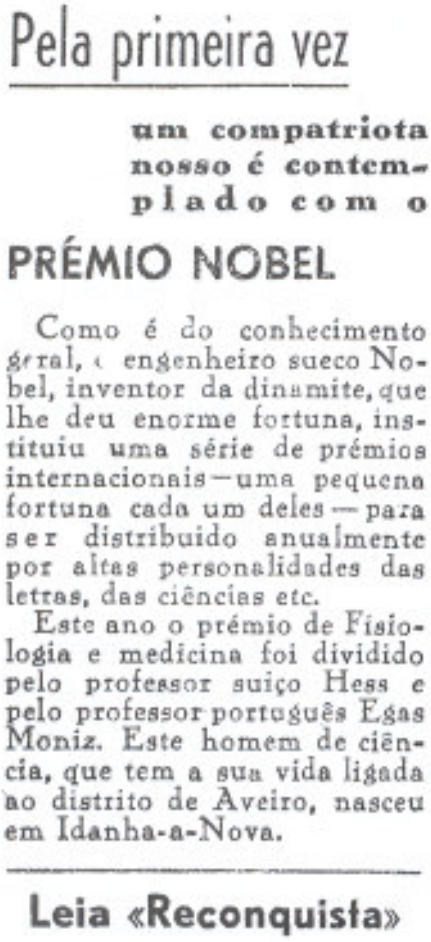
Tejo em demanda dos pastos seguros de Campo de Ourique, no Alentejo) para se animar, cromática e socialmente, nos dias de feira e de mercado. O domínio militar, com os seus particulares sons, paradas e exercícios, delimitava, também, a incipiente vida urbana da época e a aspereza do barrocal de S. Gregório anunciava o campo.

No dizer de Jorge de Seabra, que frequentaria o estabelecimento de ensino no início do século, o liceu de Castelo Branco era: "*célebre, entre outras cousas, pela profusão de jalenames na sua esburacada fontaria e por um pote de barro espetado num escanzelado cavalete, contendo água fresca, a fim de que à rapaziada não faltasse o precioso líquido - não possuía as condições de higiene e conforto indespensáveis a um estabelecimento de ensino. Tudo aquilo era pobre e miserável como um convento franciscano! não havia recreios e as salas d'aula eram acabadíssimas e do tamanho duma caixa de fósforos e, no tocante a mobiliário e aparelhagem a desgraça tocava as raias da penúria!".*

Uma realidade que deve ter contribuído para a distinção que Egas Moniz, muitos anos mais tarde, estabeleceria entre os diferentes tipos de ensino, reconhecendo que:

"No Colégio, ao lado da exagerada vida religiosa que nos levava tempo e roubava actividade, havia uma educação humanista e científica que só, por estar sujeita a programas liceais, alguns pouco recomendáveis, não era perfeita. Devo a essa orientação muito do meu aproveitamento na carreira universitária".

Como complemento, nesta viagem pelo que se enraizou da trajectória de Egas Moniz na região formativa da sua infância, localizaram-se as ténues reacções ou os propositados silêncios que a imprensa albicastrense dedicou à atribuição do Prémio Nobel ao cientista, a 27 de Outubro de 1949. Em finais da década de quarenta, havia na cidade dois semanários: o *Reconquista* e o *Beira Baixa.* No *Beira Baixa,* a ausência informativa foi total. No jornal *Reconquista,* a noticia ocuparia uma pequena coluna de página interior: Noutro periódico, que já então começava a impor a sua voz na abordagem a um conjunto de problemas sociais da Beira, o *Jornal do Fundão,* a notícia da atribuição do primeiro Nobel a um português foi relegada para a sua página infantil... E, curiosamente por coincindência ou não, foi igualmente nessa folha que se colocou o célebre visado da censura que, durante décadas, espartilhou a liberdade de imprensa de nosso país. E foi tudo o que na imprensa regional da época se escreveu a propósito desse primeiro grande acontecimento da história da internacionalização da ciência médica portuguesa. Também não poderemos deixar de referir a manutenção do silêncio,


Pela primeira vez

um compatriota nosso é contemplado com o

PRÉMIO NOBEL

Como é do conhecimento geral, o engenheiro sueco Nobel, inventor da dinamite, que lhe deu enorme fortuna, instituiu uma série de prémios internacionais — uma pequena fortuna cada um deles — para ser distribuido anualmente por altas personalidades das letras, das ciências etc.

Este ano o prémio de Fisiologia e medicina foi dividido pelo professor suiço Hess e pelo professor português Egas Moniz. Este homem de ciência, que tem a sua vida ligada ao distrito de Aveiro, nasceu em Idanha-a-Nova.

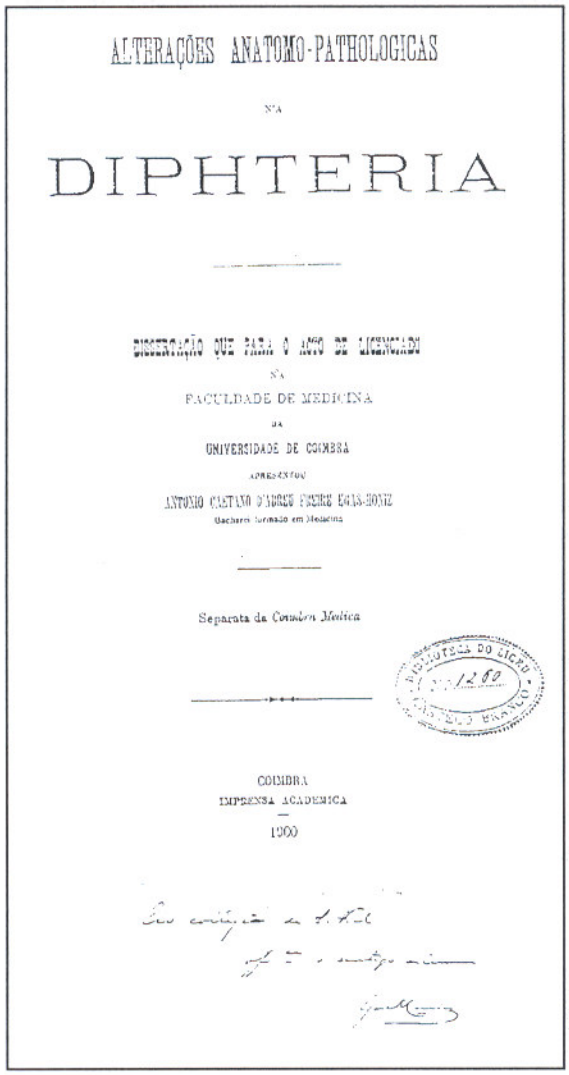
Leia «Reconquista»

por parte do médico-historiador José Lopes Dias que, nessa segunda metade do século, iniciava um alargado, (em personagens, factos e em cronologias) projecto de História da medicina da Beira Baixa. Anos mais tarde, já na década de 60, ao criar a revista *Estudos de Castelo Branco,* o autor solificaria um inovador discurso historiográfico local, aproximando-se daquilo que poderemos considerar hoje de micro-história. Mas a ausência de qualquer nota ou simples linha a ligação de Egas Moniz com o concelho e com a cidade de Castelo Branco constitui significativa lacuna dificilmente justificável quanto aos seus porquês.

Resta-me, como docente da ESART, agradecer o apoio e o incentivo recebidos para a concretização desta iniciativa por parte do seu director Fernando Raposo, tendo-se cumprido assim o teor das palavras de Egas Moniz:

"A persistência que depende da vontade, mais do que os arroubos de inteligência, consegue vencer dificuldades que, num dado momento, podem considerar-se insuperáveis. Já Cajal lhe chamou a virtude dos modestos".

Uma palavra de igual reconhecimento é devida à senhora directora do actual Instituto de Reinserção



ALTERAÇÕES ANATOMO-PATHOLOGICAS

NA

DIPHTERIA

DISSERTAÇÃO QUE PARA O ACTO DE LICENCIATURA

NA

FACULDADE DE MEDICINA

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

APRESENTOU

ANTONIO CAETANO D'ABREU FREIRE EGAS MONIZ

Bacharel formado em Medicina

Separata da *Gazeta Medica*

BIBLIOTECA DO LICEU
1200
CASTELO BRANCO

COIMBRA
IMPRENSA ACADEMICA
1900

Fac-símile da dissertação de licenciatura de Egas Moniz e por ele oferecida à biblioteca do Colégio de S. Fiel, como antigo aluno.

de S. Fiel. Por fim, é justo reafirmarmos o esmero de toda a equipa de alunos envolvida nesta acção, a provar que o entusiasmo e a persistência se podem aplicar, principalmente, quando temos presente a necessidade de estabelecer pontes entre a escola e a comunidade na tentativa da construção e da afirmação de uma nova identidade cultural para a Beira Interior, uma identidade onde a memória seja verdadeiro alicerce do futuro. Parabéns, pois, à equipa que demonstrou cabalmente, com essa ajuda, a actualidade do pensamento do nosso primeiro Nobel quando este disse que “a época da didáctica estéril passou”.

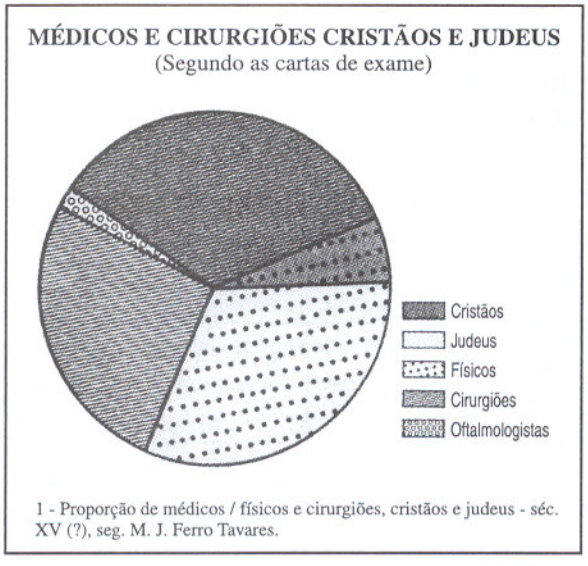
* *Licenciado em História (variante História de Arte). Mestre em Cultura Regional Portuguesa. Docente na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.*

# MEDICINA E INQUISIÇÃO NA BEIRA INTERIOR: Estudo de casos - Distrito de Castelo Branco

**Joaquim Candeias da Silva***

A existência no passado de uma estreita relação entre profilaxia e fé, ou, por outras palavras e mais propriamente, entre Medicina e Judaísmo, hoje universalmente aceite, era de há muito referida pela maioria das Histórias da Medicina. Assim, podemos historicamente admitir que, enquanto os judeus se foram dispersando pelo mundo, os que de entre eles eram médicos tiveram um papel significativo tanto como propagadores da sua ciência como das suas ideias religiosas, e vice-versa. Esta relação, que alguns consideram já anterior ao nascimento do Cristianismo, leva-nos a concluir que, logo após a destruição do reino judaico da Palestina no século I e da consequente Diáspora, se deu início a uma longa tradição, por vezes penosa mas ainda hoje perceptível em quase todos os recantos do mundo, de médicos judeus brilhantes.[2]

Idade Média adentro, vemo-los espalharem-se pelos países cristãos, mas também por terras islâmicas desenvolvidas, ganhando assim também novos conhecimentos. Alguns participam mesmo na fundação de escolas universitárias (como Salerno ou Pádua, Bolonha, Montpellier ou Paris). E, depois, muitos vão percorrendo as estradas e as cidades europeias. Em Portugal, pelos séculos XV e XVI, **quase todos os médicos eram judeus**; no Fundão o mais antigo físico/médico conhecido (em 1495) - Mestre Bueno Abolafia - era judeu; e além fronteiras, conforme refere Sournia, «A maior parte das cortes da Europa dá guarida a médicos judeus, prudentes e poliglotas, adaptados às culturas dos países onde vivem, e tão instruídos em medicina como em filosofia. Alguns descendentes de médicos judeus há muito convertidos ensinarão na Faculdade de Montpellier até ao século XIX».[4] Podemos, deste modo, afirmar que, no tocante à ciência médica, foram eles os principais intermediários na transmissão do saber mediterrânico-oriental ao Ocidente latino, então menos desenvolvido na matéria.




1 - Proporção de médicos / físicos e cirurgiões, cristãos e judeus - séc. XV (?), seg. M. J. Ferro Tavares.

Sobrevêm, entretanto, alguns conflitos com os poderes instalados, perseguições, expulsões ou conversões forçadas, como na Península Ibérica no final do século XV. Alguns emigram, dispersando-se por essa Europa fora, indo refugiar-se em Amsterdão, Praga, Constantinopla... Mas muitos, embora contrariados, acabam por ficar. E, se bem que aqui e ali se abata sobre eles a intolerância e o confisco de bens, vão-se dedicando não só às práticas médicas, como aos negócios, à banca e a certos ofícios, já que os monarcas e mesmo as populações cristãs lhes recusam frequentemente a propriedade de terras e a comparticipação nas corporações. Os antigos judeus (alguns deles médicos, como vimos), agora "cristãos-novos", são desse modo postos frequentemente à prova nas suas aptidões, nas suas qualidades de inteligência e de determinação na defesa dos seus princípios e das suas crenças. A maior parte finge aderir à "nova fé", continuando a judaizar clandestinamente, numa atitude que hoje designamos por criptojudaísmo e que entre nós se chamou e chama ainda de "marranismo".

É neste contexto que entra em cena a Inquisição. Criada em Portugal pela bula pontifícia *Cum ad nihil*

2- Um físico ou médico de semblante tipicamente judaico, pormenor de um painel de Cristovão de Figueiredo, existente no MNAA, Lisboa.

*magis*, de 23.5.1536, para reprimir em especial as heresias, revestiu-se numa primeira fase de certa brandura, mormente com o seu primeiro dirigente, o beirão fundanense D. Frei Diogo da Silva, natural do Outeiro (do Bispo), Aldeia de Joanes; mas a breve trecho, com a passagem das rédeas inquisitoriais para as mãos do infante (futuro cardeal) D. Henrique, irmão do monarca *Piedoso* e figadal inimigo dos ditos cristãos-novos, a violência não tardou a aparecer, com os primeiros condenados à morte e relaxados em carne, em espectaculares autos-de-fé, isto a partir de 1540.

Durou a actividade desse estertor, que também deu pelo nome de Santo Ofício e que chegou a ser como que um estado dentro do Estado, quase três séculos, dois dos quais se podem considerar de forte compressão e particularmente desumanizantes para a maioria daqueles que tinham a infelicidade de lhe cair nas garras. Deles existem no Arquivo da Torre do Tombo cerca de 36.000 processos, que geraram mais de 25.000 condenações ("penitenciados"), tendo, destes, cerca de 1.550 sido "relaxados" às mais horrorosas penas de morte.

A Beira, como importante zona de fixação ou passagem de muitos judeus/cristãos-novos, esteve sempre na mira das Inquisições. Não detemos ainda um panorama numérico seguro e completo das vítimas alcançadas pelos respectivos tribunais; mas **no quadro do actual distrito de Castelo Branco**, onde

3- Auto-de-fé da Inquisição de Lisboa no Terreiro do Paço, segue, gravura do Museu da Cidade - Lisboa

pelos meados do século XVI, num total de cerca de 13.000 famílias nucleares (correspondentes a umas 50.000 almas), viveria, pelos nossos cálculos redondos, cerca de um milhar de judaicos, e tendo em conta apenas os nascidos neste território que ao longo de mais ou menos dois séculos sofreram a repressão inquisitorial, **inventariámos** no arquivo nacional da TT (= Torre do Tombo) **508** indivíduos processados, distribuídos da seguinte forma:

| | |
|---|---|
| Covilhã - 136 (+ 10 do Teixoso) | Castelo Branco - 105 (+ 3 de Alcains) |
| Fundão - 83 (+ 6 se incluirmos aldeias das suas proximidades: 2 do Alcaide, 2 de Aldeia Nova do Cabo, 1 da Fatela e 1 de Silvares) | Idanha-a-Nova - 49 (+1 de Idanha-a-Velha e 1 de Segura) |
| Penamacor - 32 (+1 da Bemposta e 1 do Pedrógão) | Monsanto - 32 |
| S. Vicente da Beira - 12 | Alpedrinha - 12 |
| Belmonte - 10 | Proença-a-Velha - 5 |
| Castelo Novo - 3 (+ 1 da Orca) | Sertã - 3 |
| Oleiros - 2 | **TOTAL = 508 processados** |

São números; que valem o que valem e que até podem não dizer muito, porque estão e devem continuar a ser construídos. Os valores numéricos dos residentes (que não apenas dos nascidos) serão muito superiores? Teremos de equacionar também outros vectores, como os emigrantes e a evolução temporal? Por certo. Com efeito, de um Repertório alfabético de "ausentes", resultante de uma devassa ordenada pelo Conselho Nacional da Inquisição em 1613, constam os seguintes, todos eles condenados ou denunciados como cristãos-novos: 49 indivíduos do Fundão, 38 da Covilhã, 32 de Monsanto, 30 de Castelo Branco e 21 de Penamacor, enquanto a Guarda aparecia à cabeça da lista, largamente destacada, com 175 indivíduos ausentes.[1]

Em suma, são números falíveis e ainda precários - repete-se -, porque decerto pecarão por defeito; mas que nos dão já uma ideia da pressão provocada pelas denúncias e do terror instalado no país, e em particular na Beira Interior.

Muitos são os acontecimentos relatados pelas fontes históricas. Dos episódios mais conhecidos, destaquemos o caso do levantamento judaico de 1580 no Fundão: sob a liderança do capitão de uma companhia, Estêvão Sampaio, houve lugar à resistência organizada a um meirinho da Inquisição, o qual levava por missão prender os judeus ou cristãos-novos que iam assistir à missa de domingo na matriz de S. Martinho.[2] Já em 1611 (tempo de Filipe III), foi o bispo da Guarda que alertou os inquisidores para a necessidade de «poer mais comissários e familiares nos lugares convenientes do distrito dele, como são Guarda, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Abrantes e outros (...) porque as partes da Beira estão mui infeccionadas de judaísmo»[3]; ainda durante o mesmo reinado, é divulgada uma lista de físicos, cirurgiões e boticários presos pela Inquisição, alguns acusados de "terem morto cristãos velhos por medicina".[4] Pouco depois, pela carta régia de 13.4.1633 proibia Filipe IV que os cristãos-novos pudessem desempenhar quaisquer cargos públicos, e, no caso dos médicos cristãos-novos, uma lei chega a estabelecer que não podiam exercer todos aqueles que alguma vez tivessem sido presos pela Inquisição e saído reconciliados em auto, cabendo ainda aos denunciantes receber 200 cruzados. O que, mesmo assim, não impediu que alguns soubessem adaptar-se e enriquecessem, sobretudo nos negócios. Enfim, a brutalidade foi tal, que as queixas chegaram ao Papa, e em 1674 chegaram os inquisidores a estar privados do exercício de funções e quatro anos depois (1678) até o próprio Tribunal foi suspenso: mas o fanatismo popular redobrou e acirravam-se ódios velhos: sabe-se que na Quaresma de 1680 andava pela igrejas da Covilhã um padre franciscano a incitar a população ao ódio antijudaico, gritando «que os queimassem e que os apedrejassem e que os matassem. De facto, a partir de 1683 e até aos meados do século XVIII aumenta o poderio e o rigor do Santo Ofício, e sobretudo com D. João V. Vai aumentando também o número de "familiares" do mesmo Santo Ofício, que não têm mãos a medir de tantas denúncias e suspeições, em todos os sectores de actividade.

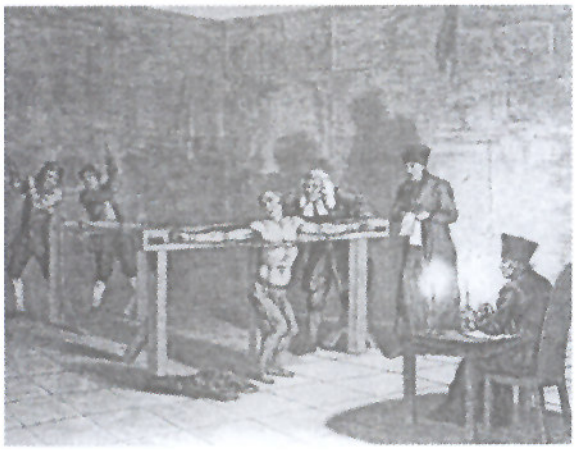
As grandes vítimas continuaram a ser, no entanto e sempre, os cristãos-novos, atribuindo-lhes o povo a

4- Cena de tortura no potro, com o réu amarrado, na Sala do Tormento da Inquisição de Lisboa. Gravura da Biblioteca Nacional.

origem de todos os crimes e desgraças. No caso dos médicos, frequentemente eram desprezados e chacoteados (se processados), como aconteceu, por exemplo, com o Dr. Simão Pinheiro Morão. Isto visto por um lado, dos que tinham alguma conotação com cristãos-novos; porque por outro, os clínicos eram profissionais que deveriam obrigatoriamente assistir às torturas dos presos na Casa do Tormento e nessa qualidade deveriam colaborar com o Santo Ofício e ser da maior lealdade aos inquisidores: «(médicos e cirurgiões) serão pessoas de muita confiança e os mais suficientes que houver na terra; guardarão segredo com particular cuidado em tudo o que virem e ouvirem nos cárceres» - dispunha o *Regimento do medico cirurgião e barbeiro-sangrador.*[5]

Quisemos, entretanto, ir mais longe nestas elucubrações históricas. Quisemos saber quantos foram e quem foram os **Médicos** desta região (ao tempo mais vulgarmente designados por **Físicos**), com ou sem estigmas de judaísmo ou de outros "crimes religiosos", que andaram a contas com a Inquisição. E não só médicos, também outros praticantes das artes de curar enfermos, como cirurgiões, boticários, sangradores e outros, estes já menos dados às práticas judaicas...

Os resultados da pesquisa aqui ficam. Uns menos desenvolvidos, outros mais, dependendo do seu grau de interesse histórico ou do facto de serem ou não já conhecidos de estudos anteriores. No caso dos naturais de Castelo Branco e/ou aí moradores, por exemplo, poucas novidades haverá, dado o avanço da investigação nessa área, fruto em grande parte do labor e da dedicação filial do nosso amigo Eng.° Manuel da Silva Castelo Branco.



5- Cena de tortura na polé, com o preso a ser apertado em rotação, na mesma sala (*Ibidem*)

Num relance de conjunto e à primeira vista, parecem ter sido poucos os vitimados. Seriam? Não haverá outros mais por inventariar? Gostaríamos bem que não houvesse. Mas, temos de confessar que, na realidade, não foi ainda suficiente o tempo dedicado ao assunto, tendo privilegiado as naturalidades e descurado um pouco as residências. Devem, pois, estes elementos ser considerados como preliminares. E aguardar-se. Aguardar-se, por exemplo, por mais Jornadas como estas. E também por mais colaborações. Damos, então, de seguida, uma curta nota biográfica de cada um dos que nos foi possível inventariar, quedando-nos, naturalmente, um pouco mais naqueles que são de todo desconhecidos, ou cujas relações com a Inquisição têm passado despercebidas.

**MÉDICOS**

**- Amato Lusitano / João Rodrigues de Castelo Branco** (1511 - 1568). Natural de Castelo Branco, conforme o nome indica e é sobejamente conhecido (que mais não seja por se tratar do patrono destas Jornadas), era filho de judeus este Grande do seu tempo. Seguindo uma tendência tipicamente judaica, foi cedo para Salamanca estudar Medicina (1526-1529). Ainda exerceu na terra natal, mas, em 1536, talvez receando já pela sua segurança - não estava ainda instituída a Inquisição portuguesa mas já pairava a sua ameaça -, deixou definitivamente o reino. Andou pela Flandres e depois pela Itália, indo finalmente refugiar-se em Ragusa/Dubrovnik (1557) e dois anos mais tarde na Macedónia (Salónica). Aí pôde, finalmente, professar o judaísmo em liberdade, concluir a sua obra e dar vazão com brilhantismo aos seus inquestionáveis dotes médicos, aí vindo a falecer a 21.1.1568, quando mais se empenhava no tratamento de pestíferos.[6]

- **Rodrigo Aires de Santilhana** (c. 1534-?). Nascido em Castelo Branco, no seio de uma família de cristãos-novos, seguiu o exemplo de seu pai, o bacharel legista Manuel Rodrigues, indo estudar para Salamanca, seguindo aí o campo das Artes e da Medicina. Regressado à terra natal, solicita e alcança do monarca autorização para o exercício da profissão (1555), mas cedo se encaminha para o Alentejo (Évora, Portalegre, Castelo de Vide), onde casa e passa a exercer clínica dignamente. Em 1569, porém, são já várias as denúncias de judaísmo no Santo Ofício contra si: Inês Lopes, cristã-nova de Portalegre, presa e obrigada a incriminar alguém, citara o seu nome dizendo que o conhecera em Évora, que ele «era pessoa virtuosa» e como tal «jejuava aquele dia todo (Kipur) até noite»; outro preso, Diogo Roiz, boticário de Castelo de Vide, acrescentou que certo dia o médico dissera que a Lei Velha (de Moisés) era boa; e idêntico testemunho dera um físico, Garcia Lopes, cristão-novo de Portalegre, também preso, tal como sua mulher Clara Lopes. Em consequência disso, vem a cair nas garras do Tribunal, acusado dos crimes de heresia e apostasia (judaísmo). A sua primeira audição foi a 2.5.1571: diz que é cristão baptizado e crismado em Castelo Branco, identifica o pai e a mãe (Brites de Santilhana), ambos já defuntos, os dois irmãos (Diogo e António, ambos a viverem em Castelo Branco), e as duas irmãs (Clara, Maria e Isabel, em Castelo Branco, e Leonor, casada em Abrantes com o mercador Francisco Mendes); mas, perguntado se guardava os sábados, se guardava e celebrava a Páscoa «do pão asmo comendo-o nela» e as mais festas e páscoas dos judeus, ''que não''; nega também ser a Lei de Moisés a boa, etc., e que sempre fora muito bom e católico cristão. E no mesmo volta a insistir a 22.7.1573, pedindo que o despachem com piedade. Foi feliz, pois terá conseguido ser suficientemente convincente. A 29.7.1573, saiu reconciliado em auto, condenado apenas à abjuração de leve suspeita na fé e ao pagamento das custas do processo, depois de o capelão certificar que estava bem instruído na doutrina cristã (TT, proc.º n.º 13.056 da Inquis. de Lisboa).[7] Sabemos, contudo, que ele logo que pôde se escapou para a Flandres...

**- Tomás da Fonseca** (c. 1562-?). Era natural da Covilhã (freg.° de S. Pedro), filho do licenciado Lopo da Fonseca, médico natural de Viseu, já falecido na Covilhã, e de Beatriz Henriques, cristã-nova natural de Pinhel, que estivera presa no Santo Ofício e que entretanto também falecera em Lisboa. Seguindo as pisadas paternas, estudou em Coimbra (?) e em Salamanca (1581), passou depois a Madrid, Burgos e Valladolid, nesta universidade vindo a bacharelar-se e a conhecer D. Isabel Coronel, uma fidalga castelhana e cristã-velha com quem aí se casou (1584). Estabeleceu-se, entretanto, em Lisboa (a S. Cristóvão,

freguesia de Santa Justa), onde passou a exercer clínica. Até que a 21.11.1609, após várias denunciações de presos da Inquisição, foi capturado, acusado de judaísmo. No momento da prisão trazia consigo somente uma faca de cabo preto, uma carta do cunhado Filipe Montalto, também médico (que segue), que era casado com sua irmã Jerónima da Fonseca, carta essa escrita de Florença[8], e mais uns papéis de somenos importância. Além desta irmã, declarou ele depois ao tribunal, tinha mais duas: Maria, a mais velha, viúva de Jerónimo Nunes, outrossim médico em Lisboa, que vivia à Betesga, e Isabel, casada com o dr. Pedro Roiz, advogado na corte de Madrid. Embora na situação de casado, a mulher do dr. Tomás encontrava-se ao tempo recolhida num mosteiro de Valladolid. A vida no cárcere foi para ele um duplo e terrível suplício. Aí esteve muito tempo doente numa cama e incomunicável. Às acusações do libelo argumentou ainda que era letrado douto e também filósofo e como tal não cometeria erros crassos em matéria da santa fé católica, e que fora sempre muito bom e fiel cristão, servindo até em confrarias. Ao longo do processo, veio também aboná-lo muita gente nobre, como o conde e a condessa de Atouguia, o conde de Monsanto, priores, curas e capelães, o contador-mor do reino, o tesoureiro-mor da Casa da Índia, desembargadores, tudo gente de peso da Nação. Só que a Inquisição era outro estado dentro do Estado e de nada lhe valeram os apoios externos. E mesmo doente, porque os juizes suspeitavam que ele omitia confissões e não denunciava outros cristãos-novos, foi mandado ao Tormento, onde levou um trato na polé, a 16.6.1611. Ainda assim, incorria em excomunhão maior, confisco de todos os bens e mais penas. Em consequência, iria ao auto da fé, que teve lugar a 1.8.1611 e onde abjurou «seus heréticos errores», condenado a cárcere e hábito perpétuo, penitências espirituais e pagamento de todas as custas (TT, proc.º n.º 1355 da Inquis. de Lisboa).

**- Filipe (Rodrigues) Montalto** (1567-1616). Natural de Castelo Branco e filho de António Aires, boticário e cirurgião, e de Catarina Aires, cristãos-novos, provou em 1586, na Universidade de Coimbra, cursar tudo o que se requeria para bacharel em Artes, obtendo assim esse grau, primeiro naquela universidade, a 1.3.1586, e pouco depois também em Salamanca (26.11.1586); passou então a Medicina, no estudo salmantino (1586-1588). Concluída a licenciatura (17.11.1588), regressou à terra natal, onde casou com a referida Jerónima da Fonseca, exerceu clínica e teve dois filhos. Receando, porém, as arremetidas do Santo Ofício, fugiu para Itália (Florença e outras partes), onde desenvolveu a sua actividade, ensinou e escreveu trabalhos médicos de grande modernidade e alcance, como é já do domínio público.[9]

**- Diogo Gonçalves** (c. 1568-?). Natural da Covilhã, frequenta Artes e Medicina em Salamanca (1587 a 1593), vindo posteriormente a ser preso e sentenciado pela Inquisição. Não lhe encontrámos, todavia, o processo.

**- Francisco Antunes Morão** (c. 1574-?). Nascido no Fundão mas desde a meninice (6 anos) levado para Castelo Branco pelos pais, o boticário Diogo Antunes Orta e Isabel Gomes, cristãos-novos, vem a obter licença para usar da ciência de Cirurgia após examinado em 1594 e o grau de Bacharel em Medicina em 1597. Casa, entretanto, em Castelo Branco, com Beatriz Jorge, também filha de cristãos-novos, moradores na Rua Nova, e aí exerce clínica até Dezembro de 1600, altura em que, acusado de judaísmo entra nos cárceres da Inquisição de Lisboa. Ali julgado, é condenado a cárcere e hábito perpétuo, vindo a obter a liberdade mediante a abjuração dos "seus erros" no auto da fé levado a efeito na Ribeira Velha, em 3.8.1603. Mantido sob vigilância, só em 10.4.1606 seria desobrigado do dito "cárcere perpétuo" e do hábito penitencial (TT, proc.º n.º 12.038 da Inquis. de Lisboa).[10]

**- Francisco Morão** (?-?). Cristão-novo, nascido também no Fundão e decerto ligado à família do anterior, estudou Artes e Medicina em Salamanca (1585-1592), após o que exerceu na sua terra natal; mas, denunciado à Inquisição a partir de 1608, acusado, entre outras culpas, de dizer «que viria tempo em que haveria muitos santos dos Judeus que justiçavam, porque morriam mártires»[11] , acaba por fugir para Espanha com a mulher, Ana Rodrigues (Mendes), e um filho, Diogo (1612). Provavelmente seu familiar seria um António Morão, também do Fundão (Covilhã), que também cursou Artes e Medicina em Salamanca pela mesma altura (1581-1587) e depois foi prestar provas de formatura a Coimbra (Março de 1589), igualmente denunciado por judaizante no «Caderno de Culpas da Diocese da Guarda» (1607-1611), mas de quem desconhecemos o desenlace processual no Santo Ofício.

**- Gonçalo Vaz** (c. 1590-?). Natural de Castelo Branco e filho de Martim Lopes e de Leonor Vaz, vivia em Portalegre casado com Violante Gomes quando a 27.4.1630 foi preso por judaísmo, heresia e apostasia. Por sentença de 30.6.1630, seria condenado a pena de excomunhão maior, confisco de todos os seus bens, abjuração pública dos "heréticos erros", penas espirituais, cárcere e hábito penitencial a arbítrio dos inquisidores, tendo saído em liberdade a 9 de Julho seguinte (Vem citado no proc.º n.º 1090 da TT, Inquis. de Évora).

**- João Gomes** (c. 1600-?). Também albicastrense,

filho de Gaspar Gomes, cristão-novo, cursou Medicina em Salamanca (1621-1623) e Coimbra (formatura a 3.6.1626). Seria preso por culpas de judaísmo, tendo por isso saído condenado no auto da fé de 3.8.1636, realizado em Lisboa, a açoites e cinco anos de galés. Relacionado com este médico encontramos outro, **Pedro Lopes da Costa**, médico cristão-novo natural de Avis e morador em Castelo Branco, o qual já saíra reconciliado em 1629: acusado de falsário contra o colega, foi de novo preso e condenado, comparecendo por isso ao auto de 1636, desta vez com a pena de cinco anos de degredo para fora do reino (TT, proc.º n.º 4289, da Inquis. de Lisboa, bem volumoso).

- **André Rodrigues Franco** (1610-?). Natural da vila de Idanha-a-Nova e cristão-novo, formou-se em Salamanca em 1649, após o que exerceu por algum tempo na terra natal, passando depois a Lisboa, onde se fixou na Rua das Canastras. Preso uma primeira vez às ordens da Inquisição em 1654, sem consequências de maior, viria a comparecer no respectivo tribunal de Lisboa no ano seguinte, desta vez incriminado em práticas de judaísmo e no auxílio à fuga de familiares seus para o estrangeiro. Para o inventário de bens feito a 23.9.1655, declara ter na Idanha, junto à casa/capela? de N.ª S.ra do Rosário, metade de umas casas no valor de mil cruzados e enumera depois imensos bens em Lisboa, caixas de açúcar em diversas partes (mosteiro de S.ta Clara, Bordéus, Rio de Janeiro, na Índia) e muitos outros valores em ouro e prata, ricas peças de mobiliário, tudo isso fruto de muitos negócios. Apesar da sua debilidade física, sofre por vários anos a acção inquisitorial, é dado por herege, apóstata, negativo, convicto e pertinaz, pelo que é posto a tormentos e aí obrigado a "confessar suas culpas". Nessa sequência, é sentenciado, vai ao auto-de-fé da Ribeira realizado em 15.12.1658, com condenação a hábito penitencial perpétuo, penas espirituais, sequestro de bens e cinco anos de degredo para o Brasil. Era então já viúvo de Maria Aires, também cristã-nova. Sabe-se que cumpriu tudo a preceito e a contento dos inquisidores, e de tal modo que, pela sua competência (e se não é confusão nossa de homonímia), ainda viria a ser nomeado pelo monarca, por provisão dada a 27.3.1666, para o cargo de cirurgião-mor da Bahia (TT, proc.º n.º 11.463 da Inquis. de Lisboa, também volumoso).

**- Simão Pinheiro Morão** (1618 - 1686). Filho de um advogado cristão-novo de Nisa, Henrique Morão, e de mãe do Fundão (Marquesa Mendes de Lucena), nasceu na Covilhã. Iniciou os seus estudos superiores em Coimbra (onde se bacharelou em Artes a 6.3. 1638), seguiu depois para Salamanca (1638-1640), mas por via da Restauração não teve outro remédio senão vir completá-los em Coimbra (matrículas de 1641 a 1645, formatura a 24.3.1646). Exerceu clínica na terra natal, se bem que por pouco tempo, indo fixar-se em Almada, onde casou com Mécia de Azevedo. Porém, perseguido pela Inquisição, foi nela preso e torturado (1656), vindo a sair reconciliado por diminuto no auto-de-fé celebrado no Terreiro do Paço a 11.3.1668, com "hábito perpétuo e sem remissão. Aqui, a humilhação chegou ao ponto de ver arder o próprio pai, já idoso, num acto em que tinha ainda por companheiro um irmão advogado (Jorge Henriques): portanto, três actores da mesma família. Proibido de curar no reino, fugiu para o Brasil (Pernambuco); mas nem aí conseguiu que o deixassem desempenhar livremente a profissão. Ao saber-se lá que fora sentenciado na metrópole, começou a perder clientela e a padecer grandes necessidades; pior, como ele próprio se queixara superiormente, injuriam-no: «lhe começaram a fazer várias descortesias, tratando-o mal com assobios e afrontas públicas, chamando-lhe sambenitado». Desta vez, o seu dramático apelo seria deferido (1675) e acabou por ser dispensado de trazer carocha (espécie de mitra). Deixou um filho, Henrique Morão, que viria a ser médico da câmara de D. João V e cirurgião-mor do reino (TT, proc.º n.º 616 da Inquis. de Lisboa).[12]

**- Manuel Gomes Cáceres** (ou Cárceres) (1638-?). Natural da Covilhã (S. Pedro) e filho de Manuel Gomes, mercador da Covilhã, e Isabel de Cáceres, cristã-nova do Sabugal, estudou em Coimbra entre 1655 e 1661, aí obtendo o bacharelato em Artes a 17.5.1656 e a formatura em Medicina em 17.5.1661. Exercia em Lisboa, onde vivia na freguesia de S. Nicolau ao Crucifixo, casado com Clara Dias, quando foi preso a 25.4.1682, denunciado por alguns covilhanenses e acusado de judaísmo (crente na Lei de Moisés). Mas não eram pessoas abastadas. Na altura da detenção trazia consigo apenas 310 réis em dinheiro, uns botões de prata de calções, umas fivelas também de prata, uma moedinha estrangeira também de prata e um anel de uma pedra verde, para o inventário disse que não tinha bens de raiz nem móveis, mais que a roupa e fato, a não ser um escritório com algum dinheiro seu. A livraria de Medicina era composta de uns cem tomos, entre grandes e pequenos, e poderia valer 50$000 réis. Na sessão de genealogia, a 28 de Julho, declarou ter já perdido o pai, mas que tinha um irmão também médico, solteiro de 40 anos, morador na Galiza, e mais dois, tratantes; do casamento tinha um filho e quatro filhas, que iam dos três meses aos oito anos. De entre as práticas que lhe eram insinuadas como cerimónias judaicas, inquiriam os juizes, designadamente: se quando morria alguma pessoa em sua casa ou na vizinhança lançava ou mandava lançar fora a água que nos cântaros tinha para beber: se amortalhava ou mandava amortalhar os seus defuntos em mortalha nova e enterrar em terra virgem e covas

fundas: se quando lhe vinha a carne do açougue a dessangrava e lançava em água e sal e tirando-lhe o cevo a mandava meter no panelão e temperar com azeite preto e cebola... A tudo ia o réu respondendo categoricamente que não, que não fizera tal. Mas para os julgadores isso não era resposta. Tivesse ou não praticado os actos, tinha que confessá-los, «para salvação da sua alma», e denunciar mais gente, pessoas com quem se comunicava e que soubesse «andarem apartadas da fé e terem crença na lei de Moisés». Por isso. a 24.6.1683, puseram-no a tormento: foi estendido no potro e amarrado em oito partes, dando assim uma volta inteira, durante um quarto de hora. E ele, gritando pelo nome de Jesus, continuou sempre a negar suas culpas. Enfim, acabou o médico por ser condenado a ir ao auto público da fé na forma costumada, nele fazer abjuração de veemente suspeito na fé, com cárcere e arbítrio, penitências espirituais, instrução ordinária e pagamento das custas (TT, proc.º n.º 1225 da Inquis. de Lisboa).

**- Gaspar Lopes Henriques** (1651 -?). Natural da Covilhã, era filho de João Esteves Henriques, homem de negócios, e de Catarina Henriques, ambos cristãos-novos; neto paterno de Diogo Henriques e Branca Lopes Henriques, e materno de Álvaro Rodrigues e Custódia Henriques. Saindo cedo da Covilhã, foi estudar para Lisboa e depois para Salamanca. E era ainda escolar e já órfão de pai, quando a 4.11.1667, vendo-se ameaçado por denúncias, foi obrigado a apresentar-se ao Santo Ofício, por culpas de judaísmo. Seria por algum tempo instruído na fé cristã, no seminário de S. Patrício, com rigorosas penitências. Tendo conseguido a liberdade e alcançada a formatura, passou a exercer clínica em Lisboa. Aí vivia, casado com Jerónima Henriques de Chaves, quando a 8.9.1703 foi de novo chamado a contas, por reincidência no judaísmo. Haviam-no denunciado João Gomes Henriques, mercador, Gaspar de Sousa, médico de Cascais, e várias outras pessoas, quase todas cristãs-novas e moradoras em Lisboa. Para o inventário de bens, realizado a 25.9.1703 e que ocupa doze páginas, declarou ter várias moradas de casas na Rua de S. Pedro Mártir, foreiras ao Hospital da Cidade de Lisboa e por ele arrendadas, umas atafonas num beco da Rua dos Ourives do Ouro, sociedade numa loja da Rua Nova, e vasto mobiliário, em que entravam diversos painéis emoldurados, a sua livraria de valor superior a 200$000 réis, o macho em que ele andava e que era de seu compadre Duarte Lopes Rosa, médico que fora para Roma, mais parte (1/8) em quatro ou cinco caravelas de Cascais e Setúbal e muitos mais negócios, que tudo se acharia no seu Livro de Razão. Nas muitas e longas audiências em que foi obrigado a depor, contestou sempre o libelo acusatório; e, apesar da boa intercessão do seu procurador e defensor, bem como da abonação a seu favor feita por vários religiosos e clérigos que o conheciam bem, teimaram os juizes em extorquir-lhe mais culpas e denúncias. Vendo que nada conseguiam, a 2.11.1707 mandam pô-lo a tormento para um trato exposto e outro corrido na polé, alegando que ele continuava a crer da Lei de Moisés e a fazer seus ritos e cerimónias. Tudo suporta. A condenação ordena-lhe que, depois de abjurar em forma, vá ao Auto com cárcere penitencial perpétuo, que nele ouça sua sentença e depois seja degredado por três anos para o Estado do Brasil, além do pagamento de 40$000 para as despesas do Santo Ofício. Foi efectivamente ao auto da fé, realizado no Rossio a 6.11.1707, junto aos paços da Inquisição. A 26 de Novembro assina o termo de ida e penitências, nos Estaus e Casa do Despacho, com destino ao Limoeiro, onde devia aguardar o embarque. Mas vinte dias depois, pede licença para sair desta prisão dizendo que estava a curar-se de alguns achaques que padecia, o que é confirmado pelo médico dos cárceres, Manuel da Costa Pereira, dizendo que ele tem «um estupor em um braço para a qual enfermidade necessita de logo fazer alguns remédios e depois deles ir tomar banhos das Caldas». Mais alegava o nosso Gaspar Henriques estar leso de um braço e perna e de ambas as partes por haver tido um estupor, como foi notório enquanto esteve preso, para o que necessitava de muitos e vários remédios e de apressada cura, «pois hoje cada vez mais se vai impossibilitando para poder conseguir melhoras por não estar em parte idónea para o exercício de remédios que na dita prisão se não podem fazer e ser a dita enfermidade de perigo de vida e ser um homem idoso e com sua mulher e filhos que dependem de sua assistência». Pelo que pedia licença «pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo» para sair fora do Limoeiro a curar-se, visto alegar tão justas razões e «a misericórdia e piedade deste Santo Tribunal ser tão manifesta em socorrer a quem se achega a valer dela». Foi-lhe, então, concedido um termo de fiança, pelo mercador José Coelho da Silva, morador na Rua Nova. E não voltamos a ter dele notícia (TT, proc.º n.° 5379 da Inquis. de Lisboa). Teria chegado a cumprir o degredo? Teria falecido entretanto? Não sabemos. Mas sabe-se que, além dele, vários outros parentes foram incomodados, designadamente sua mãe e o irmão Pedro.

**- Manuel Mendes Monforte** (1662 - ?). Natural de Alcains, devia o apelido ao pai, Duarte Rodrigues Mendes, que era tratante de panos, de Monforte da Beira, enquanto a mãe, Clara Henriques, era de Idanha-a-Nova, ambos cristãos-novos e moradores em Alcains. Formado por Coimbra em 1685, exerceu na região (Alcains, Castelo Branco e Penamacor), até ao dia em que um tio o aliciou para demandar terras brasileiras em busca de fortuna (Baía). Para lá emigrou, de facto, em 1698, lá constituindo família

(com sua prima Maria Aires de Pina) e fazendo sucesso na profissão e em negócios. Até que a Inquisição se intrometeu (preso a 21.8.1721), acusando-o de judaísmo e arrastando-o para os cárceres lisboetas. Do longo inventário dos seus bens, feito em 27.8.1721, encontramos bens de raiz que valeriam mais de dez mil cruzados (a fazenda do Salgado, a 5 léguas da Baía), bastante dinheiro emprestado a juro, designadamente 400$000 ao médico João Alves de Vasconcelos, da Baía, 200$000 ao boticário José da Cunha de Macedo, mais uma sociedade com Manuel Lopes Henriques, homem de negócios originário da Covilhã[13], e outros valores monetários em negócios nos Açores, Angola, S. Tomé, Holanda, Alemanha e até na Cúria Romana; detinha ainda 10 escravos e um molequinho pequeno, escritórios, uma livraria com mais de 200 volumes, mapas, painéis, etc. Acabaria condenado a cárcere e hábito a arbítrio no auto celebrado em S. Domingos, a 10.10.1723, depois de longo penar (TT, proc.º 675 da Inquis. de Lisboa). Parece ter, posteriormente, regressado à sua região de origem, onde em 1725 o encontramos a apadrinhar o casamento de um sobrinho, homónimo e também médico licenciado por Coimbra, que viria a ser também denunciado, em 1729 (Proc.º n.º 17.824 da Inquis. de Lisboa).[14]

**- João Rodrigues Sordo** (1662-?). Natural de Castelo Branco e filho de Manuel Rodrigues Sordo, também médico (com parte de cristão-novo), e de Catarina Rodrigues, cristã-velha, era formado por Coimbra, cuja universidade frequentou entre 1682 e 1689 (bacharel em Artes a 24.3.1683, licenciado a 20.6.1685, aprovação em Medicina a 28.5.1689). Vivia solteiro na vila natal, quando foi mandado apresentar a 30.12.1711 acusado de judaísmo. Ouviu a sentença no auto da fé realizado em Coimbra, no pátio de S. Miguel, a 6.8.1713, pela qual foi condenado a confisco de bens, ir ao auto de fé com hábito penitencial, abjuração em forma, cárcere a arbítrio, penas e penitências espirituais. Com ele foram processados também diversos parentes, designadamente os primos Francisco Lopes Penteado, Ana Rodrigues Sorda e Leonor Rodrigues (TT, proc.º n.º 5278 da Inquis. de Lisboa).

**- João Nunes Viseu** (1672-?). Era natural de Idanha-a-Nova e filho de Manuel Nunes Viseu e Catarina Rodrigues, cristãos-novos, tendo também frequentado Salamanca. Tendo-se fixado com a família no Rio de Janeiro, aí exercitou a sua nobre arte e levou vida desafogada. Aí casou também, com uma cristã-nova, Isabel Gomes da Costa, que lhe deu vários filhos.A dada altura, porém, vem a ser acusado de judaísmo, pelo que foi preso (a 8.10.1710) e trazido a ferros para Lisboa. Embora de princípio negasse a acusação, tudo acabou por "confessar" quando posto a tormentos, vindo a ser condenado e a abjurar no auto-da-fé que teve lugar no Rossio, a 26.7.1711. Para o inventário de bens realizado a 9.10.1710 declarou que não tinha bens de raiz, mas apenas móveis, em que entrava uma livraria de uns 160 volumes no valor de 100$000, oito escravos e mais alguns que tinha em sociedade com seu primo Damião Rodrigues Moeda, advogado também natural da Idanha e residente no Rio, e seu sogro João Rodrigues do Vale, este senhor de um valioso engenho.[15] O dr. João Nunes ainda vivia no Brasil em 1734, na mesma altura em que um filho seu, Manuel Nunes Viseu, dava entrada nos Estaus da Inquisição lisboeta, acusado dos mesmos crimes; e outros membros desta família foram processados. O proc.º do médico idanhense na TT é o n.º 1195 (Inquis. de Lisboa).[16]

**- Diogo Nunes Ribeiro** (1688-?). Natural de Idanha-a-Nova, filho de Manuel Henriques de Lucena e de Maria Nunes, era médico residente em Lisboa, casado com Gracia Caetana, quando aos 35 anos foi preso a 23.8.1703, por judaísmo, sendo condenado em 1704 (TT, proc.º n.º 2367 da Inquis. de Lisboa).

**- Tomás Nunes Morato.** Médico albicastrense, com costados de cristão-novo, foi preso às ordens da Inquisição de Lisboa e nela sentenciado em 1711, por judaísmo (TT, proc.º n.º 11.490 da Inquis. de Lisboa). Pela mesma altura e pela mesmíssima razão, foi preso um seu tio, também médico, o já citado João Nunes Viseu, que foi ao auto da fé a 26.7.1711 (TT, proc.° 1195 da Inquis. de Lisboa).[17]

**- António Nunes Ribeiro Sanches** (1699-1783). Natural de Penamacor, descendia também de cristãos-novos. Seu pai dedicava-se à arte e comércio de sapataria, mas tinha um tio médico em Lisboa, enquanto outro advogava na vila de Penamacor. Estudante de Medicina em Coimbra e depois em Salamanca, onde em 1724 se doutorou, veio a exercer clínica em Benavente, mas por pouco tempo, porque, dada a sua condição de cristão-novo e perante o perigo real de vir a ser apanhado nas malhas da Inquisição, antes que esta lhe deitasse a mão e também insatisfeito com o atraso em que o seu "velho reino" se encontrava, emigrou, indo acolher-se a outros países mais desenvolvidos e tolerantes. E assim foi deambulando por Inglaterra, França, Itália, Holanda (então refúgio de muitos judeus portugueses), indo fixar-se na Rússia, onde foi muito bem acolhido como médico e se tornou verdadeiramente famoso. Regressaria, entretanto, a França (Paris), onde completou alguns dos seus muitos escritos - deixou uma obra valiosa e vastíssima, calculada em mais de 150 títulos - e onde veio a falecer, a 14.10.1783. Entre outros créditos curriculares, foi membro da Royal Society de Londres e colaborador da Enciclopédia, no seio da qual conviveu com a avançada "geração

das Luzes". Em 1748 escreveu um curioso ensaio que intitulou «Origem da denominação de cristão-velho e cristão-novo em Portugal e as causas da continuação destes nomes, como também da cegueira judaica, com o método para se extinguir em poucos anos esta diferença entre os mesmos súbditos e cegueira judaica, tudo para aumento da religião católica e utilidade do Estado»; nele inculpava a Inquisição pela sobrevivência do judaísmo em Portugal, dizendo que sem ela a "nação judaica" ou os judeus portugueses teriam acabado por se integrar completamente na nação/sociedade portuguesa, como acontecera em França e noutras partes.[18]

**- António Ribeiro Sanches.** Natural de Monforte (Castelo Branco), frequentou a Faculdade de Medicina de Coimbra, onde se matriculou sucessivamente de 1.10.1732 a 1.10.1737, após o que deve ter emigrado para o Brasil. Morava na área mineira de Paracatu (Pernambuco) quando foi preso, a 30.10.1747. No inventário de bens realizado no dia seguinte declarou não ter bens de raiz e, de móveis, somente algumas peças de ouro e prata, e dois escravos negros de 6 anos no valor de 140$000. Acabou por ser condenado a ir ao auto da fé de 20.10.1748 (TT, proc.º 11.603 da Inquis. de Lisboa).[19]

**- Manuel Nunes "Idanha".** Natural de Castelo Branco (ou da Idanha-a-Nova), filho do mercador cristão-novo Sebastião Nunes Idanha e de Catarina de S. João da Costa Alvarenga, estudou em Coimbra entre 1742 e 1747, tendo neste último ano concluído a formatura. Preso por judaísmo, saiu penitenciado no auto da fé realizado em S. Domingos a 16.11.1749. E diversos outros membros desta família foram processados pelos mesmos "crimes", designadamente seu pai, seu filho Manuel Nunes, boticário, e suas irmãs Ana Luísa e Maria José (TT, proc.º n.º 10.621 da Inquis. de Lisboa).

**BOTICÁRIOS**

**- Fernando Aires.** Viveu e exerceu em Castelo Branco desde os meados do século XVI, na Rua Nova, onde residiu com a mulher, Beatriz Mendes, também cristã-nova (finada em 1574), e seus filhos, alguns dos quais viriam a conhecer também os cárceres da Inquisição de Lisboa (cf. TT, proc.º de sua filha Brites Aires, que foi ao auto da fé de 1583. n.º 9010 da Inquis. de Lisboa).

**- Francisco do Porto.** Segundo o «Caderno de Culpas do Bispado da Guarda», já citado, pub. por Maria Antonieta Garcia, era cristão-novo, natural e morador em Idanha-a-Nova. Compareceu no auto de 22.3.1632, por judaísmo e sodomia, tendo acabado por ser condenado a açoutes e cinco anos de degredo para Angola (TT, proc.º 7707 da Inquis. de Lisboa).

Seria, decerto, parente do médico **Luís do Porto**, também cristão-novo e a exercer clínica na Idanha-a-Nova, e que em 1611 com sua mulher Margarida Fernandes denunciou diversos conterrâneos e correligionários. A mesma fonte informa-nos que por essa altura foram igualmente denunciados ao Santo Ofício diversos outros profissionais da saúde, também cristãos-novos: os boticários **Gaspar Lopes** e **António Nunes**, do Fundão (op. cit., pp. 188, 227, 320...), e os médicos **drs. Cristóvão Pinheiro**, natural da Covilhã e morador em Ciudad Rodrigo, cujo pai também estivera preso pela Inquisição; **Domingos Rodrigues**, do Fundão, e **Estêvão Rodrigues**, da Covilhã (p. 338).

**- Diogo Antunes Orta.** Natural do Fundão e filho de Francisco Antunes e de Isabel Morão, cristãos-novos, obteve cartas oficiais para assentar botica primeiro (em 1571) e praticar cirurgia depois (1578), ofícios que efectivamente serviu, no Fundão e em Castelo Branco. Mas em 1593 desloca-se para Alcântara (Castela) com a mulher e uma filha. Teria esta saída já algo a ver com a acção inquisitorial? É possível (Ver **Francisco Antunes Morão**).

**- Manuel Jordão** (1592-?). Natural de Castelo Branco, era filho de Francisco Fernandes e Maria Jordoa, sendo cristão-novo por parte da mãe. Aprendeu para boticário em Lisboa e servia esta profissão na sua vila natal, onde vivia casado com Maria Lopes, também meia cristã-nova, quando foi preso a 14.3.1627 por judaísmo, tal como o fora já sua mulher. Seria ele sentenciado no auto da fé realizado na Ribeira (Lisboa), a 21.3.1632, a cárcere e hábito penitencial perpétuo, abjuração em forma, penas e penitências espirituais com confisco de bens (TT, proc.º n.º 3004 da Inquis. de Lisboa, bastante volumoso, por ter sido processado mais que uma vez). Tinha, pelo menos, um parente preso: seu sogro António Vaz Gago.

**- Álvaro Rodrigues** (1673-?). Natural de Idanha-a-Nova e filho de António Nunes, mercador, e de Maria Nunes, ambos cristãos-novos, era boticário na mesma vila, casado com Catarina Rodrigues, também com parte de cristã-nova, quando foi preso a 27.2.1711, por judaísmo, tendo sido condenado, por sentença de 9.7.1713, a ir ao auto realizado no Rossio (Lisboa), com confisco de bens. Além dele, seriam também presos vários membros da família: sua mulher, as irmãs Ana, Leonor e Antónia, o cunhado Manuel Antunes e o sobrinho João Nunes, abaixo citado (TT, proc.º 5004 da Inquis. de Lisboa).

**- Henrique Fróis Nunes** (1685-?). Natural de Idanha-a-Nova, filho de Manuel Nunes Sanches e Guiomar

Nunes, era boticário na sua vila natal e casado com Violante Henriques, quando foi preso, a 30.1.1712, acusado de judaísmo (TT, proc.º n.º 1180 da Inquis. de Lisboa).

**- João Henriques.** Natural de S. Vicente da Beira, morava nas minas de Paracatu (Pernambuco) quando foi preso, a 25.1.1747. Pelo inventário que lhe foi feito aos bens, a 29.5.1747, apurou-se que não tinha bens de raiz e, dos bens móveis, somente detinha uma botica que lhe dera fiada por ano e meio o médico António Ribeiro Sanches, atrás citado, pelo preço de mil oitavas de ouro, e pouco mais. Foi condenado a ir ao auto da fé 20.10.1748 (TT, proc.º n.º 8378 da Inquis. de Lisboa).

**- António Ribeiro de Paiva.** Natural de Penamacor e filho de Gaspar Rodrigues de Paiva, mercador de Proença-a-Velha e cristão-novo (o qual já abjurara a 15.2.1712), compareceu ao auto da fé levado a efeito em S. Domingos a 24.9.1747, condenado a cárcere e hábito perpétuo. Cremos que seja irmão do cirurgião Francisco Nunes de Paiva, abaixo citado.

**- João Nunes.** Natural de Idanha-a-Nova, filho de Manuel Antunes "o Papudo", barbeiro, e de Antónia Nunes, era boticário solteiro, de mais ou menos 37 anos e morador em Salvaterra do Extremo quando foi preso a 10.11. 1750 por judaísmo. Por sentença de 14.2.1755, foi mandado tratar no Hospital de Todos-os-Santos e entregue aos parentes, por não ter capacidade para estar em juízo; mas a verdade é que vários membros da família estavam também presos, designadamente seus pais e os tios Álvaro Rodrigues e Leonor Nunes... (TT, proc.º 5173 da Inquis. de Lisboa).

**- Francisco José da Costa.** Natural de Idanha--a-Nova, filho de Manuel Nunes Sanches e de Perpétua Lopes da Costa, era boticário de 30 anos, morador no Sabugal, casado com Guiomar Henriques, quando foi preso por judaísmo em 1745 (?). Há outros membros da mesma família processados. (TT, proc.º n.º 89 da Inquis. de Lisboa).

**- Francisco José da Costa Alvarenga.** Natural de Idanha-a-Nova, filho de outro do mesmo nome e de Maria da Cunha, era solteiro de 23 anos, morador em Lisboa e aprendiz de boticário, quando foi preso por judaísmo a 1.4.1753, sendo condenado no ano seguinte (TT, proc.º n.º 2634 da Inquis. de Lisboa).

**CIRURGIÕES**

**- Manuel da Fonseca** (ou **Diogo? de Andrade Fonseca**) (c. 1584-1625). Natural da Covilhã e com partes de cristão-novo, emigrou este beirão, cujo nome inspira algumas dúvidas, para o México, onde já se encontrava em 1601, decerto fugido à Inquisição portuguesa. De pouco lhe valeu, porém, tal expediente, pois acabaria por ser lá preso ainda nesse ano, vindo a sair reconciliado pouco depois. Passou então ao Peru, onde também seria julgado (1607), daí regressando ao México (Ica). Ignoramos o seu percurso nos tempos seguintes, dele se sabendo tão-somente que viria a terminar a sua diáspora sefardita em 1625, relaxado num outro auto da fé.

**- Cristóvão Lopes.** Morador em Alcains e meio cristão-novo, saíra já reconciliado no auto de Lisboa de 2.9.1629; mas, preso novamente por ter jurado falso na Mesa do tribunal, acabou por ser condenado em novo auto da fé, efectuado em 9.1.1633, a cárcere e arbítrio perpétuo sem remissão, açoites e oito anos de galés (TT, proc.º 9583 da Inquis. de Lisboa).

**- Francisco Nunes de Paiva** (c. 1670-?). Cristão-novo nascido em Proença-a velha, filho do mercador Gaspar Rodrigues de Paiva, da mesma vila, e de Leonor Henriques, da Covilhã, era já de 35 anos e casado com outra Leonor Henriques, outrossim cristã-nova, quando foi preso a 4.8.1706, por judaísmo. Acabou por ir ao auto de 1707, condenado a abjuração em forma, penas e penitências espirituais e ao pagamento das custas. Houve mais familiares seus processados: o irmão Gaspar Rodrigues, Miguel da Cunha e algumas primas (TT, proc.º 5387 da Inquis. de Lisboa). Nos arquivos da Inquisição encontramos, porém, outro Francisco Nunes de Paiva, natural da Covilhã e na mesma vila morador, filho de outro do mesmo nome e de Leonor Henriques, preso por judaísmo em 30.12.1729, sendo solteiro e de 20 anos. Sentenciado a cárcere a arbítrio dos inquisidores, foi ao auto da fé de 17.6.1731, na igreja de S. Domingos de Lisboa.

**- José Bernardo Monteiro**, aliás, **José Gonçalves da Fonseca** (1689? - ?). Natural da Orca (Fundão) e na mesma freguesia baptizado (c. 1690?)[20], era filho de João Afonso, lavrador natural de Quadrazais (Sabugal), e de Jerónima da Fonseca, da Orca, estes casados em 1.1.1670, sendo ela filha de Bartolomeu Fernandes e de Isabel da Fonseca, também casados na Orca em 1645. Na igreja matriz da Orca foi José também crismado, em 16.6.1701, e mais tarde também casado, a 22.4.1709, com Ana Rodrigues, de 25 anos, filha de Domingos Casa Alta e de Catarina João, todos da Orca. Até que..., certo dia, 14 de Fevereiro de 1722, foi preso no Sabugal, acusado de fazer curas supersticiosas e pactos com o demónio, isto porque constara que algumas vezes, em público, metia um ferro em brasa na boca e o lambia, outras vezes metia uma candeia acesa, sem nunca se queimar, e depois com um sopro "matava as criaturas

danadas", isto é, os espíritos malfazejos. E daí gabar-se ele de curador e milagreiro, de ser "beato" e até - perigoso delito - que não tinha medo da Inquisição.

No seu primeiro depoimento à Inquisição de Coimbra, na Casa do Oratório, a 25.2.1722, perante o inquisidor João Guedes Coutinho, declarou ser «surgião», cristão-velho, não ter filhos, saber ler e escrever, que aprendera "surgia" e não sabia mais ciência alguma; que nunca saíra fora do reino e somente andara na serra da Estrela, onde falava com toda a casta *de* gente que se lhe oferecia. No Inventário de bens não lhe acharam mais que meio tostão. Instado a confessar os seus pecados ou crimes, foi dizendo que, na Orca, haveria cinco anos, acordando cedo na sua cama, lhe vieram ao pensamento umas palavras com as quais poderia curar mordeduras de cães danados, e que eram estas: «Jesus valei-me; Jesus acudi-me; Jesus sede comigo!». E, passando-as depois à prática, resultaram.

Perguntado se, para tal, se valeu do demónio, disse que não; se estava tomado de vinho, que nada; se Deus lhe concedia tudo o que Lhe pedia, respondeu que só curas de cães danados; se tinha alguma virtude especial para que o fogo o não queimasse, disse que na língua. No libelo acusatório, de 14.3.1723, era desse modo acusado de faltar à verdade e não confessar suas culpas, de «viver afastado da nossa Santa Fé Católica», mormente por ter feito pacto com o demónio - insistiam os juizes -, por cuja intervenção obrava as curas, usando de seu mau conselho; pelo que não merecia misericórdia, antes todo o rigor da justiça, e que fosse castigado com as mais rigorosas penas. Foi então posto a tormento. Despojado do vestuário, foi deitado no potro, atado em seis partes, recebendo então um "trato corrido" na polé durante mais de um quarto de hora, no decurso do qual gritou muito chamando pela Nossa Senhora, sob a intimação de «confessar suas culpas».

Acabou sentenciado a ir ao auto público da fé, na forma costumada, em Santa Cruz, onde deveria ouvir a condenação, e esta foi: abjuração de leve suspeita na fé, as penitências do costume e degredo por quatro anos para o couto de Castro Marim (TT, proc.º n.º 7681 da Inquis. de Lisboa).

## SALUDADORES

- Álvaro Martins (c. 1480 - ?). Por certo natural da Cova da Beira e cristão-velho, era lavrador em Alcaria (Fundão), mas exercia também, e até sustentado em alvará régio, a arte de *saludador,* isto é, que curava com auxílio de rezas e benzeduras. Tendo ganho fama bastante, aí o iam consultar muitas pessoas das redondezas, pelos mais variados motivos, tais como busca de bestas e escravos perdidos, roubos e feitiços, designadamente do Fundão, Souto da Casa, Alpedrinha, e até de terras mais distantes como Manteigas e Idanha-a-Nova. Acabou por ser preso em 1557, quando contava já cerca de 80 anos, sem uma acusação clara. Seria, porém, liberto ao fim de sete meses, após a necessária provação em auto-de-fé e o cumprimento da respectiva penitência no cárcere. Muito embora não soubesse ler nem escrever, ele assinou no processo com uma estrela de cinco pontas, igual ao chamado "sino-saimão" *(signum salomonis)* - e isto com que intenção? Pretenderia ele esconjurar o demónio na pessoa dos inquisidores? - inquiriu Francisco Bethencourt.[21] Embora não sendo médico nem praticasse a medicina convencional, é um caso interessante de "curador" raramente documentado e que aqui se regista (TT, proc.º 4126, da Inquis. de Lisboa).

## SÍNTESE FINAL

Em resumo, ficaram identificados cerca de quatro dezenas de indivíduos ligados à saúde/medicina, dos quais 22 médicos, 11 boticários, 4 cirurgiões, 1 saludador... Conforme esclarecemos na introdução, haverá mais, certamente, mas como amostragem são já números significativos.

As origens dos médicos, segundo o actual enquadramento concelhio, eram: Castelo Branco (10), Covilhã (5), Idanha-a-Nova (4), Fundão (2), Penamacor (1). Dos boticários realça-se a maior frequência dos naturais de Idanha-a-Nova.

Do conjunto fica bem patente a extracção social da esmagadora maioria - judaica ou de cristãos-novos - e destes, todos eles condenados pelo mesmo "crime": judaísmo.

Fogem alguns, quatro pelo menos; todos os outros são presos e condenados, alguns degredados; felizmente que nenhum condenado à fogueira...

Era assim há 400-300-250 anos, num quadro político, social e cultural ainda muito fechado aos valores humanistas e com uma religião de Estado altamente censória, em certos aspectos bem pouco católica e apostólica...

Os rumos da História, hoje, são outros, felizmente. Sem Inquisição e com uma Medicina Ciência isenta de credos, agora também com uma faculdade em vias de ser instalada na Universidade da Beira Interior, distrito de Castelo Branco.

Com a história - essa grande "Mestra da vida" - aprendemos sempre. E é sempre proveitoso recordá-la. Porque, conforme à pedagógica legenda de Dachau, «quem esquece a História, pode ter que repeti-la»...

---

** Professor Coordenador do ISMAG - Fundão; doutorado em Letras (História) pela Universidade de Lisboa.*

## Fontes e Bibliografia


ANTT, *Inquisição,* processos diversos, referenciados ao longo do trabalho.

BETHENCOURT, Francisco, *História das Inquisições,* Círculo de Leitores, Lisboa, 1994.

CARVALHO, Augusto da Silva, *Dicionário dos Médicos e Cirurgiões Portugueses,* exemplar manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa, s/d. (Reserv. 49, 1/1-8).

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva, «Notas e documentos para a história dos judeus e cristãos-novos de Castelo Branco», *Estudos de Castelo Branco,* 1.ª série, n.º 10, 1963, pp. 5-37.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva, «Assistência aos doentes na vila de Castelo Branco e seu termo entre finais do séc. XV e começos do séc. XVII», *Medicina na Beira Interior,* n.º 2, pp. 7-20, (trabalho que o autor promete prosseguir em próximas Jornadas).

GARCIA, Maria Antonieta, *Denúncias em nome da Fé,* Universidade Nova de Lisboa, 1996.

LEMOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal - Doutrinas e instituições,* Publicações D. Quixote, Lisboa, ed. de 1991.

MENDONÇA, José Lourenço de e MOREIRA, António Joaquim, *História dos principais actos e procedimentos da Inquisição em Portugal,* Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1980.

RASTEIRO, Alfredo, *Medicina Judaica Lusitana - Século XVI,* Quarteto Editora, 2000.

SARAIVA, José Hermano, «Os cristãos-novos e a Inquisição», História de Portugal, vol. 4, Alfa, Lisboa, 1983, pp. 56-73.

SILVA, Joaquim Candeias e CASTELO BRANCO, Manuel da Silva, *A Beira Baixa na Expansão Ultramarina,* C. M. Belmonte, 1999.

SILVA, Joaquim Candeias e CASTELO BRANCO, Manuel da Silva, «Médicos da Beira Baixa nas Índias», *Medicina na Beira Interior,* n.º 12, 1998, pp. 27-31.

TAVARES, Maria José Ferro, «Os judeus em Portugal», *História de Portugal,* vol. 4, Alfa, Lisboa, 1983, pp. 259-271.


** Créditos fotográficos:* Publicações Alfa (*História de Portugal,* vol. 4, 1983).

## Notas

1 Jean-Charles Sournia, *História da Medicina,* Instituto Piaget, 1995. pp. 73-78.

2 Alfredo Rasteiro, *Medicina Judaica Lusitana - Século XVI,* Quarteto Editora, 2000. p. 12.

3 Jean-Charles Sournia, *op. cit.*, p. 82. Partindo das "cartas de exame" conhecidas, do século XV, Maria José Ferro Tavares apurou também uma esmagadora maioria de físicos judeus, sendo a sua distribuição na Beira Baixa a seguinte: Covilhã - 7 físicos (+6 cirurgiões): Castelo Branco - 2 físicos (+2 cirurgiões): e Fundão - 1 físico.

4 A. Borges Coelho. *Inquisição de Évora,* I, p. 415 com base num documento dos AN/TT, Inquisição. Conselho Geral, Papéis Avulsos, M. 7. n.º 2585.

5 Cf. José Monteiro. «O lugar do Fundão nas origens e na Restauração de Portugal», Apêndice - O "alvoroço" de 1580, in *Ao redor do Fundão,* Câmara Municipal do Fundão, 1990, pp. 37-39.

6 Cit. por Maria Antonieta Garcia, *Denúncias em nome da Fé,* Lisboa, 1996, pp. 81 e 326.

7 Idem, *ibidem,* p. 30.

8 BNL, Fundo Geral, cód. 867, fl. 30. Também não podiam comunicar com pessoa suspeita nem casar sem o comunicarem primeiro ao Santo Ofício. Competia-lhes ajuizar sobre o limite dos suplícios. medir a capacidade máxima da resistência à dor para que os juizes pudessem arrancar às vítimas as confissões pretendidas: deviam curar os presos e os ministros, e veriam com particular atenção os presos com doudice. Recebiam um ordenado, mas poderiam levar aos presos 80 réis por cada visita, ou seja, o dobro da diária que a Inquisição punha à disposição de um preso pobre.

9 Dado o enorme acervo de referências bio e bibliográficas que lhe têm sido feitas, mormente ao longo dos anteriores números destes *Cadernos de Cultura,* entendemos não serem necessárias aqui mais a seu respeito.

10 Cf. Manuel da Silva Castelo Branco. «Assistência aos doentes na vila de Castelo Branco e seu termo entre finais do século XV e começos do séc. XVII». pp. 7-20, n.º 14.

11 Esta carta bem interessante, que de imediato lhe foi confiscada e anexada ao processo, vem de facto datada de Florença, 17.8.1609. Nela o conceituado médico albicastrense, deveras saudoso da terra natal e da família, começa por se lamentar da sua sorte: «Injusta cousa é que se passe a vida em perpétuo silencio e que nem V. M. queira saber de mim, nem eu o obrigue a me dar novas de si». E mais adiante: «Dobra-se a pena quando, além da ausência, são negadas ao homem novas de quem ama (...)». Fala depois da doença de um filho menor, Rafael, e de outros particulares, denotando sempre grande amizade e consideração pelo cunhado, e nas entrelinhas alguma cumplicidade mútua.

12 Cf., entre outros, Manuel Castelo Branco, *ibidem,* n.º 23.

13 Cf. Idem, *ibidem,* n.º 28. Cremos que seja a este médico que se refere Diogo Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana,* ed. de Lisboa. 1933, tomo III, p. 554 (n.° 41 da lista de «fisicos. surgiões e boticarios que forão presos pella Santa Inquisição» - divulgada em tempo de Filipe IV sob a epígrafe *Tratado em que se prova serem christãos fingidos os da nação que vivem em Portugal, apontando os males que fazem aos christãos velhos).*

14 cf. Maria Antonieta Garcia, *Denúncias.... p.* 203 e segs. Com ele foram, então, denunciadas muitas outras pessoas do Fundão e arredores.

15 Sobre esta figura, vide entre outros estudos *A Beira*

*Baixa na Expansão Ultramarina,* pp. 294-295, e os dois artigos insertos no n.º 12 dos *Cadernos de Cultura.* 1998, entre as pp. 27 e 36.

16 Cristão-novo emigrado para o Brasil (Baía), também este beirão fora preso, em 1706, constando do seu processo um extenso inventário de bens (TT, proc.° 7201 da Inquis. de Lisboa).

17 Vejam-se também, sobre o primeiro. «Miscelânea de cartas & documentos - O médico Manuel Mendes de Monforte a tratos com a Inquisição». *Estudos de Castelo Branco,* vol. 15. 1965, pp 165-170; e Anita Novinsky, *Inquisição, - Inventários de bens confiscados a cristãos-novos (Brasil - século XVIII)* IN-CM, s/d., pp. 198 a 206.

18 Todos seriam presos pela mesma altura: o sogro a 24.10.1710, no Rio de Janeiro; o primo Damião também em 1710 (Proc.º n.º 6526 da Inquis. Lisboa); outro primo, Diogo Rodrigues Moeda, lavrador de cana, preso em 1712 (Proc.º n.º 10.169); e Manuel Nunes Viseu (decerto o pai), também lavrador da cana e morador no Rio, preso em 1710.

19 Para mais pormenores sobre os seus bens pessoais, cf. Anita Novinsky. *Op. cit.,* pp. 198 a 206.

20 Ambos cit. por Bella Herson, *Cristãos-novos e seus descendentes na Medicina brasileira (1500-1850),* dissertação apresentada à Universidade de S. Paulo. 1996.

21 Para mais elementos biográficos acerca desta extraordinária figura de médico beirão e em particular sobre as suas implicações com a Inquisição, vejam-se entre outros estudos, a sua obra *Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se,* com apresentação e notas de Victor de Sá, Liv. horizonte, Lisboa 1980; Maria Helena Carvalho dos Santos. «Pombal e Outros - Ribeiro Sanches e a questão dos Judeus», in *Revista da História e Teoria das Ideias,* n.º especial, Coimbra, 1982. pp. 117-142): e António Rosa Mendes, *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal - Intelectuais e poder no absolutismo esclarecido,* Patrimonia Historica, Cascais, 1998.

22 Cit. por Anita Novinsky, *Op. cit.,* pp. 54 a 56.

23 Isto se colhe do seu testemunho ao Tribunal do Santo Oficio de Coimbra, em que disse ter sido baptizado pelo pároco P.e António Gonçalves “Opera-tudo” (que na verdade paroquiou a Orca por aqueles anos), tendo por padrinhos o dr. Cristóvão António Barreto e D. Maria sua irmã, da vila da Covilhã. Todavia, consultado o respectivo Livro de assentos (n.º 1 de Mistos), não conseguimos localizar o seu registo, e daí a interrogativa...

24 Francisco de Bethencourt, «Astrologia e Sociedade no século XVI», in *Revista de História Económica e Social* n.º 6, 1980. p. 62: e *O imaginário da magia: feiticeiras, saludadores, e nigromantes no século XVI,* Universidade Aberta, Lisboa, 1987.

# ANTÓNIO VAZ, FÍSICO DA GUARDA, E MESSIANISTA

**Maria Antonieta Garcia***

"Pai, perdoai-lhes porque eles sabem o que fazem"
Sophia de Mello Breyner.

Jayme Landmann, no livro, "**Judaísmo e Medicina**", publicado em 1993, afirma que "*... a medicina sempre,* foi *uma profissão favorita entre os judeus*". Acrescenta que "*... cerca de 25% dos Prémios Nobel de Medicina pertencera aos judeus, que* não *representam sequer 1 % da população mundial*".[1] Esta preferência profissional, segundo o estudioso referido, adviria do valor que o judeu atribui à vida e à saúde. Não nos parece que este seja um traço identitário exclusivo do povo judaico - valorar a vida e a saúde! Outras razões geraram a opção[2], mas a salvação de uma vida humana, justifica a violação de 610 dos 613 mandamentos[3] religiosos codificados por Maimónides, o célebre médico de Córdova. Uma das fontes da ética médica judaica é a Bíblia, que integra informações sobre o corpo humano, doenças, curas e medidas preventivas e sanitárias. A doença é resultado de um castigo de Deus, constitui uma expiação do pecado, ou pode significar um pôr-à-prova a fé dos homens.

1- Maimónides - Estátua em Córdova (Espanha)

O livro de Job problematiza de forma acutilante a doença, enquanto manifestação sagrada associada à justiça divina... o pêndulo da balança a oscilar entre a misericórdia e a punição. Pouco valiam, os médicos perante a vontade de Deus. Na Bíblia é Deus que cura, é Jesus, são os Profetas.

Durante o período talmúdico, a ética judaica enriquece-se com as indicações da Torá, com o estudo, as interpretações, a discussão rabínica dos textos sagrados e dos saberes médicos.

O grande nome da medicina judaico-árabe é Moisés Maimónides, que referimos; no renascimento, serão médicos judeus de Espanha e de Portugal que sobressaem, apesar da Inquisição.

Durante três séculos, é elevado o número de físicos e cirurgiões arguidos pelo Tribunal do Santo Ofício. O médico herege conheceu a hostilidade, a intolerância, também porque constitui uma ameaça para o profissional do mesmo ofício. Um exercício muito cuidadoso e mais sabedor por parte de cristãos-novos, cujas redes familiares, espalhadas por todo o mundo, permitiam o acesso/ intercâmbio a conhecimentos científicos e a técnicas mais avançadas, favoreciam a fama, tornavam-nos os escolhidos por monarcas, por nobres, pela população.

Por isso, em Portugal, cerca de 1606, são criadas duas organizações para proteger os médicos cristãos-velhos - a Arca dos Médicos que apoiava os estudos nas universidades, e o Colégio dos Médicos que não chegou a funcionar.

Todavia, se os contactos com o exterior se revelavam enriquecedores, a prática médica dos cristãos-novos

sabia-se envolvida por uma enorme desconfiança. Que saberes possuíam? Que pactos indiciavam? Deuses ou demónios, estes curadores? Lembra Lúcio de Azevedo que, na época: "*Não era segredo para ninguém, que, quando, forçados pelos Reis Católicos a converterem-se, os judeus da Península tinham pedido conselho aos de Constantinopla, os quais lhes responderam que fizessem os filhos mercadores, médicos e escrivães, para, segundo a lei de Talião, se vingarem das violências experimentadas nas pessoas e nos bens....*"[4]

Gente diferente, estranha, acusada nas Cortes, ***maledicta****;* porém, "*Até dos trabalhos gerais que são guerra, fome e peste com que Deus castiga o mundo sempre lhes cabe a menor parte, porque à guerra não vão e são os primeiros que fogem; se se espera fome não na sentem, pois têm os tratos do trigo, mel (...) e mais mantimentos; para a peste têm muito boas quintas, herdades e casais onde se recolhem a tempo, conservas e medicinas defensivas (...)*"[5], constatam cristãos. Interpelação a Deus? Blasfémia? Como perceber tanta benesse concedida a hereges?

De resto, na resposta à carta dos judeus de Espanha aos de Constantinopla, a tal que andava de mão em mão, que Lúcio de Azevedo comentava, não esclarecia o rabi que : " ... *A lo que dezis que os mandan quitar vuestras haciendas, hazed vuestros hijos mercadores, para que poco a poco les quiten las suyas. A lo que dezis que os quitan las vidas, hazed vuestros hijos y apotecarios, para que les quiten las suyas*".[6] Aconselhava mais: se destroem as Sinagogas é necessário fazer os filhos clérigos e teólogos, para que lhes destruam os templos. Se forem outros os vexames, é preciso que os filhos sejam advogados, procuradores, notários e conselheiros para os defender e vingar. Documento perturbador que somava muita desconfiança, muito medo, muito ódio. Em Portugal, corre outro escrito que *"provava"* serem cristão fingidos os da nação e apontava "*os males que fazem aos cristãos velhos".* As acusações são idênticas às transcritas anteriormente, mas no Cap. 9º. é referido "... o *grande número de físicos surgiões e boticários que forão presos pella Santa Inquisição, e outros que fogirão, e outros muitos que confessarão por sua culpa terem mortos muitos christãos velhos por medicina".* Seguem-se 51 nomes de físicos e cirurgiões, incluindo a lista:

"N.º. 16 - *O físico Amato Lusitano, de Castel Branco, fugio para o grão Turco.*

N.º 17 - *O físico Diogo Gonçalves, da Covilhã, foi preso e sambenitado,*

N.º 18 *O físico António Vaz, da Guarda, foi preso e sambenitado, e fugio com o sambenito sem mais aparecer*".[7]

Gente da Beira, suspeita, a conhecer a agonia da incerteza, a errância como forma de sobrevivência. A justificação para a perseguição a médicos iam buscá-la os inquisidores a processos inquisitoriais, a depoimentos médicos que confessaram a morte de cristãos-velhos, a que acrescentavam tratar-se de um hábito antigo? Não fora esse o motivo por que D. Sebastião mantinha um subsídio a 30 estudantes de medicina e cirurgia, cristãos-velhos?

Em 1642, nas Cortes, ouviram-se vozes exibindo que as receitas fossem registadas em língua portuguesa e solicitavam mesmo que *"os da nação"* não pudessem ser boticários. Mas para os cristãos novos a área da medicina era uma profissão apetecível, de dignificação pessoal, garantia que podia ser exercida em qualquer terra permitida (não prometida) sempre que uma qualquer perseguição colocasse a vida no fio da navalha. Afinal, a linguagem do corpo em sofrimento, é perceptível, e muito igual, em todos os homens, em todos os lugares.

Sabiam-no médicos referidos na lista, soube-o António Vaz ...

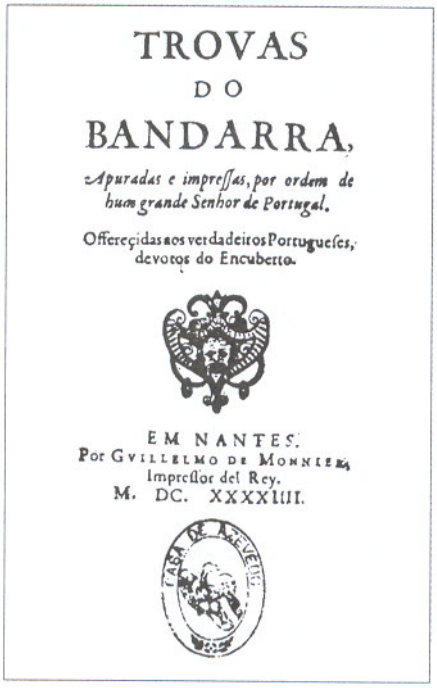
Já a família era suspeita. O médico da Guarda entrou nos cárceres da Inquisição acusado de judaizar; a mulher, Luísa Antónia, conheceu igual sorte; de Luís Vaz, irmão de António Vaz, os inquisidores reuniam, em 1582, depoimentos suficientes para que o Promotor decidisse passar mandato de prisão. O criptojudaísmo, confirmava-se, era uma religião familiar. Adquirido o uso da razão, os diferentes membros eram iniciados em práticas possíveis da Lei de Moisés. Escolhiam as cerimónias que mais facilmente pudessem ser ocultadas dos muitos olhos e ouvidos da Inquisição. Nem sempre conseguiam. Primeiro os criados, depois os vizinhos, não perdiam tempo a denunciar comportamentos desviantes, relativamente à ortodoxia todo - poderosa, ora para salvação das almas, ora como catárse de invejas e iras acumuladas no quotidiano. Também a prisão de uma qualquer pessoa com quem tivesse havido relação de amizade, de convívio, era motivo de alerta, os processos de extrair confissões eram de amizade, de convívio, era motivo de alerta, os processos de extrair confissões eram conhecidos, e a passagem pela *Casa dos Tormentos,* sabia-se, agoirava lembranças e palavras. Desesperavam os inquisidores, quando a resistência ultrapassava as fronteiras desejáveis do humano, e os confitentes silenciavam ou debatiam doutrinas, desafiavam. Irritados passavam à tortura e à via- sacra sucedia a sentença : eram *relaxados à justiça secular,* ou seja, condenados à fogueira. Percebiam os cristãos-novos, como os apelidavam, que a coragem, então se transformava numa virtude inútil. Não valia a pena! A perspicácia, a astúcia eram, na hora, mais aconselháveis. Afinal para quê negar práticas e rituais que os inquisidores habitualmente já tinham registado e sabiam? Para quê deixarem-se queimar? Importante era não perder a esperança, sobreviver. Por isso, as palavras soltavam-se, desenrolavam-se em ladainhas monótonas, dolorosas, até cumprir as expectativas

dos inquisidores. A confissão valia, muitas vezes, a diminuição da pena... mas eram sancionados, porque trazer às costas a identidade judaica, significava ser portador de uma marca que dificilmente apagavam da carne. Era sinal de nascença e tornava-se perpétuo.

António Vaz, médico na Guarda, não fora capaz de se manter suficientemente conivente com a lógica das aparências, esqueceu o cumprimento das vulgatas permitidas, e em finais do século XVI, ele e a mulher conheceram os cárceres da Inquisição de Coimbra. Aceitaram que judaizavam: guardar o sábado, jejuar em Yom Kippur (Dia do Perdão), celebrar a Páscoa dos Judeus... eram práticas habituais, que os tornaram suspeitos a olhos inquisitoriais da comunidade envolvente. Confessam sempre o mesmo, diz-se. Não é assim: as denúncias, os depoimentos não são sempre iguais, as confissões divergem. O conhecimento e a adesão (em maior ou menor grau) ao corpus doutrinário, a dedução do que outros conhecidos, amigos, familiares, anteriormente presos, pudessem ter denunciado, geravam informações diferenciadas, que ajudam à reconstrução das vivências criptojudaicas, no longo tempo inquisitorial.

No texto sobre António Vaz e no depoimento de Luísa Antónia que constam no Caderno do Promotor, são as orações e o registo de provas que despertam curiosidade. O físico da Guarda é messianista... utopia tão irmã do sebastianismo que grassava na sociedade portuguesa, após Alcácer Quibir. Os textos que canta/escolhe são testemunhos religiosos e históricos enraizados em famílias criptojudaicas, veiculam ideias e ritos religiosos que alimentaram comunidades e, como tudo o que é humano, revelam uma história. Anónimos, uma marca da transmissão oral tradicional, referem antepassados importantes e uma imaginação que transcende a experiência quotidiana. Reproduzem séculos de cultura. Constituindo um dever religioso são preservados de geração em geração: repetem palavras, fórmulas, com que louvam a Deus, suplicam favores, acompanham os momentos do quotidiano. A palavra directa, mediadora entre o Homem e Deus, expressa a doutrina mosaica. O Antigo Testamento, a História do povo judaico é narrada nos lares, mesmo quando a inexistência de guias espirituais e de livros sagrados, obrigava a seleccionar, a memorizar o corpus doutrinário essencial. Durante os três séculos de Inquisição houve, entretanto, temas que deixaram de se transmitir, outros alteraram-se, outros ainda foram recriados, actualizados, inventados. Há versões e variantes de um tema, mas a dimensão funcional, vital, dos textos não permitiu o esquecimento, favoreceu a transmissão e a criação.

António Vaz sabia muitas preces. Não esquecera o sacrifício de Isaac e as Trovas de Judite. Luísa Antónia, a mulher, perante os inquisidores fala de outras trovas ... que chamam de "**O Sonho**". E Bandarra[8] surge ali,


TROVAS
DO
BANDARRA,
Apuradas e impressas, por ordem de hum grande Senhor de Portugal.
Offereçidas aos verdadeiros Portugueses, devotos do Encuberto.
EM NANTES.
Por Gvillelmo de Monnier, Impressor del Rey.
M. DC. XXXXIIII.

2- Trovas do Bandarra, livro proibido pela Inquisição, editadas em Nantes.

profético, proibido. O nome não é mencionado, mas as profecias cantavam-se, então, porque o sapateiro de Trancoso é um arauto de esperança. Ouviam-se a cristãos e a judeus, em tempo de "*..uma austera e vil tristeza*" que já magoara Camões.. Aquelas palavras ocultavam segredos próprios de textos sagrados. António Vaz ou Luísa Antónia, ou quem os transmitiu, oralmente, respeitou alguns versos, mas alterou outros e/ou atribuiu-lhes outros sentidos, afeiçoando-os ao *corpus* doutrinário que seguiam. Comparem-se os registos do depoimento de Luísa Antónia com as **Trovas** do Sonho Terceiro de Bandarra.

**Sonho**

(António Vaz)

O Sonho que eu sonhava
Se o ousasse a dizer
Mas eu hei grande vergonha
Que mo não quisera crer.

Que sonhava com prazer
Que os mortos se erguiam
E tornavam a viver
E que todos eram saídos.

Os que estavam nas prisões
Trás dos montes escondidos
Sonhava que eram saídos
Da dura e forte prisão.

Vi a tribo de Adão

Com os dentes arreganhados
E muito espedaçados
De Serpente do Dragão.

E assim vi a Ruben
Com uma voz de muita gente '
O qual vira mui contente
Cantando em Jerusalém.
Ó que viria a Belém
E os montes de Sion
E esse bom Jordão
Para se lavar mui bem

Os doze pilares movidos do vento
Cairão de raiz e também de cimento
Ai, resistirá a firme coluna
E Israel haverá sua firme sentença.

Sairá a voz do grão Testamento
Por todo o mundo soando em Hebraico:
Achegai-vos meus filhos ao povo judaico
De todas as terras do derramamento
Que já entregue de vossos pecados
*Já sois dignos de ser perdoados*
*Vinde às terras do Prometimento.*[9]

**Sonho Terceiro**

(Bandarra)

Oh! Quem pudera dizer
Os sonhos que o homem sonha
Mas eu hei grão vergonha
De mos não quererem crer.

Sonhava com grão prazer.
Que os mortos ressuscitavam,
E todos se alevantavam
E tornavam a renascer

E que via aos que estão
Trás os rios escondidos,
Sonhava que eram saídos
Fora daquela prisão

Vi ao tribo de Dão
Com os dentes arreganhados
E muitos despedaçados
Da Serpente, e do Dragão
E também vi a Ruben
Com grão voz de muita gente
O qual vinha mui contente
Cantando, Jerusalém.
Oh! Quem vira já Belém
E esse monte de Sião
E visse o rio Jordão
*Pera se lavar mui bem. (...)*[10]

3- Sambenito - hábito penitencial usado pelos condenados, durante o Auto da fé e no período que a sentença inquisitorial determinasse. Atraía o ódio, o medo, a compaixão das populações, e a solidão e miséria para os Sambenitados.

A semelhança entre o *"Sonho"* cantado por António Vaz e as quadras de Bandarra[11] é incontestável, nas primeiras quadras. Os ligeiros desvios prendem-se com alterações vulgares, quando a transmissão é feita de boca a orelha. Depois distancia-se, claramente... Que sonho era este? A interpretação de António Vaz sabemo-la através da mulher . O *"Sonho"* que cantam, é de *"prazer":* auguravam a ressurreição dos mortos, os judeus sairiam da dura e forte prisão; ao contrário, "*os da tribo de Adão",* metáfora designadora dos pecadores serão *"espedaçados da serpente do dragão".* Ruben, contente, canta. Torna-se *"a voz de muita gente",* dos escolhidos: Jerusalém, Belém, Monte de Sião, Jordão serão espaços do futuro: é a felicidade do povo de Israel que se opõe aos "... *doze pilares movidos de vento (que) cairão de raiz/ também de cimento".* Descodifica Luísa Antónia, interpretando os doze pilares como a cristandade, os Doze Apóstolos, símbolos de uma religião, que consideram idólatra pela representação/adoração de imagens sagradas. Nas trovas d'o Sonho, a profecia aponta para a erradicação da idolatria. A coluna firme de Israel persistirá e a superação dos pecados, do povo judaico, pela vivência ***"em terras do derramamento"*** garantirá a misericórdia e o perdão, e um futuro vivido em ***"terras do prometimento".***

A alternância entre o bem e o mal, o prémio e o castigo, releva da esperança messiânica e consubstancia a profecia de Elias, num texto que é

desejo, é crença e é súplica: a vinda do Messias trará felicidade e a vivência em Israel.

Luísa Antónia explicou o sentido do texto aos inquisidores, afirmou que "folgava" de ouvir e dizer as trovas, esclareceu que era assim que as interpretava o marido, que andava por esse mundo e de quem não tinha "novas", havia muito ...[12] O *"Sonho"* é descrito através de um processo conhecido na filosofia divulgativa ou popular, na literatura sapiencial ou didáctica, que analisa o real através da analogia, ou da oposição. Nos textos são legíveis marcas de transmissão oral: o ritmo, a rima, favorecem a memorização... e a criação de versões compatíveis com modelos culturais, religiosos, das comunidades. Neste caso, as referências patrimoniais teológicas são comuns no que respeita ao Antigo Testamento. O contexto histórico - cultural aproxima os sonhos e vontades de cristãos e de judeus. A prisão, o cativeiro, a ocultação (tras los montes escondidos) opõem-se à libertação por que anseiam: para o povo hebraico a felicidade no futuro reuni-los-á nos espaços de Jerusalém, Belém, Jordão e Sião; a terra prometida dos portugueses cristãos aconteceria com a Restauração e a vinda do ***Encoberto.***

Ruben, o líder da mais numerosa das dez tribos, é símbolo de alegria, porta voz do júbilo a fruir pelos judeus. Reafirmação do passado religioso *o Sonho,* cantado em terras permitidas, prende-se ainda com o temor da Inquisição que se transcendia com a esperança messiânica.

E, todavia, era a crença do *"verdadeiro Messias"* que dividira judeus e cristãos; a Diáspora era lida pelos primeiros, como um castigo dos pecados cometidos pelo povo de Israel; os cristãos interpretavam a errância como castigo da prática do deicídio. Foi esta divisão que perdurou, e que, transmitida através de textos, deu continuidade à Lei de Moisés.

De mãos atadas António Vaz, físico da Guarda, Luísa Antónia e Luís Vaz diziam/ cantavam/ acreditavam na profecia. António Vaz esteve à beira da fogueira. O inquisidor Sebastião Vaz notifica-o "... *como ele por suas culpas estava relaxado ao braço secular que portanto dispusesse de sua alma e olhasse o que cumpria a sua consciência e se confessasse e encomendasse a nós para que o endereçasse ao caminho da verdade e tirasse a cegueira que tinha em seu entendimento. E o citei (...)para ouvir sua sentença domingo que vem no Auto que celebra na praça desta cidade vinte e três dias deste mês ...*". A fogueira esperava-o dali a dois dias. Sofrer tal martírio para quê? No 21 de Janeiro de 1583, com as mãos atadas, opta pela vida. Confessa o que os inquisidores querem ouvir, e sabe que não peca, quando afirma que ''*o Espírito Santo o alumiara para se tirar da cegueira em, que até agora andara*". Palavras com segredo, estas de António Vaz. Invocar o Espírito Santo não era idolatria. Cegueira seria deixar-se queimar. A agonia atenuou-se: "*... foi mandado desatar e estando desatado... confessa os jejuns e a observância da Lei de Moisés*". Simulou arrependimento, libertou-se do fogo. A pena é, todavia, severa: sambenito e cárcere... uma sanção que conduzia à miséria já que o sambenito despertava temores, distanciava solidariedades e culpava amigos. António Vaz foge, depois de sambenitado, como consta na lista. Mudou, por certo, de identidade, para poder viver não-se-sabe-onde e ter direito ao seu quinhão de Sonho... Ser médico e livre, bem longe dos olhos inquisitoriais.

Discussão entre doutores cristãos e mestres judeus - gravura em madeira (séc. XVI)

* *Professora da Universidade da Beira Interior*

## Notas

1 Jayme Landmann, Judaísmo e Medicina, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993, p. 14.

2 Lembramos que, durante séculos, em Portugal, a nobreza escolheu as leis, as letras... A profissão de médico era desvalorizada. Acresce que a percentagem de Nobel, noutros sectores da ciência, é também superior: quando se fala de judeus. Cremos, porém, que é no valor sagrado, atribuído ao estudo, que radica parte da explicação desta diferença.

3 613 é o valor da soma do número dos dias solares do ano (365) com os 248 ossos do corpo humano.

4 Lúcio de Azevedo. História dos cristãos-novos portugueses, Porto, Clássica Editora, 1989. p. 166.

5 Papel que prova serem os da nação a causa dos males que padece Portugal, ANTE Inquisição Cód. 1506, fol. 144 e segs.; Lúcio Azevedo. op. Cit.. p. 460.

6 Lúcio de Azevedo, op. cit.. 464.

7 ANTT, Cód. 1506, fols. 66 e segs. Nesta lista, figura ainda o "N.º 41 - O físico Francisco Antunes, do Fundão, que curava em Castel Branco, foi preso e sambenitado em Lisboa, com cárcere perpétuo".

8 Gonçalo Anes Bandarra foi punido pela Santa Inquisição em 1514 por "... *causar alvoroso en christãos novos escrevendo trovas que por falta de declaração se entendiam em outra maniera* (...). É condenado por isso a que "... se não entremeta mais arresponder nem escrever em nenhua cousa da sagrada escritura nem tenha nenhuns livros desa mesma salvo sendo o flos sanctorum ou evangeliorum somente". (Processo ANTT, Inq. de Lisboa, n.º 7197).

"*Tinha veia de fazer trovas*", como afirmava, este sapateiro de Trancoso; em Lisboa, visitava "*gente da nação*", o que o tornava suspeito, mas também frequentava a casa de Bartolomeu Rodrigues, clérigo de Trancoso, que o iniciava nos textos religiosos. Não presumia Bandarra a veneração e a difusão que iriam conhecer as suas profecias. A perda da Independência, em 1580, transformaram-nas num credo de esperança. Apesar de proibidas, (ou porque o eram?), espalharam-se por todo o país, em coro de vozes várias e em desvairadas cópias.

Entre muitos, lembramos Padre António Vieira que as intepretou, sofrendo um longo processo inquisitorial, acusado de abuso de interpretação, de proposições heréticas. O livro **Esperanças de Portugal**, a crença do Quinto Império ancoravam nas Trovas de Bandarra, um profeta que predissera a Restauração de Portugal, em 1640. Escreve Vieira: "O Bandarra é verdadeiro profeta;: o Bandarra profetizou que El-rei D. João o quarto há-de obrar muitas coisas que ainda não obrou (...); logo, El-rei D. João o quarto há-de ressuscitar". - Padre António Vieira, **Esperanças de Portugal**, Lisboa, Sá da Costa, 1952.

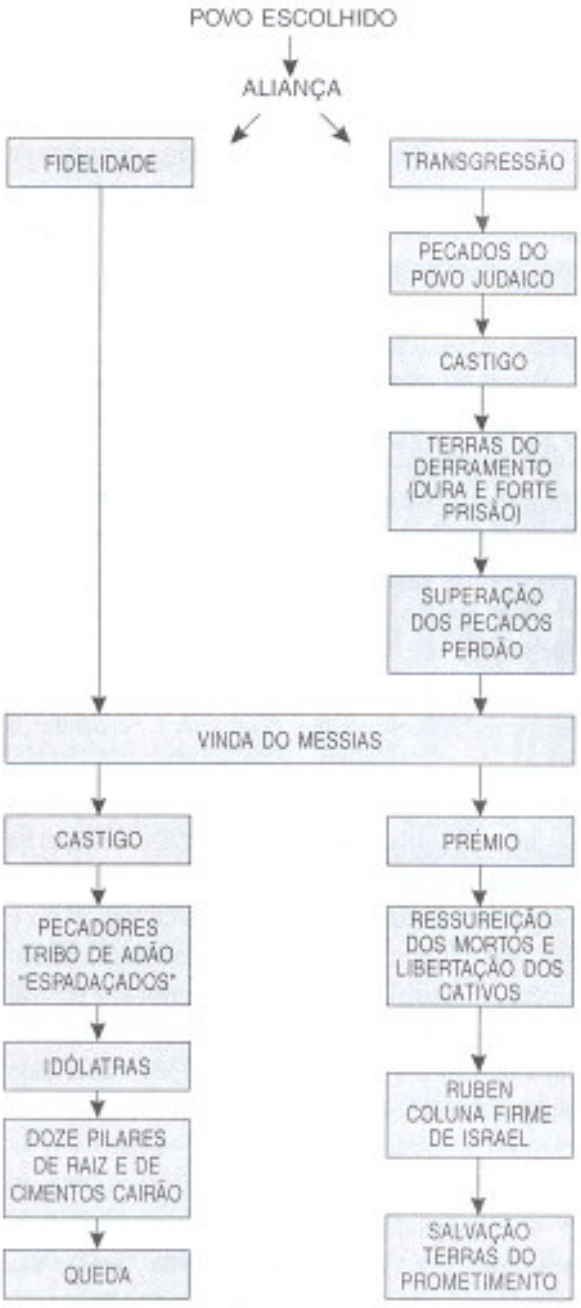
9 In ANTT, Inquisição de Lisboa, Caderno VI do Promotor, 1571 - 1591, Liv. 197.

10 Profecias do Bandarra, Lisboa, Veja, 1984.

11 Cf. Adriano Vasco Rodrigues, in **Catálogo III** - Bienal de Arte, Guarda, Fundação Cupertino de Miranda/Câmara Municipal da Guarda, 2000, pp. 40 a 47.

12 Cf em anexo a transcrição do texto do Cademo 6º do Promotor - ANTT, Inq. de Lisboa - fls 233 a 236.

## ANEXO I




## ANEXO II

Culpas contra Luís Vaz, cristão novo, do processo de Luísa Antónia, cristã nova, mulher do Licenciado António Vaz, cristão novo, físico da Guarda

Aos dois dias do mês de Setembro de 1582 anos em Coimbra na Casa de Despacho da Santa inquisição estando aí o senhor doutor Sebastião Vaz Inquisidor em audiência de pela manhã mandou vir perante si a Luísa Antónia, cristã nova, mulher do licenciado António Vaz, cristão novo, físico, morador na cidade da Guarda está neste cárcere conteúda nestes autos por ela pedir audiência à qual foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade e disse que cuidando em suas culpas lhe lembrou que dez anos a esta parte pouco mais ou menos até o tempo que o licenciado António Vaz seu marido foi preso por esta Inquisição lhe ouviu por muitas vezes dizer umas trovas que chamam o Sonho as quais ele dizia que se entendiam do messias que havia ainda de vir como Deus o tinha prometido na lei de Moisés e que lhe ouviu referir as ditas trovas tantas vezes que as tomou de cor e folgava de as saber e de as dizer e que tinha crédito nelas cuidando que nisso e nas mais coisas da lei de Moisés que cria e fazia se havia de salvar e que o Messias havia ainda de vir e que se haviam de cumprir todas as cousas que se tocam nas ditas trovas e sendo-lhe mandado que as dissesse as disse e são as seguintes: O sonho que eu sonhava se o ousasse a dizer mas eu hei grande vergonha que mo não quisesse crer que sonhava com prazer que os mortos se erguiam e tornavam a viver/ e que todos eram saídos os que estavam nas prisões trás dos montes escondidos/ sonhavam que eram saídos da dura e forte prisão/ vi a tribo de Adão com os dentes arreganhados e muito espedaçados da serpente do Dragão/ E assim vi a Ruben com uma voz de muita gente o qual vira mui contente cantando em Jerusalém! Oh quem vira a Belém e os montes de Sion E a esse bom Jordão para se lavar mui bem/ Os doze pilares movidos do vento cairão de raiz tão bem de cimento e resistirá a firme coluna de Israel haverá sua firme sentença, sairá a voz do grão Testamento por todo o mundo soando em hebraico achegai-vos meus filhos ao povo judaico de todas as terras do derramamento que são entregues de nossos pecados, já sois dignos de ser perdoados vinde às terras do prometimento. E perguntando ao dito seu marido que lhe declarasse algumas cousas das ditas trovas em particular ele lhe dizia que os mortos se haviam de erguer e tornar a viver eram todos os judeus que eram mortos e que os que estavam nas prisões e nos montes escondidos que haviam de sair da dura e forte prisão eram as dez tribos em meio dos judeus que um rei gentio que chamavam segundo sua lembrança Samanasa(?) leixara trás los montes cáspeos onde estavam cativos sem ninguém saber parte deles e

que haviam de sair daquele cativeiro e prisão quando viesse o Messias e que os da tribo de Adão com os dentes arreganhados se entendiam da christandade e que por Ruben com voz de muita gente se entendia a tribo de Ruben que era a tribo mais forte e que os doze pilares eram os doze apóstolos os quais em toda a christandade se havia de acabar com a vinda do Messias e que com isto se ajuntavam todos os judeus que estavam espalhados por todo o mundo com os que estavam trás os montes e que os haviam de tornar a levar à terra da promissão a restituir o templo que estava destruído havia muitos anos /. E disse mais que haverá onze anos pouco mais ou menos que ouviu as ditas trovas a Luís Vaz, christão novo, irmão de seu marido António Vaz que é ido para esse mundo haverá dez anos sem haver novas dele o qual declarava as ditas trovas assim como tem dito que as declarava o dito seu marido e que lhe pareceu que primeiro as ouviu ao dito Luís Vaz que a seu marido/ E disse mais que ao mesmo tempo ouviu ao dito Luís Vaz as trovas de Judite que já tem referido em suas confissoes e que pelo que ouviu ao dito Luís Vaz declarando as trovas do Sonho entendeu dele que andava apartado da fé e tinha crença na lei dos judeus e esperava pelo Messias e que ele podia entender della por folgar de lhe ouvir as ditas coisas da lei dos judeus/o que disse com outras coisas com as quais acabou a sessão/ E do costume disse que era seu marido e cunhado a quem queria bem. E assinei eu notário por ela a seu rogo com o inquisidor, Bartolomeu Fernandes o escrevi.

Sebastião Vaz

Bartolomeu Fernandes,

Outra culpa contra Luís Vaz, christão novo, do processo de António Vaz, christão novo, físico da Guarda, seu irmão às folhas 41

Aos vinte e um dias do mês de Janeiro de 1583 anos em Coimbra por mandado na casa do Despacho desta Santa Inquisição estando aí o doutor Sebastião Vaz Inquisidor em audiência de tarde mandou vir perante si o Réu António Vaz conteúdo nestes autos o qual foi trazido com as mãos atadas e sendo presente disse que agora mudando de uma casa onde estava para outra antes de lhe ser notificada a sua sentença como se contém no termo que atrás fica o Espírito Santo o alumiara para se tirar da cegueira em que até agora andara e que para isso pedira Mesa e logo foi admoestado com muita caridade que fizesse inteira e verdadeira confissão de suas culpas pera salvação de sua alma. E foi mandado desatar e estando desatado pera em tudo dizer verdade lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pos sua mão e prometeo de a dizer e entre outras cousas de sua confisão disse que haverá quinze anos pouco mais ou menos que elle Reo disse a Luís Vaz seu irmão que tudo o dos christãos era erróneo e falsidade e que fosse judeu porque essa era a verdade e fizesse jejuns de judeus sem comer em todo o dia senão á noite e que pelo que ele Reo lhe disse o dito seu irmão deixou de ser christão e se tornou judeu e fizeram ambos alguns jejuns sem comer em todo o dia senão à noite e se declararam ambos um com o outro de como os fazião por observância da lei de Moisés e que o dito seu irmão se ausentou há dois ou três anos por morte de um homem e não soube mais dele parte. O que disse com outras cousas com as quais acabou a sessão e do Costume disse nada e assinou aqui com os Inquisidores. Bartolomeu Fernandes o escrevi.

António Vaz e Sebastião Vaz. As quais culpas Bartolomeu Fernandes notário Apostólico tresladei na verdade dos processos de Luísa Antónia e António Vaz seu marido o que fica no secreto desta Inquisição e com ellas concordam e as concertei com o Licenciado António de Barros promotor desta Inquisição e por não haver outro notário nella e com elle assinei dei o riscado. Em Coimbra aos (...) de Maio de 1581 concertado comigo. Bartolomeu Fernandes António Barros.

Ilustríssimos Senhores

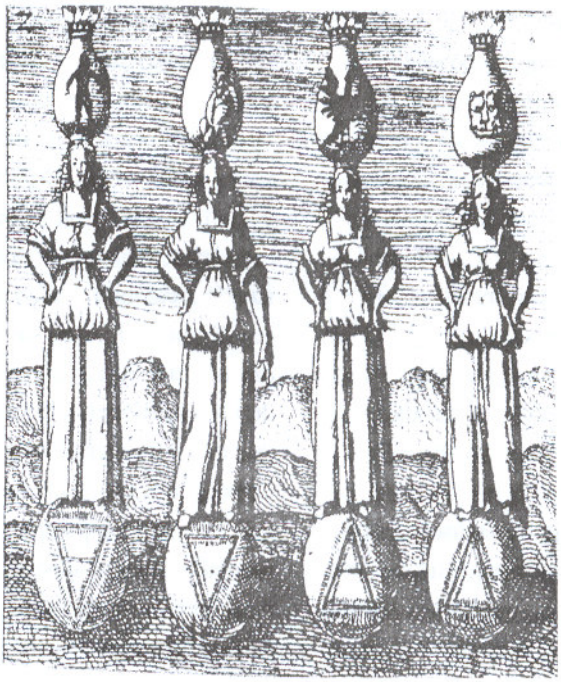
Estas culpas favorecem bastantes pera por ellas dar preso Luís Vaz, christão-novo irmão de António Vaz físico da goarda, para a Vs Ms as pronunciem por obrigatoria a prisão e se passe mandado pera ser trazido ao Cárcere deste Santo Ofício.

# OS QUATRO ELEMENTOS NA ALDEIA DA MINHA MOCIDADE

**José Ribeiro Farinha***

Os povos dos espaços rurais das nossas aldeias não aprenderam filosofia nem conheciam as teorias de Empédocles sobre "Os Quatro Elementos" e a relação entre eles, na explicação da "natureza íntima das coisas" e no funcionamento do "Processo Universal'' que à sua volta se desenrolava, se repetia e se renovava permanentemente.

Tanto pela vital necessidade da Água, da Terra, do Fogo e do Ar, elementos essenciais de que todas as comunidades dependem, como pelos mistérios que envolvem certas transformações cíclicas da matéria envolvente - sem conhecimentos científicos para entender os fenómenos a que se assiste - desde tempos imemoriais o Homem os foi carregando de simbolismos vários, elevando-os, quase sempre, à categoria do "transcendental".



Os quatro elementos (da esq. para a dta.): a Terra, a Água, o Ar e o Fogo. D. Stolcius, 1624.

Começarei por abordar alguns aspectos da origem do termo que é tema destas JORNADAS. Mas será mais com base no saber popular que me ensinou parte do que sei, do que nos complicados princípios filosóficos - em muitos casos meramente especulativos, sem fundamento científico - que alinharei algumas ideias sobre "Os Quatro Elementos", vistos por alguns dos agentes directos, no dia-a-dia da aldeia que me viu nascer: Figueira - Concelho de Proença-a-Nova.

Terá sido Empédocles - filósofo, poeta e médico grego nascido em Agrigento, Sicília, no sec. V A.C., por uns considerado um deus e por outros um charlatão - quem primeiro utilizou o termo para designar o Fogo, a Terra, o Ar e a Água, como "quatro corpos básicos ou raízes do mundo material" que misturados "se atraiam uns aos outros" através do "Amor e da Luta".

O ''princípio dos opostos" ou "tensão dos opostos" desempenhou um papel importante nas teorias de Pitágoras e Heráclito, entre outros, como força dinâmica, motor do movimento e da mudança. Os Elementos seriam irredutíveis, mas em constante transformação pelas forças do "Amor e do ódio". A doutrina da existência original das substâncias materiais opostas aparece primeiro por Anaximandro. Posteriormente, Heráclito isolou quatro dessas substâncias, postuladas mais tarde como "Os Quatro Elementos" por Empédocles, que descrevia o "Processo Cósmico" como " uma operação de quatro elementos, eternos e indestrutíveis".

Esta teoria serviu também como ferramenta à Astrologia: cada Elemento tem os seus signos e a cada signo são associadas qualidades genéricas que variam consoante a proporção da mistura dos elementos, sempre um mais prevalecente em relação aos outros três. Conhecido o signo elementar, dado pelo momento do nascimento e pela posição dos planetas, conhecer-se-ia a índole e o temperamento do indivíduo, baseados nesses dados e nas qualidades atribuídas aos elementos correspondentes dos signos...

Mas basta de filosofias, voltemos à Aldeia e às suas Gentes, nas suas relações com os Elementos, bem longe dos filósofos que os pudessem explicar....

Será inevitável que a Água e a Terra sejam aqui, privilegiadas. Não porque pense que o Fogo e o Ar sejam menos importantes. Apenas porque, no seu convívio directo com a Natureza na busca pelo pão, a ligação Água-Terra e as preocupações pelos bons ou maus resultados dessa união nas actividades agrícolas, eram mais visíveis nas conversas do dia-a-dia dos homens da terra.

A Terra, a Água (ou a falta dela), o Trabalho e a Família, o Fogo à lareira, o Pão na mesa, a Sementeira e a Colheita, são entre muitas outras, palavras sagradas para as comunidades rurais, num ciclo eterno que o desenvolvimento tecnológico tem alterado mas não conseguiu apagar completamente.

Mesmo sem conhecerem a composição e as teorias filosóficas acerca dos Elementos de que tanto dependem, sempre os povos rurais os viram e respeitaram como algo de transcendente. Temendo embora os seus efeitos negativos, cedo se habituaram a tirar partido das suas qualidades e a acautelarem-se dos seus perigos ou excessos. Pela experiência, o Homem foi conhecendo melhor cada elemento e a pouco e pouco, com eles ou contra eles, dominando-lhes as fúrias, foi fazendo reverter a seu favor muitas das suas potencialidades, que progressivamente têm vindo a melhorar a sua qualidade de vida.

Atravessando o espaço e o tempo, a tradição oral foi transmitindo de geração em geração toda uma sabedoria popular sob as mais variadas formas, alicerçada ao longo dos séculos pela observação e experiência, aqui e ali intercruzada com fontes mais eruditas das comunidades, como por exemplo, a palavra do Padre, do Professor ou do Médico - quando o havia - além de um ou outro jovem, que na época e no espaço a que me reporto, podia estudar.

Esta herança foi sendo enriquecida pela mistura das crenças religiosas com as tradições pagãs e revela a necessidade que desde sempre o Homem teve de comunicar e obter respostas. No temor de se sentir desamparado num meio tantas vezes hostil, sempre o Homem tentou ligar o seu mundo ao reino do Além: era preciso criar defesas contra as forças maléficas de que o mundo, segundo muitos sempre estivera cheio. Ao voltar-se para o divino, o Homem acreditava poder encontrar ali o que na realidade lhe escapava. É pois com uma mescla de crença religiosa, ritos da tradição pagã e sentido prático das coisas que o homem simples das nossas aldeias encara os Elementos que sempre tão ligados estiveram às suas actividades e à sua própria vida. Por tudo isto, "Os Quatro Elementos" são os meios ideais para servirem de intermediários na ligação do Homem com o Divino.

A Água, matriz de toda a existência animal, base de culto nos ciclos de fecundidade, está ligada ao nascimento e à vida, presente na Pia Batismal da Igreja e em muitos outros actos de culto, nos banhos rituais, etc.; no seu eterno ciclo natural, é o "sangue" das "veias" da Terra, a alimentar os caudais dos rios e a fortalecer os lençois freáticos, fertilizando-a e fazendo germinar as sementes das plantas que darão o Pão - embora pelos seus excessos, a Água possa matar e destruir, como vai acontecendo infelizmente, um pouco por toda a parte... Lembro agora a fonte da Aldeia: o "centro " da vida social onde, sobretudo no Verão, quando a "bica" ficava por um fio, se teciam cumplicidades, se combinavam encontros, se concretizavam namoros, a transformar aquele local num espaço mágico... Longe dos Jornais, sem Rádio nem Televisão, era também o centro difusor das notícias da Aldeia... A Água era tema constante dos ditados populares, quase sempre relacionados com as actividades agrícolas: "*Se não chove pelo S. Mateus* (21 de Set.), *vende as ovelhas que os borregos já não são teus*". Isto porque não chovendo em fins de Setembro, não se desenvolvem as pastagens (a ferrã) para o gado. Também a Água dos olhos, as lágrimas de tristeza ou alegria vertidas por alguém, a exteriorização dos sentimentos profundos do ser humano era tema constante do cancioneiro popular, como nestas duas quadras: "*Mais sofre que sofre só,/ Vamos casar, meu amor./ Quando eu choro, choras tu,/ Partimos ao meio a dor.*" e "*Já sofri tanto na vida/ Que até chego a duvidar,/ Se a chuva que cai às vezes,/ Não será do meu chorar.*"... etc., etc.

E continuando ainda em torno da Água: da fonte de mergulho de que me lembro muito bem, ao chafariz público e deste à água canalizada que vai chegando felizmente, a toda a população, um longo caminho percorrido. Mas o progresso obriga, muitas vezes, a pagar um preço muito elevado e aí estão as preocupações pelos perigos que espreitam tão precioso bem, cada dia mais valorizado mas também mais e mais ameaçado pela poluição.

Dos poços profundos feitos à custa de braços e de dinamite a tentar encontrar Água nas entranhas da Terra para transformar bravios campos de pedras em tapetes verdes, aos actuais "furos", tantos que já se vão anulando uns aos outros; da rega com Água tirada à força de braços, com a ajuda da "picota" ou "cegonha", às bombas de rega de hoje, vai enfim a grande diferença entre um trabalho de quase escravatura e uma grande economia de esforços, com maior eficiência para benefício do Homem.

Falar da Água neste contexto é falar também da Terra e das Gentes que nela subsistem trabalhando e cultivando os campos. "*Terra que não é tratada, é Terra que não dá nada*" - dizia meu pai... Terra fértil quando bem tratada, beijada pela Chuva/Água benfazeja, aquecida pelos raios do Sol/Fogo e resguardada pela "tela" protectora que o Ar representa para a vida neste

planeta vivo.

Falamos da Terra-Mãe, deste espaço material onde assentamos os pés e construimos os nossos abrigos/ casas, desde os tempos mais remotos, e onde tornaremos para voltar a ser Pó/Terra...

Em contacto com o meio natural, constantemente nos maravilhamos. A Natureza vai repetindo os ciclos, renovando-se em cada estação, arranjando forças para resistir às agressões constantes a que cada vez mais está sujeita. Tudo parece tão natural e simples na sua complexidade, que observá-la é encontrar um bálsamo para a alma; olhar à volta, reflectir sobre a magia do crescimento duma planta ou do brotar das suas primeiras folhas e flores, como fazem as gentes das aldeias, é um bom remédio contra os empurrões deste tempo de velocidades e avanços tecnológicos nunca vistos, das estradas da informação, em que a nota dominante dos nossos dias é a falta de tempo crónica, de que nos queixamos...

Pés na terra, a respirar o ar que nos mantém vivos, olhamos o espaço étereo do Céu e dos Astros; o Ar/ Espaço "que está para além de nós", entre nós e a Lua, o Infinito que o Homem não pode habitar e para os crentes, o lugar dos seres sobrenaturais, o paraíso celestial...

Para Aristóteles o Ar/Éter era o 5° elemento, a 5ª Essência, a substância dos céus. O Ar corpóreo, o não vazio...

Azul brilhante nos dias claros, azul profundo e estrelado nas belas noites de luar, o Ar/Atmosfera terrestre, Infinito suspenso, espaço mágico e misterioso para os povos primitivos é também, o grande ''ecran" a projectar carrancas medonhas que assustam homens e bichos, nas grandes tempestades que se abatem sobre o espaço terrestre, acompanhadas de trovões e faíscas, caídos da grande cúpula celeste. Com maior ou menor receio, convivemos com estes fenómenos. Mas a maior parte dos habitantes da Aldeia nada sabe dos inúmeros e importantes gases de que o Ar é composto, nem do seu insubstituível papel como filtro protector da vida na Terra; e desconhecem também a influência da pressão atmosférica, da altitude, da insolação, etc., nas variações climatéricas e nas mudanças do tempo.

Só alguns, como o tio João Talassa, de que falarei adiante, conseguiam com alguma precisão, prever as mudanças de tempo pela observação do céu e das estrelas, do pôr-do-sol... Mas em geral, todos viam na "dança" dos Elementos, que de forma tão natural e perfeita interferiam nas suas vidas, uma ordem que só poderia manter-se assim sob a bactuta divina! E quando algo "descarrilava" e os atingia alguma catástrofe natural, interpretavam isso com um castigo de Deus pelos pecados dos Homens.

Falo agora do Fogo que mal aflorei ainda: do Fogo/ Sol fonte de vida; do Fogo que fez companhia ao Homem das cavernas, protegendo-o das feras e que continua a ser uma óptima companhia nos agradáveis serões de Inverno na Aldeia, à lareira a aquecer-nos, a cozer os alimentos, a enxugar os fumeiros, etc. No entanto esta força activa amiga do Homem, fugindo ao seu controle ou caindo em mãos criminosas mata e destrói, como sucede com o flagelo dos fogos florestais, tristemente em voga em todos os Verões, a espalhar o pânico nas populações e a deixar mais pobre este planeta já tão fragilizado e mais doente o ar que respiramos... O Fogo das armas a submeter pela força povos inteiros; o Fogo que tem servido como castigo, expiação, limpeza; o Fogo nos rituais satânicos e o das "chamas do Inferno" a fazer arrepiar muita gente só de ouvir pronunciar tal expressão; e o Fogo dos Vulcões, vistos como uma coisa sobrenatural, ameaça de um qualquer deus contra o Homem pecador, por muitos povos que não entendem as explicações sobre o movimento das placas, fénomeno natural deste planeta vivo.

Mas como cresci num meio rural, prefiro recordar o fogo da lareira, dos magustos, das fogueiras feitas para não morrer de frio no campo, na apanha da azeitona, das fogueiras de S.João e em especial a fogueira do forno comunitário a aquecer os Invernos da malta nova, contraponto do espaço da fonte, no Verão.

Volto ao tio João Talassa, "sábio" pastor analfabeto que juntamente com meu pai e outros vizinhos, me ensinou muito sobre a vida do campo, como plantar, podar, enxertar árvores...

Já escrevi sobre ele em outras JORNADAS. Acompanhava-o muitas vezes, quando não tinha aulas. E em troca da minha ajuda na recolha do gado e na ordenha das cabras, se bem disposto, deixava-me imitar os cabritos, mamando directamente da teta. Sempre bem humorado, cantando e assobiando, fazia graça com tudo, contava estórias intermináveis e tinha sempre na ponta da língua um provérbio, uma adivinha ou um ditado a propósito de qualquer situação.

Seria impossível tentar, neste espaço, fazer-lhe um retrato minimamente aceitável. No entanto deixarei um leve apontamento deste pastor que era um autêntico Boletim Meteorológico da época. Ia à missa pelo Natal e pelos Santos porque, dizia, "de uma só vez contentava os santinhos todos".

O tio João gostava do seu copito e quando estava com o "grão na asa", educadamente mas com piada, fustigava as "beatas", que segundo ele, "passavam a vida na Igreja mas não tratavam da casa". A uma delas ouvi-o dizer: " Oh Ti' Maria!, em vez de tomar tanta água benta porque não faz como eu? Tome antes água-pé ou vinho... sempre é mais gostoso e se até o Padre o bebe na Igreja, é porque também é santificado...". E perante o desconforto da velhota, propunha: "Não se zangue e oiça lá mais esta, ti' Maria: *o vinho é uma coisa boa,/ que nasce da cepa torta:/ a uns faz perder o tino,/ a outros errar a porta.*

E ainda mais esta: *Beba à vontade sem medo,/ e se ficar com grão na asa,/ a gente guarda segredo,/ vamos levá-la a casa.*"

Era assim o tio João Talassa. No cabanão anexo ao curral do gado, num dia que chovia a potes, ouvi-o dizer: "Tão cedo não teremos outro tempo porque *Lua nova trovejada, trinta dias é molhada, se aos três não for demudada"* Como aquele era o terceiro dia de chuva... Não me lembro hoje se terá acertado ou não naquele caso. Mas recordo um grande número de ditados, geralmente relacionados com as tarefas agrícolas e por isso também, com os Elementos.

Na sua opinião, Janeiro devia ser chuvoso: "*Janeiro molhado se não é bom para o pão, não é mau para o gado*". E com o frio, as searas mantêm-se coladas ao chão, ganhando raízes para crescer a seu tempo: "*Em Janeiro sobe ao outeiro: se vires terrear põe-te a cantar; se vires verdejar põe-te a chorar*".

A subida da temperatura em Fevereiro, podia ser prenúncio de um mau ano agrícola: "*Fevereiro quente traz o Diabo no ventre*" dizia meu pai e o tio João Talassa repetia. Março traz geralmente os grandes aguaçeiros que fartam os campos. Mas o frio impede a germinação das sementes e o crescimento das plantas. De Março se diz então: "*Março, marçagão, de manhã Inverno, à tarde Verão*". No "*Abril das águas mil*", as saraivadas e chuviscos agradam ao agricultor. Lá dizia o tio João "*Abril,frio e molhado enche o celeiro e farta o gado".* Explicava meu pai que se Abril viesse frio e seco, a geada queimava as folhas e flores que tivessem já despontado. Continuando: "*Maio pardo e ventoso, ano formoso*". Em Junho, o perigo das trovoadas com granizo e chuvas torrenciais a flagelar as plantas, levava os agricultores a dizer: "*A chuva pelo S. João, tira azeite, vinho e pão*". E por aí fora: "*Setembro ou seca as fontes ou leva as pontes*"; "*Se queres pasmar o teu vizinho, lavra e esterca pelo S.Martinho*". Etc, Etc.

Muito mais haveria a dizer sobre os "Elementos" na minha Aldeia, mas impõe-se que termine. Ditados, quadras populares, orações de agradecimento pelas boas colheitas e promessas pagas aos santos da sua devoção, geralmente com os produtos da própria lavra. E tantas, tantas manifestações de carácter religioso ou profano relacionadas com a vida rural e com os elementos que não cabem nesta Comunicação.

Comunicação apresentada nas XI Jornadas (Novembro de 1999 )

---

** Artista Plástico*

# "DIVERTIMENTO"- FANTASIA SOBRE A LENDA DA "CORTIÇADA"

**Ribeiro Farinha***

Ao pensar abalançar-me na recriação da lenda da "Cortiçada" que aqui apresento - revestida de novas roupagens - hesitei muito antes de me decidir. Várias vezes me interroguei se haveria no assunto "moita onde se escondesse lobo" ou se, pelo contrário, não incorreria numa composição de "excessiva palha para tão pouco grão".

Ao recuar mais de oito séculos-tempo a que remonta a lenda- a uma época indefinida e a modos de vida praticamente desconhecidos, sem uma cronologia temporal fiável, não faltariam as incongruências. Mas lenda é lenda: mais ponto menos ponto acrescentado ao conto, maior ou menor coerência cronológica, nunca passa de uma fantasia. É por esse ângulo e pelo desafio a sobrepor-se às hesitações iniciais, que parto nesta aventura.

Se fosse realizador de cinema ou compositor teria aqui um manancial imagético que, explorado, daria um fantástico filme de acção ou uma fabulosa ópera "buffa". Não o sendo - para desgosto meu - avanço para esta reconstituição com um certo sentido teatral, como quem tece um guião para um espectáculo virtual... uma "montagem" que partindo do pouco que se conhece da tradição oral, junta as imagens fragmentárias do sonho, alguma imaginação e muita invenção.

Além do desafio lúdico outras intenções estiveram nesta tentativa de recontar a lenda: evitar que esta "pérola" da tradição oral caia no esquecimento e aproveitar o ensejo para revisitar tempos idos do concelho, cruzando dados históricos com a trama da lenda. O tema, adormecido em mim desde a juventude, foi espevitado quando, em 1984, o Dr. António da Silva Sousa, então presidente da C.M. de Proença-a-Nova, me desafiou a realizar um mural em edifício municipal, a "contar" a lenda da "Cortiçada". Eu trabalhava, então, numa empresa muito competitiva que me absorvia a tempo inteiro e, só por isso, não aceitei o aliciante desafio que exigia estudos e muito tempo.

Apesar das insistências do Dr. Sousa, continuadas em 85, o projecto ficou em "banho-maria".

Os anos passaram, a Câmara mudou de presidência, outras coisas se alteraram, entretanto. Mas o "bichinho" ficou de modo que, volta e meia, dou comigo a conjecturar a forma como poderia agarrar, em termos pictóricos, matéria tão inconcreta e fugidia. Dessas introspecções na busca de solução para converter em imagens picturais o teor da lenda, algo permanece no meu subconsciente e não me surpreendi quando, nos breves instantes de um sonho, reconheci cenas e imagens próximas das que, antes, tentara criar para a eventual composição mural, quando me debruçara sobre o assunto... imagens que, embora parciais e transfiguradas na sua irrealidade, se encaixavam no contexto da minha concepção mental da trama da "Cortiçada". Assim, o tema se foi impondo, esta foi a motivação próxima da súbita intromissão, pela escrita, que poderá vir a ser um primeiro passo para outras abordagens pela Pintura...

Pouco existe escrito sobre a lenda. Talvez porque o assunto não sendo muito lisonjeiro para os proencenses, era pouco divulgado. Consta que moradores das terras vizinhas, nomeadamente os do Carvoeiro se riam da falta de senso daquele que, com a ideia de retirar o cortiço da base da torre, provocou o seu desmoronamento. Por mim, procuro com o meu "divertimento", imaginar a extraordinária aventura dos primitivos proencenses e do seu delirante projecto de querer chegar à Lua construindo uma torre de cortiços, sem pretender rir da ingenuidade ou da insensatez implícitas na lenda.

Antes de me embrenhar nas longínquas florestas dos extintos sobreirais da minha visualização especulativa, antes de acompanharmos o alvoroço inicial do arranque da lendária construção, quero deixar alguns apontamentos de carácter histórico sobre Proença-a-Nova, antes conhecida por "Cortiçada". Esta designação, que aparece em muitos documentos antigos, estaria, segundo a tradição, ligada à lenda. Caído hoje em desuso, o antigo nome da vila, só nos estudiosos e nas pessoas mais idosas encontra algum eco. Contudo, não há muito tempo, era quase

sempre por “Cortiçada” que Proença era designada, sobretudo nas aldeias: «Vou à feira à “Cortiçada”», ou «Vamos à “Cortiçada” pagar a “contribuição”», etc, etc. ouvia eu dizer a meus pais e vizinhos. E os proencenses eram tratados por “cortiçolas”, o que originava alguma crispação nos mais exaltados, como acontecia nos jogos de futebol entre Proença e Sobreira, quando as coisas não corriam bem para algum dos lados...

O Concelho de Proença-a-Nova foi delimitado a partir da Carta de Foral outorgada por Frei Rodrigo Egídio, em 1244. Desde então passou a gozar de maiores privilégios e autonomia, ficando nas mãos dos seus habitantes a resolução dos principais problemas da comunidade - Muito tempo passou, muitos eventos importantes pontuam a longa história do seu passado e hoje, o Concelho, bem longe do alheamento a que esteve votado antes do 25 de Abril acompanha, passo a passo, o novo pulsar do Interior sem grandes rupturas com as suas raízes culturais. Quanto à origem do antigo nome de Proença-a-Nova, poucas dúvidas haverá que provinha da abundância de cortiça dos extensos sobreirais da região onde a flora, rica e variada, era propícia aos enxames e, por conseguinte, às colmeias-cortiços. Documentos antigos referem, amiude, o nome de “Sobrais” para designar prédios rústicos e, a reforçar esta tese, os nomes de Sobral Fernando, Sobrainho dos Gaios, e Sobreira Formosa (que já foi Concelho e possui, também, a sua bela lenda).

Dos extensos sobreirais que recordo do tempo da escola, em Sobreira Formosa, subsistem algumas frondosas árvores, nada que se compare com os tempos em que a cortiça representava uma grande riqueza para a região. Dessa riqueza e da ignorância dos proprietários que aceitavam a exploração desenfreada de muitos oportunistas que levou à sua quase extinção - juntamente com o avanço do pinheiro bravo - falam-nos alguns escritos do Dr. Jaime Lopes Dias in “Cortiças da Beira Baixa” e da Dra. Maria Assunção Vilhena in “Sobreira Formosa - Passado e Presente”, entre outros.

Mas vai sendo tempo de passar do histórico ao lendário e falar da “ascensão e queda” da fabulosa réplica da Torre de Babel em que, mais uma vez o homem, ultrapassando os seus limites, acaba vítima dos seus megalómanos projectos.

Conta a lenda que dos pontos altos da vila em noites de lua cheia os primitivos proencenses viam, extasiados, a Lua ali à mão, a jogar às escondidas com a rama dos pinheiros dos montes em frente, a incendiar o horizonte na sua lenta ascensão no espaço celeste. Enfeitiçados com a maravilha resolveram chegar lá, para mais se aproximarem do céu. Correu célere a ideia e logo se constituiu uma comissão para auscultar as populações e recolher sugestões para, com os meios de que dispunham, fazer avançar o projecto, a partir da melhor proposta. Estudadas todas as sugestões, foi escolhida a ideia de um mestre cortiçeiro, homem respeitado e experiente, que propunha a construção de uma grande torre de cortiços: “Chegaremos à Lua, cortiços não irão faltar!”- gritaram todos... Na sua longa vida o cortiçeiro fizera já muitos milhares espalhados pelos campos em redor, por isso sentenciava: “com tantos sobreiros que temos depressa faremos subir a torre... Além disso - continuava - a Lua nem sequer está tão alta assim... Nós bem a vemos além, suspensa nos penhascos da Serra das Talhadas!”

Os responsáveis pelos trabalhos ordenaram o envio de emissários a todos os povoados exigindo a colaboração de todos naquela missão. Foi necessário vencer resistências dos que, em chacota, achavam absurda a ideia; estabeleceram-se prioriadades, elaboraram-se escalas, distribuirarn-se tarefas consoante as aptidões de cada um; quem não tinha sobreiros pagava com trabalho ou fornecia comida... A grande azáfama começou! “Um por todos e todos pela torre!”, era o lema...

Vamos partir para esta viagem imaginária sem saber como viviam e comunicavam entre si os proencenses de antanho, perdidos entre montes e vales, rodeados de florestas e de feras, sem estradas, sem condições... A ligar os povoados uma descontínua rede de carreiros de cabras, tortuosos e lamacentos, para calcorrear a pé ou com a ajuda de bestas e carga... E, sobretudo nas zonas mais acidentadas a Norte, alcateias desciam a serra e atacavam as povoações. Nas movimentações nocturnas, provavelmente acendiam fogueiras e tochas feitas de tecido embebido em resina para esconjurar os medos e as feras!... E sabe-se lá que mais!

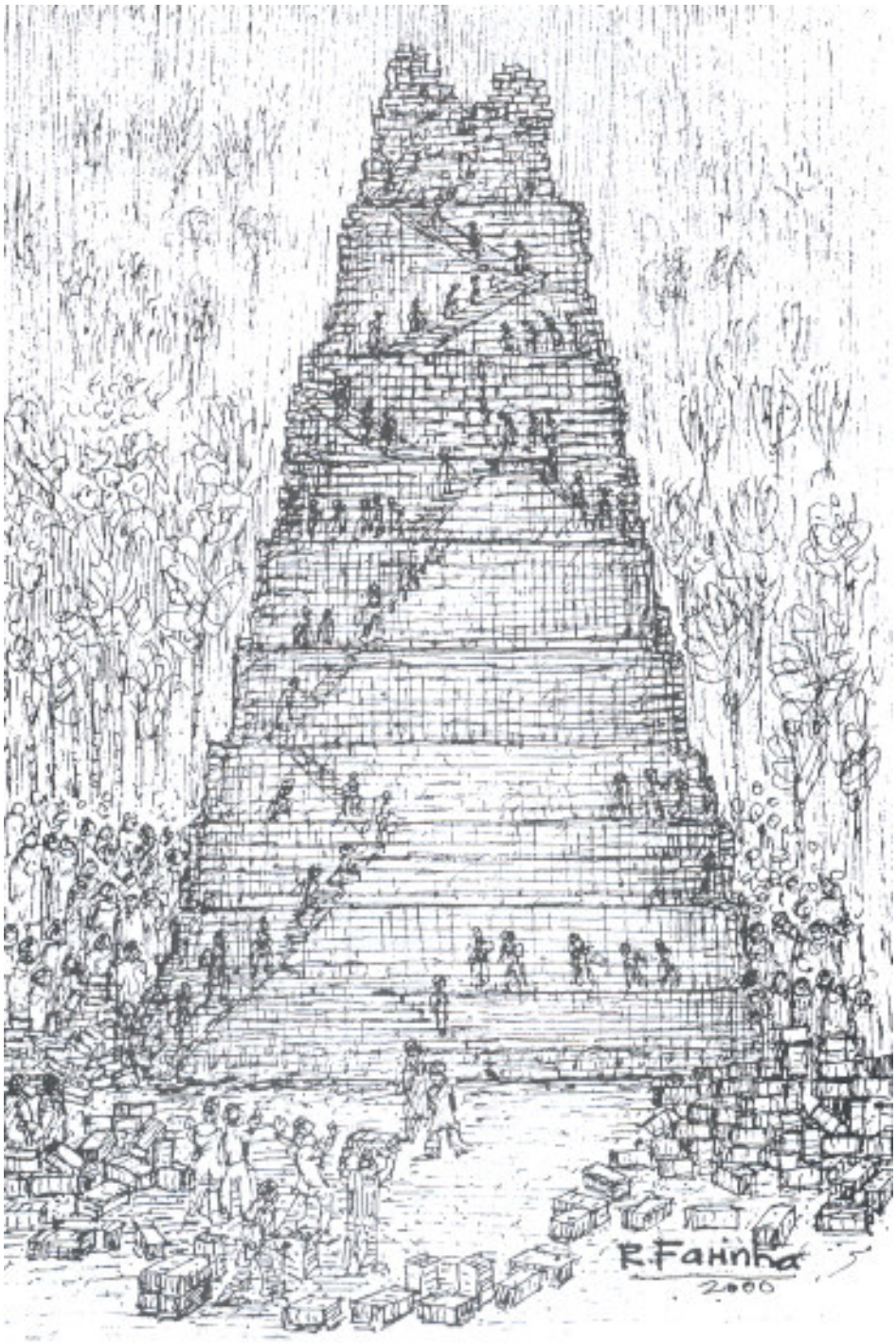
Apesar disso a mensagem passava, a mobilização era geral. Onde quer que existissem sobreiros o bulício era impressionante: esquecidos de si próprios e das tarefas do dia a dia aqueles homens rudes queriam contribuir para a desejada ligação entre a Terra e o Céu. Mesmo os que a princípio eram críticos se deixaram prender ao enleio daquela súbita epifania que, como um cântico divino, incendiava de esperança as suas almas simples, todos irmanados pelo sopro de entusiasmo que varria a região de Norte a Sul e pela embriaguez colectiva que fazia perder toda a noção da realidade. Descuravam-se actividades importantes para a comunidade: as hortas e os milheirais ficavam sem rega, a azeitona espalhava-se pelo chão, os animais ficavam por tratar e as crianças, os doentes e os velhos, entregues à sua sorte...

Os caminhos, agora, davam todos ao planalto junto de “Oliveirinhas da Serra”, local escolhido para erigir a Torre e para onde afluiam já alguns carregamentos de cortiços.

Chegado aqui, reentro no clima do sonho que me ajudará a arquitectar os “quadros” com as “cenas” do

meu "guião" imaginário. Mas é difícil falar de um sonho ou tentar converter em palavras escritas as suas imagens difusas. Fechando os olhos mergulho no interior da Floresta do meu subconsciente: de uma pequena elevação observo, a pouca distância, uma clareira iluminada e à volta, manchas de sobreiros salpicadas de pinheiros e arbustos. A sobressair, enormes árvores de tronco e pernadas já despidas, autênticos gritos amarelo-laranja a ecoar na paisagem escura. como gigantes de mangas arregaçadas a estender os braços ao céu. No centro da clareira uma bancada de troncos e à volta, amontoavam-se grandes quantidades de cortiça enquanto que, à luz de uma grande fogueira brilhava uma rima de cortiços já prontos...

Reinava grande algazarra no espaço iluminado: silhuetas indistintas, vozes distantes, algaraviada arcaica impercepétivel, "flashes" contínuos a cortar os ângulos de visão, a provocar "brancas" na sequência dos "planos" e a mudar constantemente o "cenário" e



o “enredo” do sonho. Agora, uma luz intensa a que os olhos dificilmente se acostumam esconde as imagens desfocadas na fronteira da luz e da sombra até que, subitamente, entre mim e o espaço da cena se interpõe um gigantesco painel onde espalho tintas de cores vivas. Estas, ao escorrerem, desenham os altíssimos pilares de uma colossal estrutura envolta numa atmosfera vaporosa de finas velaturas, em constante mutação. O painel animado é pintura em movimento, ganha profundidade, deixa-me fora de cena e as tintas escorridas davam lugar à superestrutura de uma pirâmide que, furando as nuvens se perdia nas alturas, irreal e inatingível!

Dos espaços intermédios dos pilares emergiam manchas a recortar figuras que pareciam trepar, como formigas, as paredes da torre-pirâmide. Estonteado e confuso “assisto” a nova mudança de “cenário”: um grande plano mostrava agora inquietantes personagens entrelaçadas a flutuar suavemente pelo espaço até se perderem no infinito misterioso... Parecia que sobre o imenso “quadro” surreal, a tocar o sublime, as esferas siderais derramavam transcendentes ressonâncias! E julguei então ouvir, vindos não sei de onde, os magníficos acordes do 1.° andamento da Sinfonia “Mattias, o Pintor”, seguidos da magistral “Passacaglia” da “Nobilissima Visione” de Paul Hindemith!

Uma teia confusa de imagens, sons, luzes e cores, sem qualquer fio narrativo, a semear o caos na minha cabeça dificulta a “montagem” que pretendo. Doravante, fora do sonho, juntar-me-ei no terreno à grande azáfama que lavra nos sobreirais mais acessíveis. Para as próximas “Cenas” tentarei ordenar a confusão reinante contrapondo àquela “Sinfonia Campestre”, um fundo musical. Começo com a música viva e energética de D. Chostakovitch e da sua “Abertura Festiva”, alternando com os andamentos rápidos das 3.ª, 5.ª e 7.ª Sinfonias. Pelos campos, uma polifonia de vozes, estalidos de folhagem seca, latidos de cães, chiadeira de carros aos zig-zagues, zurros das bestas a passar ribeiros, a contornar encostas ou em «equilíbrio precário pelos píncaros dos montes; as pancadas dos machados a abrir incisões na casca das árvores e os cortiçeiros a arrancar, com fortes estampidos, as pranchas de cortiça, com a ajuda do cabo em forma de cunha...

Uma constante efervescência, um permanente estado de festa e os campos sarampintados de troncos amarelo laranja vivo. A cortiça recolhida é levada para os estaleiros improvisados para ser transformada nas “pedras” da lendária torre. Com a música colorida e brilhante de Vincent d’Indy e da sua “Sinfonia sobre um tema das Montanhas” visitemos um desses estaleiros, a poucos quilómetros da construção, onde o mestre e os seus ajudantes montam diariamente dezenas de peças. Como a música, deslizam rápidos pela mente os “quadros” imaginados desta minha reconstituição... Sigamos os gestos dos artistas em volta da bancada: junto de grandes fogueiras um moço de faces avermelhadas vai furando, com um espeto em brasa, as pranchas, à medida, para a entrada dos espigões de esteva que outro, ao lado, prepara com uma tosca enxó e um canivete; o material passa ao mestre que se encarrega de montar os cortiços; prontos estes são carregados nos carros e nas bestas que trouxeram a cortiça e agora se aprestam a fazê-los chegar ao local da construção, onde os responsáveis pelo arranque, lançam já as primeiras camadas da base a prognosticar a rápida ascensão da torre, como previra o autor da ideia.

Mas continuemos a nossa viagem pelo espaço da lenda, entremos no tropel vertiginoso que anima o planalto, transformado num caleidoscópio louco que me leva à música de Darius Milhaud e à sua “Criação do Mundo”, a acompanhar o nascimento da torre, que se eleva já do solo a recortar a linha do horizonte a sul. O espaço é cada vez mais concorrido, o projecto é cada dia mais credível, as expectativas não serão defraudadas.

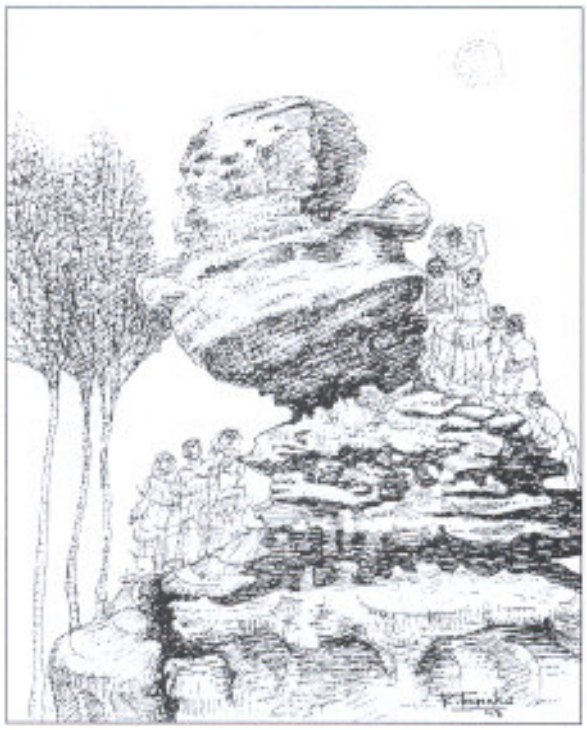
São de esforço e de júbilo as horas que se vivem ali, onde algumas pessoas já cansadas mas firmes na determinação de chegarem à Lua, davam alento aos que, aqui e ali, caíam exaustos. As mulheres, zelosas e felizes, vinham de cestos e bilhas à cabeça a servir água, pão escuro, castanhas e vinho aos esforçados obreiros e a chegar-lhes os cortiços espalhados na área. Todos, mesmo os mais cépticos, se deixavam enlear no clima mágico que o local irradiava. Ao planalto chegavam peregrinos e mirones vindos de outras terras, atraídos pelo eco da insólita façanha... Aqui retorno ao meu “guião” para acompanhar as exclamações de espanto dos visitantes, perante o milagre que ali acontecia, com a música de Luciano Bério e da sua Sinfonia, justamente célebre pelas contínuas e alucinantes citações de grandes vultos do nosso tempo...

Em redor da construção, forasteiros e locais exultantes misturavam-se em rituais religiosos e pagãos, como se o clima envolvente os fizesse entrar noutra dimensão: orações, recolhimento, procissões, ladainhas intermináveis eram o contraponto da miscelânea de ruídos, gritos, do sopro assobiado do vento a fazer oscilar, com rangidos, as paredes em construção é, pior ainda, os sobressaltos provocados pela queda de algumas peças, a cada rajada mais forte, a arrastar na derrocada alguns operários desprevenidos.

A torre em esplendor apontava já para a Lua! Nem parecia uma modesta arquitectura de cortiços: vista cá de baixo, à luz das fogueiras que ardiam em volta, mais parecia um altar gigante erguido para o Céu!... Neste “quadro” revejo a pirâmide do sonho na sua verticalidade sem fim e tentarei recompor a onírica

visão: eis a torre-pirâmide iluminada, com o fogo a alongar as sombras, a esbater contornos e a desenhar incertas configurações no escuro: um intenso cheiro a resina, tochas acesas a afastar medos e maus agouros... Enfim, um "quadro" fantasmagórico, uma miragem a que irei juntar a música de Henri Rabeaud, a sua "Procissão Nocturna", que prolongará o clima misterioso do local...

Com temor e respeito se observava, agora, a crista da torre: os operários pareciam mosquitos a colocar, cortiço sobre cortiço, cruzados sobre os anteriores; pelos degraus deixados nas paredes os carregadores escalavam penosamente, de cortiço às costas, até os fazer chegar ao topo da construção... Aqui e ali ruiam partes das paredes que logo eram refeitas e o precário equilíbrio lá se ia mantendo com a ajuda da fé inabalável daquela gente.



A girândola de rituais e procissões continuava, pedindo pela boa conclusão do projecto... "Deus havia de ajudá-los a chegar mais perto d' Ele!"... olhavam para o firmamento pontuado de milhões de candeias acesas sobre o local que iria, afinal, estabelecer a ligação entre a terra e o céu...

O cansaço, porém, dificilmente se disfarçava e começava a preocupar os responsáveis: era cada vez mais complicado fazer chegar os cortiços ao topo da torre e a cortiça escasseava nos campos. Apesar de tudo a obra prosseguia na sua lenta ascensão, a oscilar e a ranger perigosamente a cada rajada de vento. Mas nem isso retirava o entusiasmo aos mais optimistas a ponto de, entre os anciãos mais letrados, alguém profectizar que "aquela torre poderia vir a ser considerada mais uma das «Maravilhas do Mundo»".

Mas a tensão crescia e o desânimo instalava-se à medida que a torre, embora subindo, continuava a engolir cortiços e mais cortiços mas não parecia aproximar-se do objectivo proposto. A mobilização perdia fulgor, a agitação generalizava-se entre os obreiros exaustos e mal alimentados, algumas vozes discordantes eram abafadas pela força... Convocou-se uma assembléia para avaliar a situação que, depois de inventariar os problemas, concluiu que seria ainda possível salvar o projecto.

Num derradeiro e titânico esforço foi ordenado que se descortiçassem todos os sobreiros, mesmo os mais jovens, para que rapidamente fosse coroada a torre pois não faltariam já muitos cortiços. No terreiro, ladainhas e cantorias reanimavam o ambiente para o último fôlego da empreitada. O "espectáculo" encaminhava-se para o final num "quadro" de incertezas e dúvidas para o qual seleccionei Anton Bruckner pela riqueza interior da sua música, através dos celebérrimos "Scherzzi" plenos de energia no fluxo impressionante dos seus súbitos remoinhos, enquanto que, a conta-gotas, vão chegando mais alguns cortiços, logo encaminhados para as alturas... Em baixo, alguns basbaques, incitando os carregadores, esperavam a breve conclusão da obra, a concretização do sonho que poria a Lua e o Céu ao seu alcance. Junto da base da torre acotovelavam-se nervosamente para serem os primeiros a subir... Mas eis senão quando, um grito angustiado vindo da crista da torre, ecoou em cada obreiro, escadas abaixo, até atingir a multidão expectante: "Falta um Cortiço!..."

Um silêncio sepulcral abateu-se sobre o planalto: a turba emudecida olhava em redor, procurava respostas, esperava soluções. Um sentimento de profunda inquietação atingia as pessoas que, em pânico, esperavam um milagre, agravado pelo rumor longínquo de tempestade a aproximar-se, a antecipar um anoitecer de sustos premonitórios. Os relâmpagos derramavam no local uma luz fantasmagórica desenhando e apagando nas trevas as formas da torre imersa em nevoeiro e temporal... As "cenas" desta longa e angustiada espera compoem um "quadro" dramático que farei acompanhar do "Quarteto para o Fim dos Tempos" de Olivier Messiaen, até que a tempestade amaine. Aos poucos, é devolvida ao local alguma claridade. Desanuviado o clima, uma aura de esperança regressa e em "crescendo", o clamor da multidão suplanta o eco dos trovões, cada vez mais distante.

E, de novo, todos se concentram em busca de solução para o angustiante problema. Interrogado com o olhar por um dos mordomos, o mestre corticeiro, estenuado do trabalho a que fora sujeito, encolheu os ombros impotente... Até que, da multidão, surgiu um brado vitorioso com a resposta ao premente desafio: "Tire-se o cortiço do fundo que já não faz falta!". Uma grande aclamação ecoou pelo espaço com "vivas" ao

autor da providencial solução. O resultado é conhecido: ainda não tinham cessado os “vivas”, arrancado que foi o cortiço da base, a torre ruiu estrondosamente arrastando na queda os que, na crista da construção e nos degraus, esperavam pelo último cortiço e soterrando muitos dos que, em baixo, alimentavam a esperança de poderem subir...

O sonho ruía ao anoitecer! Em vez de apoteose, era o apocalipse! O eco da derrocada prolongava-se até ao infinito abafando os gritos das vítimas jazentes na base da torre e dos sobreviventes que, espavoridos, se escapavam em todas as direcções. Em breve tudo caia num silêncio de chumbo, cortado aqui e ali pelo piar agourento das corujas.

E lá de cima, da grande cúpula parecia descer uma serena paz... Tudo afinal continuaria nos eternos eixos em seus movimentos cósmicos. Imagino-me neste final da lenda, ouvindo e sentido interiormente os últimos acordes do Coral da 4.ª Sinfonia de Gustavo Mahler como que a rematar o meu “espectáculo” virtual, cujo “guião” aqui dou por terminado.

P.S. O desafio do Sr. Dr. A. S. Sousa levou-me ao presente trabalho - para ele fica um sentido Bem-Haja.

Ribeiro Farinha Outubro 2000

# OS DOZE ANOS DAS JORNADAS DE MEDICINA

**Maria de Lurdes Gouveia Barata***

A minha presença aqui será a voz duma observação já reflectida e não a de uma investigação que se comunica, como é habitual nestas Jornadas. A incursão é nas próprias Jornadas de Medicina. Vou citar nomes, sem querer desmerecer os que não cito. Trago apenas apontamentos que querem traduzir o meu gosto por há anos participar e uma homenagem, especial, dirigida aos organizadores - Dr. António Salvado e Dr. António Lourenço Marques.

**EM JORNADA PELAS JORNADAS DE MEDICINA DA BEIRA INTERIOR**

«Perenidade, só a do homem e das suas paixões, **eternamente renovadas e eternamente repetidas»**
Miguel Torga (Diário III)

Estas palavras de Torga são as que considerei ajustadas à mensagem que me proponho aqui deixar nas XII Jornadas de Medicina da Beira Interior. Já lá vão doze anos de Jornadas, estas jornadas... Jornada? Caminho que se faz num dia, que são muitos dias já e **Doze**, com a sua simbologia do número perfeito: doze são os signos do zodíaco, doze os meses, doze foram os apóstolos, daí a representação da Igreja com esse número. Assim, nesta elaboração simbólica investe-se uma rede de relações com o universal e o cósmico.

Voltando à ideia de perfeição, também Amato nos diz na I Centúria, citando Galeno:

«Raramente as doenças terminam no 12° dia, de modo que até hoje ainda não vimos nenhuma e se a alguém, antes de nós, pareceu que se deu uma crise no 12° dia, mostrou-se imperfeita, infiel, perigosa, obscura, sem sinais ou completamente má» (I Centúria, p.52)

O 12° é dia não laudável para resolução de doença, mas fica a ideia, segundo o que foi transcrito, da hipótese de evolução...

Nas XII Jornadas germina o augúrio de mais dias, a passagem, o alicerce em que se apoia um momento fundador que dá frutos. Não tinha a árvore da vida do Éden 12 frutos?

Frutos... Quantos, nestas Jornadas!

Poder-se-ia dizer com os poetas: uma **feliz navegação**. E é com António Salvado que vou exprimir esse singrar:

**FELIZ NAVEGAÇÃO**

Feliz navegação onde me levas
sem temer fados abismais voragens
valando ao sonho as portas da miragem...

Onde me guias flor da primavera
pregando a ilha para ser's plantada
e fazeres nascer vasta floresta
de amanheceres e d'azul bordada...

Aí vão ter insónias jorramentos
de lama atravessados na penumbra
d' incertezas descrenças embaraços?

Ah navegar em direcção à luz -
viver o dia a dia tardamente,
afastar névoas requebrar as urzes
que entolham os caminhos uma a uma!

ANTONIO SALVADO, Obra III, pp.240-241

Vencendo dificuldades, abriram-se caminhos numa teimosa não desistência, como o atestam as vozes guardadas nos *Cadernos de Cultura.* Vozes que não se ficam pelas linguagens especializadas, entre médicos que estudam coisas da medicina com um vocabulário de clã. Bem pelo contrário: a dimensão interdisciplinar abriu portas ao diálogo ininterrupto de *famílias* de ciências, que a ciência é mesmo transdisciplinaridade, sistema global do saber. Foi assim que a alimentação, as plantas (e tivemos, por exemplo, as comunicações do Eng. Lopes Dias), o vinho, os frutos, na cura do homem para lhe prolongar a vida, ficaram em registo oral e escrito de partilha. Também compareceram os quatro elementos: a água, as águas santas, que no verbo de encantamentos de Maria Adelaide Salvado ganharam o apelo que nasce das nossa preocupação a projectar-se no futuro: «Se no início do século o poder curativo das águas que brotam dos cinzentos granitos lançou, neste local do interior da Beira, as bases de um desenvolvimento que se esvaiu no tempo, oxalá que, neste final de século, o nosso sonho de desenvolvimento se torne realidade» (Caderno de Cultura n°13). Porquê a água como pausa de evocação? Pela sua face dupla de vida e morte. Por isso, está no grito ou no sussurro dos poetas: «Agua y los Poetas», palavra também dum poeta que é Santolaya Silva.

Foram a vida e a morte que estiveram presentes nestas jornadas. Mas foi por causa da vida. Do homem, portanto. Com a dor. A dor que (e cito António Lourenço Marques) «é um sintoma quase indissociável do quadro da manifestação da grande maioria das doenças e na descrição dos casos clínicos. Amato confere-lhe já um lugar primordial e aborda-a de uma forma que veio a persistir na investigação semiológica consagrada na medicina» (Caderno de Cultura n° 5, p.20). E não é Lourenço Marques um vigilante da Dor, de grande coração solidário?

A dor imiscui-se nas várias idades do homem, que também foram tema de estudo. As idades do homem e a vida. E na vida: «estados de alma - doença e morte» e «melancolia» e «ironia» em Amato, como diria José Morgado. E a condição feminina, num «esplendor de filha de Eva», como disse Antonieta Garcia e a mulher da Beira como disse Maria da Assunção Vilhena e outros (perdoem-me de não os citar todos, mas aí estão nos «Cadernos de Cultura»).

Passou a palavra sobre a vida, sempre num *ao lado da morte,* a grande verdade que torna aquela mais preciosa. E as panaceias..., «Panaceias nossas de cada dia, "ontem e hoje"» como diria Fanny Xavier da Cunha ou «Droga versus medicamentos», no estudo

de Romero Bandeira Gandra. Mas sem remédio, mesmo universal, é o amor na vida dos homens. Passou por aqui. Em tudo. Em tudo o que se disse. Para melhor compreender o homem e como lenimento da vida dos homens. Em parto de dor, que é sempre prodigioso (por ser vida) mesmo para além do séc. XVIII, como falou Pedro Salvado.

Amor em palavra de construção, abatendo a palavra de destruição, como alerta o verbo poético:

**ASSEMBLEIA**

Com palavras se aconselha: combater. Outros pegam nas armas e a nenhuma explicação das palavras se propaga, desenrola-se.

Gente morre. Morre gente. A cidade desprevenida deixou de o ser. Com palavras se constrói a destruição. (A. Salvado, *Obra III*, p.217)

Mas o rumor das palavras chama-nos sempre para a vida:

**INTERIOR**

Dentro das pétalas rebrilha a flor: cálida via reencontrada para a nossa gasta pele. No cansaço há sempre um grão de esperança. E na morte. (A. Salvado, *Obra III*, p.217)

A jornada do homem atento ao homem ficou gravada nestas Jornadas. Todavia, se houve vigilância da dor e do desespero, esteve implícito o esplendor da vida e toda a sedução de que é imbuída. Como em Torga:

**FANTASIA**

Canto ou não canto o limoeiro
Aqui ao lado?
Ele é tão delicado!
Tem um jeito tão puro
De se encostar ao muro
Onde vive encostado...

Canto ou não canto as tetas de donzela
Que daqui da janela
Vejo no limoeiro?
Elas são tão maduras...
E tão duras...
Têm uma cor e um cheiro...

Canto!
Nem serei o primeiro,
Nem eu sou nenhum santo!
*Antologia Poética,* p.227

Por tudo o que foi dito, fica então esta fidelidade às Jornadas, ainda expressa com o dizer poético de António Salvado (anfitrião que homenageio deste modo):

**FIEL AO PACTO**

Fiel ao pacto, selada a lealdade, edifico o roteiro, corporizo os veios mais íntimos dos minutos, testemunho com clareza as minudências intranquilas do *decurso.* Existir: causa única, firme e sincera. Prosseguindo: alheio ao destino. *(Obra III,* p.219) Prosseguir. Com a presença sempre concreta do verbo, oral, do Prof. Rasteiro, emergindo após cada comunicação, ora palavra de anuência, ora jocosa, quando não um pouco cáustica. Sempre de genial memória. A que nos habituámos, na partilha. E as três pancadas (será Moliére?) do Prof. Espinheira...

Prosseguir, já que a ponte está lançada nas relações culturais entre Salamanca e a Beira Interior, no diálogo com os ilustres comunicadores duma das mais velhas universidades.

Prosseguir e escutar a palavra emocionada do pintor Ribeiro Farinha (que fica sempre para o final de cada Jornada e cito-o no final desta homenagem).

Prosseguir, porque outros vieram (e até fazem várias comunicações como hoje aconteceu com Ana Leonor Pereira e Rui Pita) e porque outros virão.

Prosseguir, para partilharmos e nos enriquecermos mutuamente com uma visão global do saber.

Para terminar, mais uma vez peço perdão aos que não citei. Estão citados nas palavras que ficaram registadas. Porque a palavra tem poder:

**MEU CANTO**

Meu canto recusa a morte
a prenhez do desespero
denega fracos e fortes
gestação do ódio ignora
rejeita guerras e medos.

Não sabe honrar falsa luz
reflectida nas medalhas
banhadas a oiro a prata
e forjadas na desgraça
que mora agarrada ao luto.

Meu canto enjeita o recorte
da forma do sofrimento
desvenda raios de sol
nos olhos de toda a gente.
Meu canto recusa a morte.

Os poetas *cantam,* nós *dizemos.* No entanto, seguindo o canto do poeta, que continuem todas as nossas palavras, no dia a dia, nestas Jornadas, contra a morte. Na luta pela vida!

---

** Professora Coordenadora da ESE de Castelo Branco. Ensaísta e escritora.*

# LA BEIRA - 2002 - SALAMANCA

**José Miguel Santolaya Silva***

El próximo ano Salamanca celebra - por fin - conjuntamente con la ciudad belga de Brujas el pomposo título de “Ciudad Europea de la Cultura”, y para dichos fastos se ha preparado todo un castillo de fuegos artificiales y culturales que colmarán los trescientos setenta y cinco días que conforma el año, segundo del siglo.

Hace diez años Salamanca “perdió” frente a la capital hispana su denominación de “Ciudad Cultural” por motivos políticos. Si Madrid se llevó el “título”, a Salamanca le quedó el saber,... y el esperar diez años para según los poncios de las infraestructuras urbanas y políticas, la ciudad adquiriera rango de ciudad de primera... Pudiendo haber compartido dicho evento con la misma Madrid y con otras capitales de Castilla y León o viéndolo en actual plan europeo - por lo del título - con la región de Las Beiras, alguna de cuyas ciudades son hermanas, como Coimbra, Guarda, Freixo, de otras tantas ciudades salmantinas.

Los que conocemos más de cerca la problemática existente entre lo que corresponde a las regiones de las Beiras y Salamanca (Castilla y León) pensamos que a lo largo de esta década pasada, se iban a realizar las obras más apremiantes y que más favorecerían a la zona nuestra, una de las más importantes, la que más creemos, era la culminación de la autovía que une Salamanca - Vilar Formoso, carretera fatídica con más muertes de toda España a sus espaldas y en su mayoría trabajadores del éxodo portugués que vuelven a su tierra, o bien regresan de su bien merecido descanso vacacional a los países que les abrieron las puertas y les dieron trabajo y con ello el pan y un nível de vida más acorde con los tiempos que corren, pero la trampa mortal o “Carretera de la muerte”, como le llaman a la Carretera Nacional 620, les arrebata la vida y con ella la de sus hijos y familiares.

Bien poco se ha hecho por poner coto a este olvidado ofrecimiento de los políticos que desde sus sillones de la administración del estado no hacen absolutamente nada y si lo hacen es para volver a ofrecer mentiras a cambio de notas.

Una vez más y desde estas páginas de “Jornadas Médicas de La Beira Interior”, alzamos nuestra voz y de todos aquellos que ya no podrán hacerlo, para exigir que se den comienzo a las obras de la Autovía del tramo que falta: Salamanca - Vilar Formoso y evitar con ello muertes innecesarias o accidentes que conllevan gastos millonarios. etc.

Como aún no se conoce el calendario de los actos conmemorativos dei 2002, esperamos y deseamos que entre los mismos ocupen lugar preponderante las relaciones hispano - portuguesas y con carácter de urgencia la de la autovía que es la que utilizan todos los que estudian en Salamanca, los que entran a Portugal y que proceden del norte de Europa.

Por último, a todos los que visiten Salamanca en el ano emblemático 2002 Ciudad Europea de la Cultura que extremen los cuidados al utilizar la Carretera Nacional 620. Deseándoles una feliz estancia y fructíferas y amplias relaciones fraternales.

---

* *Jornalista*

Salamanca 2002
Ciudad Europea
de la Cultura

# XII JORNADAS DE ESTUDO

Nos dias 10 e 11 de Novembro de 2000, tiveram lugar no auditório da Escola Superior de Artes de Castelo Branco (Cine-Teatro), as XII Jornadas de Estudo "Medicina na Beira Interior - da Pré-história ao Séc. XXI", com um programa em que foram apresentadas as seguintes comunicações:

CONFERÊNCIA INAUGURAL

"A hidrologia espanhola e portuguesa - paralelismos e divergências"
Professor Doutor Antonio Rodrígues Sánchez - Universidade de Salamanca.

Apresentação do livro *"Medicina Judaica Lusitana"* do Professor Doutor Alfredo Rasteiro.

Inauguração da exposição fotográfica "Egas Moniz - itinerários albicastrenses".

**I - A CULTURA CLÁSSICA NA OBRA DE AMATO LUSITANO**

"*A cultura clássica, barbarismos e arcaismos em Amato*"
Professor Doutor Alfredo Rasteiro-Universidade de Coimbra.

"A História Natural de Plínio o Velho nas Centúrias de Amato Lusitano"
Dra. Maria Adelaide Salvado-Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

"A Doença Sagrada, Amato e a tradição hipocrática"
Dr. José Morgado Pereira - Hospital Sobral Cid.

"O uso da palavra médica por Amato Lusitano na tradição hipocrática"
Dr. António Lourenço Marques-Centro Hospitalar da Cova da Beira.

"Autores da antiguidade clássica nas Centúrias de Amato"
Dr. António Salvado - Escritor.

"*O Doutor António Perez contemporâneo de Amato Lusitano*"
Doutor Romero Bandeira Gandra - Professor universitário

**II - A CULTURA CLÁSSICA NAS OBRAS DE AUTORES MÉDICOS NATURAIS DA BEIRA INTERIOR**

.. A cultura clássica nas obras de dois grandes autores médicos naturais da Beira Interior: Ribeiro Sanches (1699-1783 ) e Amato Lusitano (1511 - 1568)"
Drª. Fanny André Font Xavier da Cunha - Sociedade de Estudos do Séc. XVIII.

**III - OUTROS TEMAS COM INTERESSE PARA A HISTÓRIA DA MEDICINA**

"Séc. XVI - António Vaz, médico da Guarda e Messianista"
Doutora Antonieta Garcia - Universidade da Beira Interior.

"Medicina na Beira Interior e Inquisição: estudo de um caso"
Doutor Candeias da Silva - Investigador.

"Sanistoria - nos Cadernos de Cultura "Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XX" Doutor João Rui Pita e Doutora Ana Leonor Pereira - Professores da Universidade de Coimbra e investigadores do CEIS 20.

"Novas fontes da sanistoria em Portugal. O caso da eugenia na cultura médica portuguesa"
Doutora Ana Leonor Pereira e Doutor João Rui Pita.

"*Sanistoria - Francisco Tavares, 250 anos: um marco na memória e no imaginário da medicina e da farmácia portuguesas*"
Doutor João Rui Pita e Doutora Ana Leonor Pereira.

"Egas Moniz, Investigador"
Dr. João Nabais - Médico.

"*Satã, Diabo e Lucifer: os Mil e um Nomes e uma Função*"
Dr. António Maria Romeiro Carvalho
Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica da UNL.

"Divertimento/fantasia sobre a lenda da Cortiçada"
Pintor Ribeiro Farinha.

"Salamanca e a Beira"
D. José Santolaya y Silva - Jornalista.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

"A formação de Especialistas em Espanha"
Professor Doutor José Ignacio Paz Bouza
- Decano da Faculdade de Medicina da Universidade de Salamanca.

As XIII Jornadas de Estudo "Medicina na Beira Interior- da Pré-história ao Séc. XXI" foram marcadas para os dias 9 e 10 de Novembro de 2001, com os seguintes temas: 1. Amato Lusitano, médico sem fronteiras; 2. As influências além fronteiras na/da medicina na Beira Interior; 3. As relações médico--culturais entre Salamanca e a Beira Interior: 4. Outros temas com interesse para a história da medicina.

# XII JORNADAS DE ESTUDO

## CONCLUSÕES

1 - A directriz que desde as primeiras Jornadas norteou estes encontros de estudo, alicerçada na busca de uma melhor compreensão do Homem da Beira Interior, reunindo estudiosos de várias áreas das Ciências Humanas, foi cabalmente cumprida.

2 - O programa estabelecido para estas XII Jornadas (1- A cultura clássica na obra de Amato Lusitano; 2 - A cultura clássica nas obras de autores médicos naturais da Beira Interior; 3 - As relações culturais entre Salamanca e a Beira Interior; 4 - Outros temas que interessem à História da Medicina) suscitou a apresentação de dezoito comunicações, distribuidas pelos quatro painéis, e pertinentes intervenções.

3 - De novo, Amato Lusitano, como patrono destes Encontros, mereceu acentuada atenção, tendo a sua obra sido objecto de várias comunicações em aspectos não relevados até agora. Circunstância que continua a reflectir a inesgotável riqueza do conteúdo das *Centúrias de Curas Medicinais.*

4 - Foi mais uma vez reafirmada a necessidade de se proceder à tradução do latim das restantes obras de Amato Lusitano, bem como de outros médicos naturais da Beira Interior como Filipe Montalto.Tarefa que, julgamos, deverá competir à Universidade Portuguesa, exigindo-se a intervenção de vários especialistas das Ciências Humanas.

5 - Os trabalhos patentearam a importância de se continuar a persistir no estudo de uma vasta e riquíssima documentação sobre a realidade cultural da Beira Interior, bem como na busca dos elos que, ao longo dos séculos, têm ligado esta região ao exterior .

6 - A presença de especialistas espanhóis (da História da Medicina e da Formação Médica) trouxe excelente contributo para a clarificação dos rumos que em duas temáticas, hidrologia e formação médica, particularmente nos interessam.

7 - Esta ligação com Espanha, que de ano para ano se tem vindo a reforçar, revela-se como uma significativa mais valia para o estreitamento de permutas culturais entre os dois lados da raia.

8 - De evidenciar a Exposição fotográfica " Egas Moniz - Itinerários albicastrenses", que patenteou, através da imagem e de textos, o percurso do primeiro Nobel português nesta região da Beira Interior.

9 - A publicação de mais um número dos *Cadernos de Cultura* (n° 14) com as comunicações de anteriores Jornadas foi sentida como uma evidente prova da vitalidade destes Encontros.

10 - Um aplauso generalizado foi dirigido a todos aqueles que de qualquer modo têm contribuido para a concretização deste projecto. Um particular reconhecimento se formulou à Câmara Municipal de Castelo Branco.

# JORNADAS DA "MEDICINA NA BEIRA INTERIOR DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉC. XX"

**Relação de títulos de comunicações apresentadas em vários anos e ainda não publicadas:**

ALMEIDA, Conceição - Macro-vegetarianismo: alimentação saudável para as populações dos meios rurais da Beira Baixa.

BRANCO, Manuel da Silva Castelo:
- A mulher da Beira Interior nas suas relações com a medicina (séc. XVI-XIX).
- Fontes de investigação sobre o Amor e a Morte em tempos idos na Beira Interior.

CARVALHO, Fernando Dias de - Um facto já histórico: o bócio na região da Beira e a importância da água na saúde.

CARTUXO, Daniel - Abcessos de água cristalina: a propósito de uma Cura de Amato Lusitano.

CARRERAS, António:
- Las aplicaciones terapéuticas del água en Europa en el siglo XV.
- Maximiliano Lemos (1860-1923) y Luis Comenge (1854-1916): su influencia en la historiografia medica peninsular.

CASTANHAS, Hermes de Oliveira - Utilização de instrumentos médico-cirúrgicos através dos tempos.

COSTA, Melba Pereira Lopes da - Augusto da Silva Carvalho: subsídios para a História da medicina em Portugal.

CUNHA, Fanny Andrée Font Xavier da:
- Amato Lusitano: valor científico no exílio.
- O médico e cientista Carlos França (1877-1926): sua contribuição para a história e ensino da medicina.
- Da arte de curar em Amato Lusitano no quotidiano terapêutico português no século XVII.

DIAS, António Manuel Lopes
- A estética feminina e o profissionalismo em Amato.
- Um grande precursor da bioclimatologia: Amato Lusitano.

DIAS, Cristina Lopes:
- As cristaleiras nos hospitais do século XVI.
- O imaginário da peste no século XVI.

ESPINHEIRA, A. Fortes:
- Do Regimento do Hospital Real de Todos-os-Santos: o que chegou até nós e o que se perdeu na memória do tempo.
- Plantas medicinais nas Curas de Amato Lusitano.

FERRAZ, Amélia Ricón - Museu de História da Medicina Maximiano Lemos: o seu contributo para o conhecimento da génese e evolução dos instrumentos cirúrgicos.

FREIRE, José Geraldes - Problemas literários das obras de Amato Lusitano.

GANDRA, Romero Bandeira:
- A medicina da catástrofe e o comportamento exemplar de Amato Lusitano.
- Amato - médico sem fronteiras.
- Evolução histórica do conceito de Hospital.
- O doutor António Perez, contemporâneo de Amato Lusitano.
- O Hospital, a Misericórdia e o ensino da Medicina em Goa.
- Patologia urgente de causas pró - catárticas em Curas de Amato Lusitano.

GARCIA, Maria Antonieta:
As idades da mulher - Senhoras da Beira.

- Pedras tumulares: memória de uma comunidade.
- Preceitos dietéticos judaicos e a Inquisição na Beira Interior (1 ° quartel do século XVII).

GOMES, Jesué Pinharanda - O sistema mágico na medicina popular em Riba-Coa nos meados do século XX.

GRANGEL, Luis S. - Os cuidados com o corpo na sociedade renascentista.

GYLL, Josias - Pluridimensionalidade da morte: do fantasma à realidade.

LOBO, Ernesto Pinto - O termalismo na Beira Baixa.

LONGO, Paulo - Tábuas votivas do concelho de Idanha-a-Nova : a exteriorização da intimidade da doença do espaço doméstico para o espaço do sagrado.

MARTINS, Ana Margarida - O fenómeno do curandeirismo em Penha Garcia na 2ª metade do século XX.

MENDES, J. CARIA:
- Cultura anatómica de Amato.
- A personalidade de Amato Lusitano.

MENDEZ, Andres Moreno - La enfermeria antes de Cristo.

MONSARAZ, Flávia de - O retorno do Feminino.

MORÃO, António:
- Corpo: grandeza e miséria.
- Os mitos e as idades do Homem.

NUNES, António Lopes Pires - Ribeiro Sanches: homem-médico e pedagogo do seu tempo.

PEQUENO, A. Branquinho - O luto e a dor.

PEREIRA, José Morgado
- A dor, o corpo e o sentido terapêutico pela palavra e as idades do Homem.
- O contributo de Egas Moniz no ensaísmo histórico-literário da medicina portuguesa.

RAPOSO, Luís - A pré-história e a doença na Beira Interior.

SALVADO, António
- A dor do exílio num poema de Filinto Elísio sobre Ribeiro Sanches.
- Autores da antiguidade clássica nas Centúrias de Amato.
- Louvor e deslouvor do médico na poesia portuguesa.
- O 'quinto elemento' em Amato Lusitano e no poeta (seu primo) Diogo Pires.

SALVADO, Pedro Miguel
- Cooperação transfronteiriça médico-sanitária na raia das terras de Idanha nos finais do século XIX.
- A memória da fronteira em Ribeiro Sanches.
- Feminino e masculino no Românico de Monsanto da Beira.
- Monsanto 1813 - um quotidiano de dor.

SANTOS, Camilo dos - Médicos na guerra.

SILVA, Luís Jesus - Saúde e doença: do caldo de capão do doutor Amato Lusitano ao bife das vacas loucas dos séculos XX e XXI.

SILVA, Fernando Vieira da - As lesões corporais provocadas pelo trabalho (século XIX).